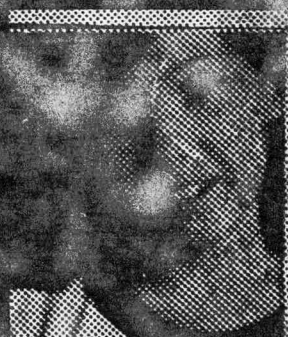


5.38

30 ANOS DO CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA 1960 1990



GDF / SEC / FEDF / ENB

Antônio José de Faria
1990

**30 ANOS DO
CURSO DE MAGISTÉRIO
EM BRASÍLIA**

BIBLIOTECA DA E. N. B.

Cosete Ramos
Doutora em Educação

• O U T U B R O 1 9 9 0 •

30 ANOS DO CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA
- EDIÇÃO HISTÓRICA -

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
I CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA: EVOLUÇÃO HISTÓRICA	5
Fase 1 - Curso Normal da CASEB (1960)	5
Fase 2 - Curso Normal do CEMEB (1961/1969)	17
Fase 3 - Escola Normal de Brasília (1970/1990)	20
II ESCOLA DE APLICAÇÃO DO CURSO DE MAGISTÉRIO	27
Fase 1 - Do Curso Normal do CEMEB (1961/1969)	27
Fase 2 - Da Escola Normal de Brasília (1970/1990)	27
III ESCOLA MATERNAL E JARDIM DE INFÂNCIA DA ESCOLA NORMAL DE BRASÍLIA (1970/1990)	40
IV ASSESSORIA DO ENSINO NORMAL (1966/1970)	46
V CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA: 30 ANOS DEPOIS	58
- Escola Normal de Brasília Hoje (1990)	58
- Programa das Comemorações	67
VI ANEXOS	71
- Curso Normal da CASEB	
* Relação de Professores e Alunas	
- Escola Normal de Brasília	
* Relação da Equipe de Direção e Professores	
* Relação do Corpo Discente	

Apresentação

É da criança que o sistema educacional retira sua razão de ser e o sentido de sua permanência. Nas escolas normais que se antecipa o futuro, pela formação dos mestres para os primeiros anos do ensino fundamental, da competência técnica, da responsabilidade social e da consciência política destes mestres depende a consolidação da nacionalidade.

A análise das estatísticas de ensino revela uma nítida correlação entre a escolarização dos pais, especialmente da mãe, e dos seus filhos, criando-se uma espécie de herança na transmissão do saber legitimado.

Cabe às escolas normais públicas evitar que tal fenômeno se cristalice, na divisão das crianças brasileiras entre favorecidas e carentes de educação e cultura, mediante a preparação de futuros professores comprometidos com a justiça social.

Sob este signo de democratização do acesso e da permanência dos alunos na escola de 1º grau, independentemente de sua origem ou classe social, nasceu o Curso de Magistério em Brasília.

Hoje, trinta anos passados, vale escrever-lhe a história. Nela se conciliaram métodos e processos modernos que, atendendo às pressões de quantidade da demanda sem decurar da qualidade da oferta, permitiram o surgimento de um Ensino Normal eficiente, adequado e atento para com a formação da pessoa e do cidadão brasileiros.

Mas como resgatar a memória das três primeiras décadas do Curso de Magistério em Brasília?

A professores, alunos e administradores do sistema solicitou-se que prestassem depoimentos sobre a visão histórica de sua passagem no Ensino Normal. Não havia nem roteiro, nem perguntas, optou-se pela liberdade de expressão, a fim de que fosse garantida absoluta fidelidade aos valores, ideais e visão crítica das testemunhas.

Resultou, assim, uma história escrita por inúmeros sujeitos que agiram e interagiram na riqueza do processo de troca de saberes, competências e funções.

E este Boletim ganhou em escopo e legitimidade.

A presente edição histórica - **30 anos do Curso de Magistério em Brasília** - recupera o sentido da missão docente, o esforço discente e a ação supervisora e orientadora do sistema, num período pioneiro da educação brasileira, para o juízo das novas gerações que nos vão suceder em deveres e responsabilidades.

Cosete Ramos

- Aluna do Curso Normal da CASEB - 1960
- Professora da Escola de Aplicação do Curso Normal do CEMEB - 1961/1965
- Professora do Curso Normal do CEMEB - 1965/1967
- Assessora-Técnica da Assessoria do Ensino Normal - CEM / AEN - 1968 / 1970
- Professora da Escola Normal de Brasília - 1970



I - Curso de Magistério em Brasília: Evolução Histórica

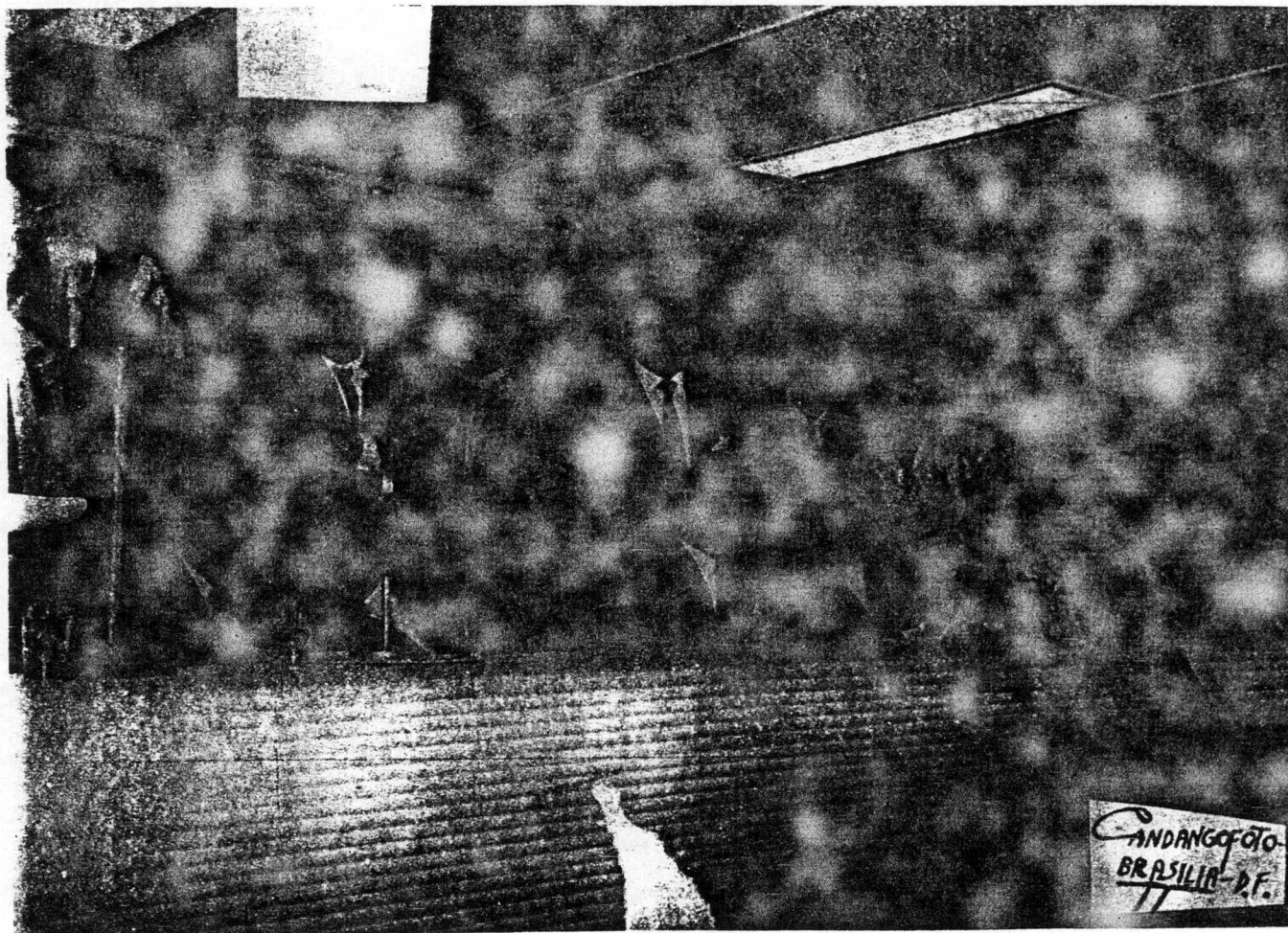
Fase 1 - Curso Normal do CASEB (1960)

"Nenhum acontecimento é mais auspicioso para esta cidade, depois de sua fundação, do que o ato que aqui nos reúne para oferecer à juventude os quatro cursos completos deste primeiro Centro de Educação Média, ponto de partida do vasto programa com que o Governo da República atenderá aos problemas da cultura da Capital do País".

JUSCELINO KUBITSCHK DE OLIVEIRA

Presidente da República - 19 de maio de 1960

Palavras iniciais da Aula Inaugural proferida na CASEB



Cena da solenidade da Aula Inaugural. Na mesa à esquerda: Presidente Juscelino Kubitschek e o Prefeito Israel Pinheiro. De pé, no canto direito os Professores Sáber Abreu (1º Diretor da CASEB), Nehyta Ramos e Mª Geny Ferreira da Silva.



Flagrante de um grupo de professores após a Aula Inaugural da CASEB. À esquerda do Prefeito Israel Pinheiro: Aci Nigi, Dorália Siqueira Duarte e Dulce Helena Kramer. À direita: Clélia de Freitas Capanema, Myriam Gessy Cunha, Maria Conceição de Freitas, Oneil Abreu, Maria Geny Ferreira da Silva, Mac Dowell, Roberto de Araújo Lima e Nehyta Ramos.

Em fins de 1959 e começo de 1960, determinado a efetuar a mudança da Capital do País, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, pressionou, ao máximo, a NOVACAP e a Administração Federal (principalmente os Ministérios da Educação e da Saúde) para que, não somente as construções dos edifícios públicos e as residências dos membros do Legislativo, do Judiciário e dos funcionários do Poder Executivo estivessem concluídas até abril de 1960, como também as condições da saúde e do ensino oferecessem pleno atendimento à população transferida. Daí é que, em novembro de 1959, convocou o então Ministro Clóvis Salgado e lhe deu instruções para que o Ministério da Educação tomasse as medidas necessárias a fim de que não faltassem escolas a todos os jovens que fossem transferidos e aos que já se encontravam residindo na futura Capital. Como resultado dessa determinação criou-se no MEC a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília - CASEB. Cabia a essa Comissão, presidida pelo Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação, Prof. Heli Menegale, e formada por diretores do MEC e representante da NOVACAP, tomar as medidas indispensáveis à montagem do sistema de ensino: seleção de professores, organização dos currículos, efetivação das matrículas, aquisição de equipamento e material escolar, montagem dos órgãos provisórios de administração da educação etc. A CASEB atuou de novembro de 1959 ao começo de 1961, quando a Fundação Educacional do Distrito Federal, recém-criada, assumiu os encargos da educação.

Professores - Vieram dar início à educação em Brasília professores de alto nível cultural e pedagógico, que foram recrutados em praticamente todos os Estados brasileiros, por meio de concurso de provas escritas e de títulos, de entrevistas realizadas por psicólogos e técnicos do MEC e pelo estudo do currículo de cada um.

Para o funcionamento dos cursos ginasial, colegial e normal encontrava-se em construção, no começo de 1960, o grande edifício já denominado "Elefante Branco" pelo Professor Anísio Teixeira. Em meados de fevereiro de 1960, era evidente, em face do volume das obras, que esse edifício não estaria concluído por ocasião da transferência da Capital. Como era compromisso formal do Presidente Juscelino Kubitschek, assumido perante Deputados e Senadores, de que haveria escola para todos os jovens que seriam transferidos, o início das aulas no mês de maio era imperativo para o Ministério da Educação e, portanto, para a CASEB. Daí a decisão, adotada em reunião do Ministro Clóvis Salgado e o Engenheiro Israel Pinheiro, Presidente da NOVACAP, no sentido de que a própria CASEB se incumbisse de conduzir a construção de edifício para abrigar os cursos ginasial, colegial e normal. Faltavam 64 dias para a inauguração das aulas. Definido o local (área reservada originalmente para a escola normal) ao mesmo tempo em que se elaboravam os projetos (pelos Arquitetos Alcides Rocha Miranda e Elvim Dubugras) tomavam-se as providências administrativas e financeiras para a construção. No dia 15 de maio de 1960, o edifício da CASEB estava concluído.

As aulas e todo o processo educativo, dinâmico, inovador, democrático e integral, com metodologia nova, em dois turnos, transcorreram em 1960, conforme o que fora planejado. Foi um ano letivo feliz e produtivo.

Armando Hildebrand
Diretor-Executivo da CASEB

Alunos. E eles chegaram de todos os pontos do País. Na frente da Escola, misturavam-se os carros do ano, jeeps e caminhões. Uns vinham de perto, outros dos arredores, especialmente do Núcleo Bandeirante (então Cidade-Livre), e dos acampamentos das construtoras. Filhos de parlamentares aprenderam a conviver com os filhos do povo, dos candangos e dos pequenos e médios funcionários.

Abertos, como toda a juventude, para o novo e a transformação, os alunos da CASEB mudaram a paisagem física e cultural da cidade e confraternizaram na construção de um novo Brasil, na tipicidade de seu linguajar e na regionalidade de seus comportamentos.

Ecilda Ramos de Souza
Professora Pioneira da CASEB em 1960

A CASEB garantiu, não apenas a presença da escola oficial gratuita e democrática. Organizou-a com a ambição de perseguir a excelência. Assim, acrescentou ao seu credo o princípio de que não só é necessário, mas é também possível a escola pública de qualidade. Naquela Escola, que se formou a partir de rigorosa seleção de professores, encontra-se uma concepção de três décadas atrás, em cujo bojo se podem identificar características hoje definidas como conquistas a realizar.

Era um trabalho centrado no aluno, que com os professores, permanecia oito horas diárias na escola. A esta procurava-se dar significado social e humano.

Os processos de ensino enfatizavam a criatividade, a espontaneidade e a elaboração pessoal. Buscava-se a reconstrução constante do conhecimento a partir da discussão e reinterpretação dos conteúdos. A experiência do aluno era muito valorizada.

A relação professor-aluno descartava qualquer manifestação de autoritarismo, a ponto de, várias vezes, termos sido acusados de excesso de liberalidade. O professor aqui chegou respeitado a partir de um salário condigno e da conscientização de seu relevante papel social naquele momento histórico. Ele seria um facilitador da aprendizagem. Seu maior empenho seria conduzir os alunos a um constante processo de descoberta. Essa tarefa transcendia a sala de aula para ocupar tempo e espaço nas oficinas, nos laboratórios, nos estudos dirigidos e nos estudos livres, nos clubes, na Escola-Parque e, até, nos encontros informais de fins de semana nas residências, nas quadras de esporte e atividades extra-classe.

Era nos trabalhos em grupo, pesquisando, discutindo e aprendendo a aprender que os alunos eram postos frente aos conteúdos e às experiências de vida, praticando cooperação, respeito mútuo, honestidade moral e intelectual.

Clélia de Freitas Capanema

Professora do Curso Normal da CASEB - 1960

O corpo discente do Curso Normal da CASEB, totalizando 64 alunas, estava organizado em três turmas, cada uma delas com a sua professora-orientadora, a saber:

1º ano normal - 37 alunas - Profa. Clélia Capanema

2º ano normal - 18 alunas - Profa. Daisy Collet A. Lima

3º ano normal - 09 alunas - Profa. Maria Conceição de Freitas

O corpo docente, composto de 12 professores, distribuía-se em função das disciplinas do currículo.

Assim, compunham a parte geral algumas matérias como: Português (Aci Nigri), Artes (Myriam), Música (Julimar), Psicologia (Daisy), Educação Física (Eduardo Jobim), Sociologia (Oneil) ...

Por outro lado, compunham a parte profissional matérias como: Prática de Ensino (Conceição), Didática dos Estudos Sociais (Lourdes), Didática da Matemática (Abgail), Didática das Ciências (Nanáa), Didática da Linguagem (Arabergue).

Em termos administrativos, coordenando todo o trabalho pedagógico realizado no Curso Normal da CASEB, estava a Profa. Maria Geny Ferreira da Silva.

Cosete Ramos

Aluna do Curso Normal da CASEB

Lecionar no Curso Normal de Brasília foi uma das maiores e mais difíceis experiências de minha vida. Transmitir essa vivência se me apresenta como tarefa ainda mais difícil.

A responsabilidade que nós, professores do Curso Normal, sentíamos por criar algo novo, junto àqueles que realmente responderiam pelas crianças que seriam, em breve, os adultos da nova capital, no fez humildes, buscando entre escolas de notável experiência em cursos normais, entre os colegas que sentiam a mesma responsabilidade e entre os nossos alunos, que sempre foram "o sujeito" de nossas ações, conteúdos e métodos que fizessem de cada um de nós o melhor profissional no nosso ramo.

Responsável pela Psicologia Educacional, disciplina que fundamenta as disciplinas técnicas do curso, elaborei um programa que serviu de base para outros que se seguiram.

Educador Pioneiro foi o papel que cumprimos com muito zelo, dominados pelos sentimentos de esperança e medo, com resultados que, hoje, podemos afirmar de total sucesso.

Éramos uma família. Convivíamos com as alunas cinco dias da semana, em horário integral. No final das semanas, participávamos de piqueniques e visitas às famílias das mesmas. Em tempo de jabuticabas, uma árvore era reservada para nós. Em tempo de mangas, muitas eram escolhidas nos próprios pés. Em tempo de jenipapo, doces eram feitos com os frutos da grande árvore da praça antiga de Planaltina.

A Equipe de Prática de Ensino englobava os professores das diversas didáticas e de Psicologia Educacional. Trabalhávamos em conjunto, buscando perceber o "como" se efetuava a aprendizagem das crianças, para bem orientá-las na aquisição do conhecimento.

Como orientadora da turma do 2º ano normal, em 1960, estudava com as alunas todas as disciplinas, técnicas ou de conhecimento geral. Eram, inicialmente, 15 alunas, enquanto a 1ª série, bem maior, tinha mais de 30 e as da 3ª série, as pioneiríssimas, somavam 9. Lecionei, nesse ano, para as alunas das 2ª e 3ª séries, uma vez que a 1ª série não tinha Psicologia em seu currículo.

Recebi das minhas alunas muitos bilhetes dizendo o quanto participava de suas vidas. Transcrevo um por revelar a extensão da nossa participação com professores-amigos. Assim está, em sua íntegra:

- "É a descoberta chocante que faz um homem pensar: se não percebi isso que outras coisas não terei deixado de ver?" (John Steinbeck)

Obrigado por ter-nos ajudado a chegar a tantas descobertas chocantes no sentido da criança, no sentido do papel do homem, no sentido do amor e de nós próprios.

Obrigado pelas mensagens que nos transmitiu, pelos livros que nos deu e nos emprestou, pelo contato real, pela conversa sempre à disposição, pelo sorriso, muito obrigado.

Que a paz escrita no cartão alcance o limite máximo de sua essência:

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vô-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João - 14-27)

Seus amigos de sempre.

O bilhete era assinado por uma aluna e seu marido.

Daisy Collet de Araújo Lima
Professora do Curso Normal - CASEB / 1960

Assim que cheguei em Brasília (24.4.60) fui convocada pela equipe da CASEB, através da Prof.^a Clélia Capanema, para atuar na cadeira de Didática de Estudos Sociais, uma vez que era habilitada para esta disciplina.

No início havia uma turma de cada série composta de poucos alunos, possibilitando ao professor a realização de um bom trabalho e relacionamento.

Com o funcionamento da Escola em horário integral, tornou-se possível a realização da Unidade de Trabalho ou de Estudos, possibilitando aos alunos maior aquisição de conhecimentos, domínio das atividades atinentes aos Estudos Sociais e a troca de experiências entre professor e aluno no que se refere ao conteúdo também de outras disciplinas.

Dentre as atividades, a que sempre considerei mais valiosa para o exercício do magistério foi a Prática de Ensino exercitada nas Escolas de Aplicação e Classe do Distrito Federal onde os alunos vivenciavam através da Observação, Participação e Regência os conhecimentos, técnicas e atividades adquiridos no decorrer do Curso, dando-me a oportunidade de uma avaliação justa e de constatar a seriedade e grandeza do Curso Normal.

O planejamento das atividades pedagógicas era feito sob a orientação da chefe de cada equipe com a supervisão da Coordenadora do Curso.

Foi uma experiência valiosíssima, onde professores e alunos cresceram em conhecimentos num ambiente de amizade, respeito e dedicação.

Maria de Lourdes M. L. Rocha
Prof.^a do Curso Normal - CASEB / 1960

A - Em 10 de abril de 1960, após realizar e ser aprovada em concurso nacional pela Comissão Administrativa da CASEB, comparecemos para uma reunião de debates, troca de experiências e de preparativos para a aula inaugural de todos os cursos, inclusive do Curso Normal, integrante da primeira escola de Ensino Médio de Brasília. Neste e nos demais encontros realizados com o mesmo objetivo, foram debatidos vários assuntos relativos ao trabalho dos professores, como sejam:

- nº de aulas semanais com inclusão dos tempos destinados à preparação de aulas, de material didático, do material de ensino destinado à melhor orientação das aulas, elaboração de estudos dirigidos.

- estudo dos meios e condições de como assistir os alunos que necessitassem de atendimento especial e como orientá-los na participação das atividades extra-classe: clube de música, clube de educação para o lar, clube de inglês, clube de geografia e outros.

B - Aula Inaugural e Início dos Trabalhos

Em maio de 1960 realizou-se a aula inaugural da CASEB. Logo depois, os trabalhos escolares foram iniciados. Foi dada ênfase por todos os professores no melhor desenvolvimento dos aspectos que contribuíam para a realização de um trabalho docente mais eficiente, mais objetivo, transmitindo uma vivência baseada na experiência que cada um trazia do trabalho realizado nos seus estados.

C - 1^a Professora de Prática de Ensino do DF

Como Professora de Prática de Ensino, procurei no contato diário com as professorandas que me foram confiadas, ouvir, discutir com elas aqueles elementos de mais proveito na elaboração de seus trabalhos e na transmissão destes aos seus alunos. E também com os demais professores da equipe do 3^o normal, não se perdia oportunidade de coletar deles a rica experiência de cada um para o aproveitamento imediato no trabalho que estava sendo iniciado. O único objetivo era o de contribuir para a melhor qualidade do ensino, culminando com o desejo que cada um tinha de acertar mais.

Todos, em equipe ou individualmente, procuravam ajudar-se, não são na transmissão de experiências do dia a dia, como na obtenção de melhor proveito do trabalho docente.

O ano de 1960 apresentou resultados valiosos obtidos nas discussões, na participação dos trabalhos, nas reuniões de equipe e de coordenação de disciplinas, dando lugar a resultados e conclusões mais objetivas e com maior segurança para aplicação na prática de ensino. Aproximou-se o fim do ano. Veio a formatura das nove alunas do 3^o normal. O Dr. Juscelino, escolhido paraninfo da turma, muito emocionado, proferiu eloquente discurso. A Profa. Cosete Ramos foi oradora da 1^a turma de normalistas de Brasília, e, no seu discurso fez uma apreciação crítica sobre o ensino de Brasília em 1960.

D - Relação professor-aluno

O bom relacionamento entre aluno era visível. Os motivos eram os mesmos: distância das famílias, do lar, do meio, o que contribuía para predominância de um carinho muito grande no modo de tratar e na familiaridade existente no meio escolar. Recordo bem do tratamento recebido de suas famílias, tudo fazendo, para que, em conjunto, tivéssemos oportunidade de suprir as deficiências e lacunas causadas pela ausência da família, a fim de readquirir forças e elementos para realizar um bom trabalho didático. Hoje, distante daqueles dias, reencontrá-las é um grande prazer.

Maria Conceição de Freitas Murat Gebaili
Prof.^a Curso Normal - CASEB - 1960

CERIMÔNIA DE FORMATURA DAS NORMALISTAS

Notícia publicada no Jornal DC - Brasília na sexta-feira, 16 de dezembro de 1960



O presidente Juscelino Kubitschek quando proferia o seu discurso de paraninfo da primeira turma de professoras diplomadas em Brasília

Emocionado JK paraninfou 1a. turma de professoras

BRASÍLIA —

Emocionado até às lágrimas, as quais procurou enxugar discretamente, o presidente da República, paraninfo da primeira turma de professoras formadas em Brasília, discursando na cerimônia de formatura, ontem, na escola-parque disse que, nos últimos dias do seu governo, somente podia sentir-se orgulhoso por sua escolha para presidir aquele ato.

A oradora da turma, senhora Cosette Ramos, em seu discurso, que mereceu os mais vivos encômios do presidente Juscelino Kubitschek, reportou-se ao programa de metas governamentais, detendo-se, sobretudo, nos problemas do ensino. Ao terminar sua oração, o presidente abraçou-a: "Você é formidável", disse, sob grande ovação.

A CERIMÔNIA

Com um coral executando o "hód nobis", prosseguiu a cerimônia, iniciada com o discurso da oradora da turma, integrada por nove novas professoras que, em seguida, prestaram o compromisso de praxe. Seguiu-se com a palavra o presidente da República, que saldou as formandas a princípio, lendo um discurso, logo abandonado para a elas dirigir-se de improviso.

Fêz o presidente as mais lísonjeiras referências ao discurso da oradora da turma, a cujo pai, o deputado Rui Ramos, se referiu a como a um homem possuidor de grande cultura.

Participaram da cerimônia o arcebispo de Brasília, dom

José Newton, o general Bayard Lucas de Lima, diretor da Fundação Hospitalar, o professor Armand Hildebrand, diretor da CASEB, e muitas outras personalidades.

As novas professoras são as senhoritas Aparecida Castilho, Casette Ramos, Daici Clarice Pereira, Irene Alves Oliveira, Maria Célia de Almeida, Maria Isabel Pinto, Lenice Camilo, Neyse Ataíde da Silveira e Mirian Azevedo.

Trecho do discurso de formatura, proferido pela Oradora da Primeira Turma de Normalistas de Brasília, Cosete Ramos, onde se faz uma apreciação crítica sobre o ensino de Brasília, em 1960.

"É justo fazer o elogio da obra que se realiza nesta Escola. Partindo da marca zero, sem recursos didáticos e pedagógicos iniciais, enfrentando todas as carências de espaço, instalações, de instrumentos e de conforto, o grupo abnegado de nossos professores, sob a liderança inspiradora do Professor Armando Hildebrand, conseguiu imprimir ao ensino de Brasília o elevado grau de eficiência, dentro de modernos padrões, quase revolucionários. Nesses poucos meses, a par das matérias de rotina, foram realizadas excursões, organizados clubes, cursos e conferências, de tal maneira que nós, procedentes de velhos centros culturais, não sofremos, aqui, solução de continuidade no ensino e no aproveitamento",



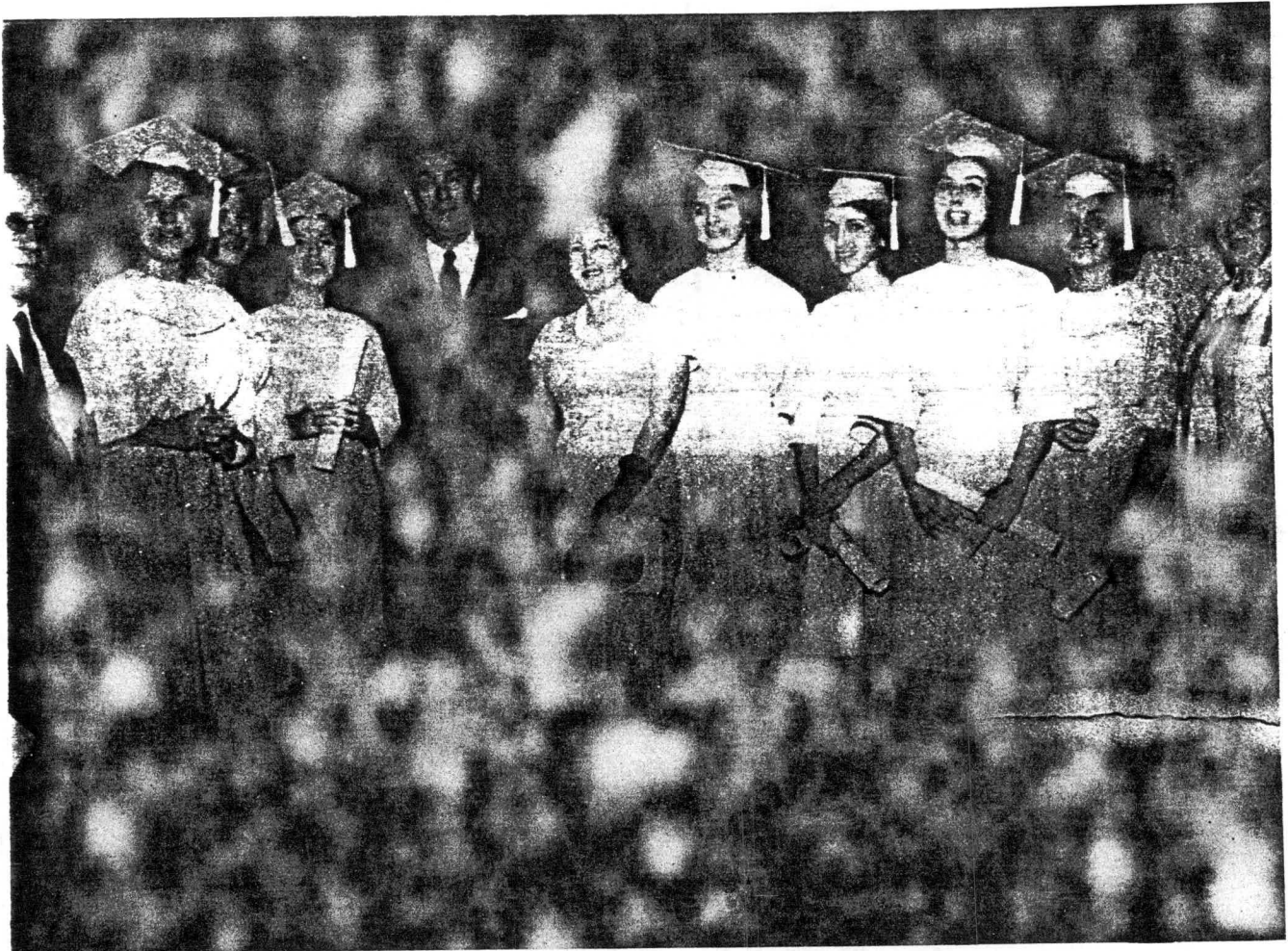
A oradora da primeira turma de mestras formadas em Brasília, Cosete Ramos, proferindo sua oração. Na mesa, o Presidente JK, o Dr. Bayard Lucas de Lima e o Prof. Armando Hildebrand.

Excertos do discurso de formatura proferido pela Oradora da Primeira Turma de Normalistas de Brasília, Cosete Ramos:

- *"Nunca o Brasil foi tão unido".*
- *"Queremos educar para que o Brasil seja eterno pela cultura e pela democracia".*
- *"...o prematuro amadurecimento em responsabilidade dos jovens libertos pela cultura e outra forma de equilíbrio interno do País".*
- *"O Presidente JK se constitui hoje no maior exemplo da vitória sobre a escassez de recursos materiais na infância".*
- *"O Presidente JK, por outro lado, constitui estímulo aos idealistas que se propõem e dispõem a levar avante, pelo instrumento da educação, o desenvolvimento do Brasil, a libertação cultural da infância e a integração social do povo brasileiro".*
- *"O Dr. Juscelino Kubitschek é filho e foi obra de uma ilustre mestra e benemérita professora primária"*



Cosete Ramos, após seu discurso, é cumprimentada pelo Presidente JK.



JK com as formandas, ao lado da Profª Maria Geny Ferreira da Silva. Na ponta esquerda, o Dr. Bayard Lucas de Lima e na direita a Profª Maria Conceição de Freitas.



Momento em que o Presidente JK, ao lado de Dom José Newton, Arcebispo de Brasília, e cercado pelas alunas. (da esquerda para a direita) Cosete Ramos, Maria Isabel Nardelli Pinto, Maria Coeli de Almeida e Daise Clarice Pereira, extravasava sua emoção em documento escrito, cujo facsímile se mostra a seguir.

A solidade por si só justifica a evocação de senti-
mentos dos primeiros
meados de Brasília.

O discurso da oradora da
turna, Assis Maria Romo,
trouxe, entre outros, uma
nota admirável de sensa-
bilidade tal altura intelectual,
tal maturidade de cultura
que não só agrada, mas
transmite o destino
da educação no Planalto
Brasília - 15-12-60
Jurelino Kubelke

I - Curso de Magistério em Brasília: Evolução Histórica

Fase 2 - Curso Normal do CEMEB (1961/1969)

Em 1960, trabalhávamos no prédio da CASEB. Em 1961, fomos para o Elefante Branco, Centro de Ensino Médio - CEMEB. Continuamos o trabalho, crescendo em número e qualidade. No CEMEB, o grupo de professores do normal se juntou a outros, formando departamentos. A Psicologia Educacional fazia parte do Departamento de Psicopedagogia, responsável pela orientação didática do CEMEB.

Dentre alguns documentos então elaborados, apresento um para exemplo do que fazíamos. Nele, transcrevemos o artigo "Universidade", do Prof.^o Agostinho da Silva, publicado no Itinerário Catarinense - Caderno 8 - Julho de 1960. Esse trabalho foi distribuído a todos os professores com a seguinte solicitação:

"Aos professores: Leiam com atenção.

Posteriormente, em mesa redonda, este artigo será debatido por todos nós, no Departamento de Psicopedagogia.

Procurem apreciar melhor os seguintes tópicos:

1 - O que podem aproveitar de "Universidade" para o C.E.M.E.B.

2 - As evidências de relacionamento entre os pontos criticados e a nossa atividade.

3 - Conclusões para um melhoramento progressivo das nossas atividades."

Dentro do plano educacional inicial de Brasília pensava-se numa verdadeira universidade de 2^a grau . . .

O Departamento de Psicopedagogia do CEMEB em 1963, era chefiado por mim e composto pelas seguintes professoras: Anna Bernardes da Silveira Rocha, Itana Maria Carneiro da Cunha Moraes, Maria da Conceição Freitas Murat Gebaili e Maria do Socorro Jordão Emerenciano. Participávamos, também, da equipe técnica do Curso Normal, que se reunia nos dias de coordenação, abrangendo os professores das disciplinas que respondiam pela formação técnica das normalistas.

Daisy Collet de Araújo Lima
Professora do Curso Normal do CEMEB

A - Ao retornar das férias de fim de ano, fui designada para coordenar o Curso Normal, cargo este que exerci até 1970. Fomos transferidos da CASEB para o Elefante Branco onde permanecemos com os demais cursos do 2^o Grau. Com essa transferência houve um momento marcante na matrícula dos nossos alunos e, conseqüentemente, dos professores. Foram também transferidos da CASEB para o Elefante Branco, as coordenações de Língua, de Matemática, de Estudos Sociais e de Ciências. Os professores, dessas referidas áreas, tinham reuniões semanais com os respectivos coordenadores, nas quais, apresentavam as suas dificuldades, discutiam os meios de saná-los e empregavam todo esforço para que houvesse unidade no trabalho e os alunos tivessem a mesma orientação didática.

B - A equipe de Prática de Ensino

Integraram essa equipe, os professores de Prática de Ensino, de Psicologia, de Didáticas Específicas, de Linguagem, de Matemática, dos Estudos Sociais, das Ciências Naturais e ainda os de Educação Musical, Educação Artística e Educação Física.

Para que houvesse coerência na prática docente, estes referidos professores frequentaram as reuniões da coordenação de cultura geral e de didáticas específicas citadas. Centralizavam assim, na Prática de Ensino, tudo que pudesse contribuir para realizar um trabalho eficiente e que atendesse às necessidades das alunas e das crianças sob sua responsabilidade.

C - Após ser organizada, foram iniciados os trabalhos da Escola de Aplicação e feita a seleção de sua equipe, correlacionando-se ao máximo a Prática de Ensino com aquela Unidade Escolar.

Os alunos buscavam na vivência diária, pela observação de aulas e participação, à aprendizagem dos elementos suficientes e necessários à sua formação docente,

Tudo isso, dependia da colaboração e da compreensão das duas equipes (Curso Normal e Escola de Aplicação), resultante do intercâmbio e de participação diária nos trabalhos existentes nas duas escolas.

D - Dez anos se passaram no CEMEB, num ambiente de trabalho contínuo, incessante, permanente e cooperativo de todas as equipes responsáveis.

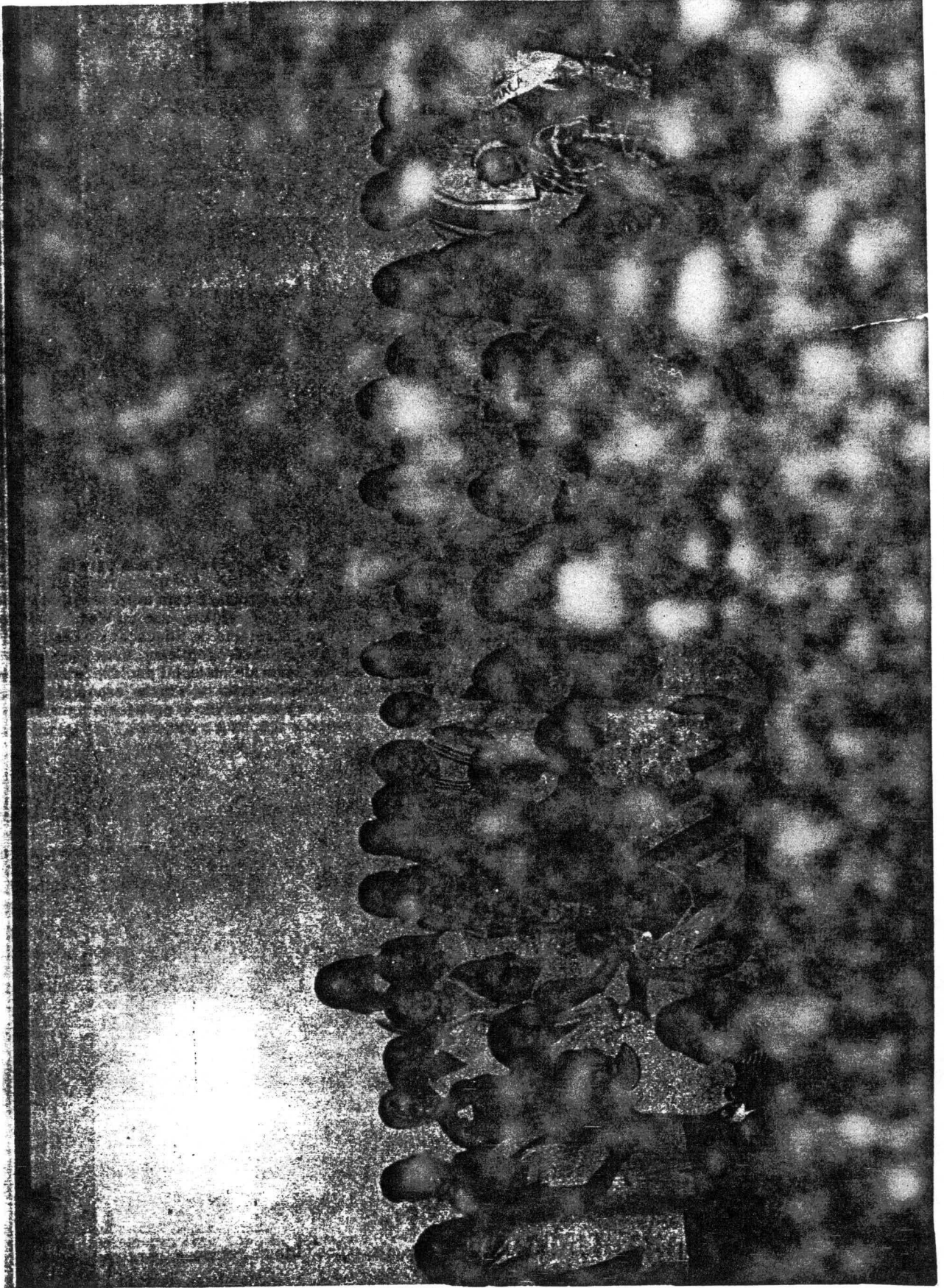
Enquanto isso, a procura ao Curso Normal era muito grande. Aumentou consideravelmente o nº de alunos e de professores, tornando-se necessária a realização de provas classificatórias para os mesmos.

A Escola de Aplicação, através de sua Diretora e Professores, se deu em entusiasmo e dedicação no sentido de que tudo funcionasse bem e nossos alunos tivessem um campo de experiência o mais rico possível e uma vivência à altura dos seus mestres da Nova Capital.

E assim, cada um procurou superar as deficiências observadas e substituí-las por um trabalho didático mais atualizado.

Maria Conceição de Freitas Murat Gebaili
Coordenadora do Curso Normal do CEMEB / 1961 - 1969





Equipe de Professoras e Alunas do Curso Normal do CEMEB e da Escola de Aplicação em 1964. 2ª fila (da esquerda para a direita): Márcia Almeida, Maria de Lourdes Moura, Felizarda, Hetty Loretti Rossi, Anna Bernardes, Branca Bakaj, Daisy

I - Curso de Magistério em Brasília: Evolução Histórica

Fase 3 - Escola Normal de Brasília (1970/1990)

Manchete do Correio Braziliense, de 29 de outubro de 1969:
" Escola Normal é inaugurada hoje "

Será inaugurada hoje, às 16 horas, a Escola de Formação de Professores do Ensino Primário, iniciativa considerada sem par no contexto educacional do país e a mais moderna da América Latina, segundo o Professor Ivan Luz, Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal. A escola, por contar com uma base física que favorece a aplicação da nova orientação educacional determinada pela Conferência de Porto Alegre e pela IV Conferência de Educadores de São Paulo, se situa numa posição de liderança, favorecendo experiências didáticas do mais alto nível. A reforma do Ensino Normal que, segundo o Secretário de Educação, já vem sendo procedida nos colégios de Brasília, está em seu primeiro ano de vigência, e poderá agora se realizar de forma mais ampla, dentro do esquema que o novo prédio oferece: 18 mil metros quadrados totalizando 55 dependências, entre as quais se destacam 16 salas de aula, 10 salas para a Escola de Aplicação, 4 para a Maternal e 6 para Jardim-de-Infância, além de uma creche, auditório para 500 pessoas, biblioteca e gabinete médico-dentário.

A professoranda, nesta Escola Normal, situada ao lado do Centro de Educação Média Elefante Branco, terá oportunidade de se exercitar na prática de sua futura profissão desde o jardim-de-infância, observando as aulas de outras professoras e, mais tarde, dando-as ela mesma, de conformidade com a teoria apreendida e os re-

sultados de uma observação. Há um fator que merece destaque no tocante a esse aspecto de observação: antigamente, quando as professorandas participavam de alguma aula, nessa qualidade, a observação ficava um pouco prejudicada pois, a sua presença na sala dispersava a atenção dos alunos que mantinham um comportamento diferente do normal, ao mesmo tempo que constrangia e inibia a professora que estava no ato de dar a aula. Na escola normal que ora se inaugura, essa dificuldade foi sanada com a instalação de um compartimento separado por um vidro, e que permite a visão de somente um lado, reservado para a observação das estudantes.

A Escola Normal não será, provavelmente, segundo o Professor Ivan Luz, Secretário de Educação, atingida pela reforma, que um grupo de Trabalho está elaborando no Rio de Janeiro, e que deverá alterar o número de anos dos cursos primários, ginásial e colegial, pois se trata de curso profissionalizante, que diverge dos outros que apenas preparam o aluno para ingressar na Universidade. A inauguração da Escola Normal contará com a presença do Prefeito da Capital, Engenheiro Wadjó Gomide, e do Secretário de Educação do Distrito Federal, Professor Ivan Luz.

Além de material esclarecedor sobre a nova estrutura, ampla exposição passará em revista tudo que se faz em matéria de educação neste governo.



A Escola de Formação de Professores do Ensino Primário passava ontem, pelos últimos retoques, para ser inaugurada às 16 horas de hoje

Manchete do Correio Braziliense, de 30 de outubro de 1969:
" Escola Normal inaugurada na W-5 será modelo para o País "



Da. Nadir de Oliveira Luz, esposa do Secretário da Educação, desfaz o laço simbólico inaugurar a Escola Normal do Distrito Federal

Foi inaugurada ontem, às 16 horas, a Escola Normal do Distrito Federal, considerada o melhor estabelecimento de ensino secundário da América do Sul. Presidiu a solenidade, em nome do Prefeito Wadjô da Costa Gomide, o Secretário da Educação do Distrito Federal, Professor Ivan Luz.

A inauguração da Escola Normal compareceram, além do representante do Ministro Tarso Dutra, da Educação, o Reitor Caio Benjamin Dias, da Universidade de Brasília, o diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal, Arthur de Azevedo Henning, o Secretário de Viação e Obras Públicas, engenheiro Sílvio Pimenta Jaguaribe, membros do Conselho de Educação, professores e estudantes, além de várias outras autoridades.

A Escola Normal do Distrito Federal, localizada na Avenida W-5, próxima ao Centro de Ensino Médio Elefante Branco, tem capacidade para mil alunos. Sua construção foi realizada num período de 18 meses. Dispõe de todos os requisitos necessários à execução do currículo do ensino normal adotado pela Secretaria de Educação para Brasília. Além das salas de aula e de administração, conta com todos os requisitos necessários à aplicação das novas normas de ensino, estabelecidas pela Conferência de Porto Alegre e pela IV Conferência de Educadores de São Paulo.

Nos 18 mil metros quadrados ocupados pela Escola Normal são encontradas 55 dependências, entre elas 16 salas de aula, 10 salas para a Escola de Aplicação, 4 para a Maternal e 6 para o Jardim de Infância. Possui também uma creche, um auditório para 500 pessoas, biblioteca e gabinete médico-dentário.

Falando durante o ato de inauguração da Escola Normal, declarou o Secretário Ivan Luz, da Educação, que "ela é a concretização de uma promessa feita no início de minha ad-

ministração e do sonho dos professores e estudantes brasilienses". Disse o Professor Ivan Luz que, durante sua gestão, a educação de Brasília recebeu do Governo toda a assistência necessária.

"Isso nós devemos - acrescentou - ao Prefeito Wadjô Gomide, que me deu completa autonomia para agir. O resultado é que, nesses dois anos e meio de administração, a Prefeitura realizou 72 obras que se faziam necessárias há muito."

"Hoje - continuou - o Distrito Federal encontra-se muitos pontos acima, em matéria de ensino primário, secundário e superior, dos outros grandes centros do Brasil."

Afirmou ainda que a professora primária é a principal responsável pelo futuro do país, pois é quem orienta a criança, forma-lhe a mentalidade e transmite-lhe toda a cultura que possui. "Desde que bem orientados no início, os jovens procurarão construir o Brasil não com pedras e pontapés, mas com inteligência e sabedoria."

O Secretário tornou público, na oportunidade, o decreto do Prefeito Wadjô Gomide, determinando a criação de mais 3 escolas-parque no Plano Piloto, duas na Asa Sul, entre as superquadras 305-306 e 212-213, e outra na Asa Norte.

Anunciou também o Professor Ivan Luz a construção, entre a Escola Normal e o Elefante Branco, de uma grande praça de esportes para todas as modalidades, que servirá a ambos os estabelecimentos.

Finalizando, disse o Secretário da Educação que, "hoje, Brasília não é mais a cidade desumana que todos diziam ser. É adulta, vibrante, e adquiriu sentimento cívico, tornando-se pioneira em todas as inovações introduzidas no ensino. Atualmente o Distrito Federal está na vanguarda do ensino nacional."

O projeto da Escola Normal de Brasília nasceu da necessidade sentida de integrar a sala de aula com a vivência do educando, permitindo que o meio ambiente trouxesse motivação real para uma aprendizagem eficiente e necessária.

Na definição das características pedagógicas brasileiras atuaram como consultores educacionais os professores: Daisy Collet de Araujo Lima, Eduardo Jobim, Germano Galler e Maria do Socorro Jordão Emerenciano.

Cerca de cem horas de discussão em grupo, enquetes entre as alunas do curso normal que funcionava no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, entrevistas com o corpo docente do ensino normal, tudo para se concluir do que proporcionaria validamente como conjunto de práticas que levaria a uma formação eficiente e atual.

A concepção cartesiana do projeto resultante visou situar pontos de interesse ao longo de eixos de acesso permitindo fácil comunicação e supervisão das áreas de ensino e de administração escolar.

Para funcionar como centros permanentes de pesquisa e experimentação pedagógica foram idealizadas quatro unidades (à semelhança da escola de Dewey, em Chicago) que visavam potencializar a formação dos futuros professores de ensino de primeiro grau:

- a unidade-laboratório primário
- a unidade-laboratório jardim
- a unidade-laboratório creche e
- a unidade-laboratório formação (normal)

Todas estas unidades seriam fonte de aprendizagem viva para os alunos do curso normal, eis que a seleção dos professores, das jardineiras e das crecheiras deveria obedecer a critério de seleção de qualidade profissional.

E a seleção do pessoal administrativo também deveria obedecer a uma preparação especial para que também se tornasse parte de um processo modelo de comportamento; e assim foi feito.

Inúmeras inovações introduzidas dizem respeito às próprias instalações sanitárias, às cantinas, às salas de repouso, aos gabinetes médico e odontológico, ao de enfermagem, todos equipados dentro de que a boa técnica recomendava. E assim funcionaram.

Todo equipamento necessário ao adequado funcionamento das atividades escolares foi especificado ao menor detalhe. Poderia parecer exagero perfeccionista, mas era, isto sim, uma filosofia de educação levada ao prédio escolar como parte especial, importante e imprescindível ao desenvolvimento de um currículo global.

Os quatro conjuntos de 4 salas, divididas por divisórias móveis, melhor, removíveis, além de possuírem isolamento acústico, permitiam sua transformação em 8 ou 4 salões, permitindo agrupar atividades didáticas. Os laboratórios de biologia, que tiveram a orientação do Dr. Edgar van Den Beusch, possuíam plataformas externas para a colocação de biotérios eram equipados com dispositivos de proteção contra incêndios e explosão.

O salão do auditório foi pensado como área de uso múltiplo, e o palco possui camarins e dispositivo para cenários. A cabine de projeção está equipada com projetores de 16 e 35mm e mesa de comando de distribuição de som e luz.

Atuando como fator de amenização, os jardins, para os quais abrem todas as salas de aula, levam ao interesse pelas coisas vivas, para o que o verde pede e dá.

O parque de recreação, especialmente projetado após a construção da Escola, teve elogio de revista de grande circulação, que o fotografou como "paisagem de centro, que se não é lunar é de outro mundo".

São 12 mil metros quadrados de ambiente sadio, alegre, de intensa atividade. E já dizem que o espaço já se tornou pequeno..

Vinte anos são passados desde que a Escola Normal de Brasília começou a funcionar neste prédio; as necessidades sentidas aumentaram, mas o prédio sempre convida a nele permanecer, a pensar, a conceber, a sonhar.

Arquiteto Germano Galler

Presidente da Comissão Responsável pela elaboração do Projeto da ENB

A Escola Normal de Brasília foi criada pelo Decreto nº 1.306 de 05 de março de 1970, por ato do Excelentíssimo Senhor Governador do Distrito Federal, Hélio Prates da Silveira, publicado no Distrito Federal, de 6 de março de 1970.

Por força do que dispõe a Portaria de 06.03.70 do Exmo. Senhor Secretário de Educação e Cultura do D.F., assumimos os trabalhos da Escola Normal de Brasília, respondendo pela Direção até a data de 22.09.70, quando a assumimos, de direito, em consequência da criação do cargo de Diretora da Escola Normal de Brasília: nomeada por Decreto nº 17.09.70, tomamos posse em 22.09.70.

Conosco trabalharam no I semestre de 1970 o professor Marco Antônio de Moraes, inicialmente por efeito de Portaria do Exmo. Secretário de Educação, para dar início às atividades da ENB, respondendo pelo aspecto administrativo. Assumiu, de direito, o cargo de Assistente de Direção em 04.06.70.

Encontramos no trabalho as professoras Maria Conceição de Freitas Murat Gebaili, Dulce Guimarães como assistentes do Curso Normal do CEMEB e a professora Maria de Lourdes Moura Lima Rocha, Diretora da Escola de Aplicação que conosco continuaram trabalhando.

Transferidos para a Escola Normal de Brasília, professores e alunos do CEMEB dos cursos diurno e noturno, iniciamos em 09.03.70, e encerramos em 21 de dezembro as atividades escolares.

Para a organização da Escola Normal de Brasília, várias eram as frentes de trabalho a serem atacadas.

A primeira já se impunha: o início das atividades discentes e docentes ao mesmo dia em que assumimos o comando da ENB. As demais deviam ser atacadas com urgência, estabelecida a prioridade de acordo com as necessidades e as possibilidades de atendimento na organização da escola.

Antes de assumirmos a Direção da ENB estivemos visitando as 137 dependências e 20 jardins que constituem os 12.000m² de sua construção e atentamente ouvíamos as explicações do arquiteto, nosso acompanhante e guia, professor Germano Galler quanto à construção, à destinação das salas, à racionalização e funcionalidade propostas ao projeto e na construção do estabelecimento.

Aprendemos nesse encontro três pontos fundamentais:

1º - A escola foi arquitetada como um todo: não se constitui de partes estanques. É UMA UNIDADE. Daí o ponto de partida para o primeiro princípio a ser estabelecido para o trabalho - UNIDADE - física, unidade na estrutura orgânica, unidade no comando, na direção, nas assistências, no trabalho docente, discente, independentes de turnos, no trabalho administrativo. Era o primeiro desafio que recebíamos.

2º - A beleza arquitetônica, o aparelhamento de 1ª qualidade, os jardins, as salas de aula com paredes envidraçadas, um convite à abertura do espírito do educador, a mensagem encontrada em um dos quadros-negro: "Esta é a escola mais bonita de Brasília, levou-nos a reflexão do privilégio que aqui se constitui trabalhar e estudar e da necessidade dessa conscientização." Daí consideramos a conscientização como princípio que pudesse levar à participação, à responsabilidade, à disciplina e ao trabalho cooperativo de quantos aqui viessem estudar e trabalhar.

3º - Como consequência da própria estrutura física (12.000 m² de construção), da variedade de níveis e graus de ensino (da creche ao curso de formação de professores primários), da diversidade de atividades e da necessidade de um trabalho cooperativo, consideramos o princípio da descentralização de tarefas e atribuições, a delegação de competência e a responsabilidade correspondente à função que se desempenha ou exerce.

Após a visita ao estabelecimento de ensino tivemos um encontro com a Professora Consuelo Menezes de Garcia Lima, Assessora-Chefe do Ensino Normal da Coordenação de Educação Média. Fomos informadas do trabalho que vinha sendo realizado nos Cursos Normais, bem como nos foram entregues e colocadas à disposição publicações da AEN.

Participamos, também a convite da Assessora-Chefe, da primeira reunião da ENB com Assistentes do Curso Normal em Estabelecimentos da Rede Oficial de Ensino, em 05/03/70.

Embora a Escola Normal de Brasília iniciasse suas atividades em 1970, a experiência docente e discente das chamadas nova e velha estruturas e da Escola de Aplicação já existia supervisionada pela AEN com assistência aos cursos que funcionavam no CEMEB e se transferiram para ENB. Daí estabelecemos o 4º princípio de trabalho a continuidade.

Baseada nestes princípios:

- Unidade de comando e de ação
- Trabalho cooperativo (conscientização, participação, responsabilidade e disciplina)
- Descentralização
- Continuidade

demos início ao trabalho que nos foi confiado.

O trabalho que ora registramos significa um pouco, do muito que se tem a fazer, de muito que se pode explorar e aproveitar dos recursos materiais e humanos da Escola Normal de Brasília.

Pretendemos que êle tenha constituído um trabalho de todos - o esforço, a dedicação, o interêsse, o entusiasmo e porque não dizer, o amor pela ENB de quantos aqui trabalham e estudam permitiu-nos realizar, senão o que desejamos - permitiu-nos realizar o melhor que pudemos.

Stella dos Cherubins Guimarães Trois
1ª Diretora da Escola Normal de Brasília - 1970



Relação de Ex-Diretores da Escola Normal de Brasília:

1. Stella dos Cherubins Guimarães Trois - 1970-1971
2. Domingos Waldemar Bisinotto - 1971
3. Faustino José Muraro
4. Francisco Afonso de Castro - 1974 - 1975
5. Lucy Sesana Prieto - 1975 - 1979
6. Maria da Penha Almeida - 1979 - 1988
7. Virginia Filomena Brandão - 1988 - 1989

Em 1970 o Curso Normal foi transferido para a Escola Normal de Brasília. Instalados confortavelmente ganharam os professores e alunos, salas de aulas amplas, bem mobiliadas, com material didático ao alcance de todos.

A Professora Stella Guimarães, sua 1ª Diretora, foi assessorada por mim, na vice-direção e por mais outros professores na assistência pedagógica e orientação no ensino. Ajudamos-lhe muito, transmitindo todas as informações necessárias relativas aos corpos docente, discente e administrativo. Empreguei o máximo de esforço para que o trabalho didático fosse conduzido à altura das necessidades da ENB.

Tudo em função do aluno era a tônica predominante do nosso dia a dia. A compreensão desse objetivo por parte de nossos alunos contribuía na melhor realização do trabalho discente.

Tudo se fez no sentido de que o seu enriquecimento de experiência se tornasse cada vez mais crescente e mais satisfatório.

O corpo docente era constituído de elementos de uma vasta cultura geral, valor esse que assegurava um futuro brilhante e promissor para os nossos alunos.

Prova evidente de um resultado satisfatório era a transferência direta das alunas, da sala de aula, no caso de Didática Geral para se submeterem, com êxito, ao vestibular na UNB.

Maria Conceição de Freitas Murat Gebaili

• Vice-Diretora da Escola Normal de Brasília - 1970

- Professora de Didática Geral, Didática da Linguagem, Sociologia Educacional e Estrutura do Ensino de 1º e 2º Graus (1971 a 1978)

- Supervisora da Escola Normal de Brasília pelo Complexo Escolar "A"

Em 1969, após estudos técnico-administrativos feitos por comissão constituída pela Secretaria de Educação, e da qual fiz parte, inicia-se novo momento para o curso normal, em sua sede própria, a Escola Normal de Brasília.

Nossa Escola Normal de Brasília, tão idealizada e finalmente concretizada, passou a ser regida, a partir de 1970, pelas Normas Regimentais para o Curso Normal Oficial, elaboradas pela Assessoria do Ensino Normal e aprovadas pelos Pareceres N.os 59/69 e 38/70, do Conselho de Educação do D.F.

Ao me afastar, primeiramente para o MEC/Departamento do Ensino Fundamental e, posteriormente, para dirigir o Ensino Especial da Secretaria de Educação do D. Federal/Fundação Educacional do D. Federal/Departamento de Pedagogia, recebi da Escola Normal os seguintes dizeres que revelam o apreço dos colegas e alunos:

"Profª Daisy

Maior é o desejo de apelar: 'Fique conosco', como outrora apelaram os discípulos ao Mestre, que deixar ir a nossa querida mestra e educadora, nossa companheira e amiga durante esta primeira década de labor incansável e profícuo, no magistério brasiliense, para desempenhar outras funções, também úteis, porém fora do nosso convívio diário.

Registramos nossos agradecimentos e desejos sinceros de vê-la retornar à nossa Escola Normal, assim que lhe seja possível e conveniente.

Felicidades lhe desejam os colegas, alunos e amigos da Escola Normal de Brasília. Brasília, 21/08/71"

Daisy Collet de Araújo Lima

Membro da Comissão responsável pela elaboração do Projeto da ENB

Notícia publicada no Correio Braziliense, de 19 de fevereiro de 1973.
Manchete: "Escola Normal, Onde Aprender Sem Sacrificio".

"A criança é o pai do adulto", citando a frase de Maria Montessori, a professora Ivonilde Faria Morrone, participante da equipe orientadora da Escola Normal, colocou a importância de se considerar a criança como um ser integral e de respeitá-la como tal. A Escola Normal tem sido palco de experiências inovadoras no setor de pedagogia, experiências estas que entusiasmarão muito o secretário de educação, embaixador Wladimir Murinho, a ponto de se estar pensando em estender os métodos da Escola para toda a rede oficial.

Professor Francisco Afonso de Castro, diretor, explica que essas inovações só foram possíveis, a partir do momento em que se instituiu um corpo pedagógico para toda a escola, desde o jardim até o curso normal.

— Antes existiam aqui três equipes pedagógicas, uma encarregada de orientar o jardim, outra tomando conta do 1º grau e uma terceira que respondia pelo curso normal. Esta divisão conseguia apenas fragmentar a orientação fazendo com que a Escola fosse única apenas fisicamente, já que, na prática, existiam três unidades independentes, ou quase.

Foi apenas depois da união e integração do corpo pedagógico que se pode dar início às transformações que fizeram da Escola Normal de Brasília unidade que integra o jardim, 1º grau e normal, uma escola modelo, capaz de impressionar as autoridades responsáveis pelo setor, no sentido de estender a experiência para todas as escolas da rede.

As experiências que se processam na escola têm como objetivo o aprendizado mais rápido e eficiente sem sacrificar para tanto a felicidade e liberdade das crianças. O método utilizado é bastante eclético, aproveitando de cada teórico aquilo que for positivo e que coincidir com os objetivos da escola.

Através da Unidade de experiências, baseada sobretudo em Decroly - em um parêntese a professora Ivonilde esclarece que partiram de Decroly, mas após as contribuições da equipe orientadora, se distanciaram bastante do original eles assentaram as bases do programa. Mais do que matérias integradas eles utilizam o método vivencial. Este método age no sentido de partirem de experiências concretas e só depois de ter vivenciado concretamente, é que se passa a dar o material teórico.

Um exemplo é a terceira série que está cumprindo o programa Nossa terra nossa gente, com aulas no Catetinho, ao ar livre. Ali, os alunos vivenciam concretamente o material a ser conhecido, depois, ao voltarem para a escola, é feita a complementação. A professora Ivonilde ressalta que, o melhor neste método de ensino, é que a disciplina é aprendida pelo aluno de uma forma totalmente consciente. Assim, dificilmente ele terá possibilidades de decorar ou se desinteressar pelo que é ensinado.

Baseada neste princípio, a mesma professora escreveu dois livros para alfabetização

aos alunos do Jardim, de seis anos. A primeira lição do livro é ilustrada com uma criança dando cambalhotas. Em baixo, está escrito: "Toninho, olhe: "Antes de entrar na lição, as crianças são levadas ao parque, onde a professora pede, a cada uma, que dê cambalhotas. Em seguida pede a elas que chamem algum colega. Esta é a primeira parte do método vivencial: viver a experiência. Desta forma, ao chegarem na sala de aula e serem apresentadas ao livro, as crianças, imediatamente, identificaram a situação.

Elas aprendem desde o jardim que é necessário conviver com outros meninos, em liberdade, mas uma liberdade consciente, que não prejudique a comunidade. Desta forma, elas tem liberdade total, dentro da sala de aula. Podem andar livremente, cantar ou conversar, desde que estas atitudes não venham a prejudicar seus companheiros.

Assim, a Escola Normal de Brasília, recebendo muitos elogios, alcançando muito sucesso e enfrentando uma série de problemas, assumiu a condição de Escola-Modelo e, talvez tenha criado um novo método de ensino - que poderá ser estendido a todo o Brasil - através do qual é possível a alfabetização de crianças já no Jardim dando origem a crianças saudáveis e felizes, não neurotizadas pelo arcaico método que "impõe" e "enfia" na cabeça deles, à força, aquilo que podem aprender se divertindo.

II - Escola de Aplicação do Curso de Magistério

Fase 1 - Do Curso Normal do CEMEB (1961/1969)

Fase 2 - Da Escola Normal de Brasília (1970/1990)

Como começou ? Um pavilhão de madeira, em torno de 100 alunos, oito professoras, dois serventes, um diretor e um vice-diretor.

Quando iniciamos as aulas, em 1961, a escola não dispunha de mobiliário. Mas, as famílias exigiam o atendimento escolar.

A escola oferecia estudos de 1ª à 5ª série do primário.

Era uma casa de madeira, um módulo extenso, tendo ao longo dele as salas de aula, a administração, a cozinha e os banheiros, tudo iniciando na estreita varanda que abarcava toda a frente.

Jamais me deparei com escola tão limpa.

Os alunos cuidavam, realmente, das paredes, arnamentavam as salas, zelavam os móveis e, o mais importante, gostavam, e muito, daquela escola rústica, provisória, mas sólida e bem cuidada.

O não dispormos de móveis, propiciou-nos uma das mais ricas experiências educacionais: o ensino fora da escola.

Diariamente, discutíamos, no grupo de professores, o que fazer. E íamos construindo um currículo no cotidiano. Assim, os alunos conheceram a fauna e a flora do cerrado, em excursões de exploração e caça de espécimes nas imediações da escola.

Visitaram os mercados da SAB (Superintendência de Abastecimento de Brasília), os únicos então existentes, e estudaram como se fazia o provimento de gêneros alimentícios, estendendo o estudo para as possibilidades de produção de Brasília e do Distrito Federal.

Acompanharam a construção de prédios, analisando materiais e sua origem, profissionais envolvidos e suas funções, projetos, dificuldades oferecidas pela cidade que se iniciava, características do solo etc...

É verdade que, então, os deslocamentos dos alunos eram facilitados pelo escasso tráfego dos poucos carros com que a cidade contava.

O regresso à escola trazia, também, novidade. A professora sentava-se com os alunos, em folhas de jornal ou de papel de embrulho, e discutiam, juntos, as experiências, novas também para a professora.

Era assim que os alunos contavam e ouviam histórias, ouvindo discos trazidos de casa e tocados no aparelho cedido por uma professora.

Era assim, também, que assistiam a filmes apanhados por empréstimo no Colégio Elefante Branco, viam a projeção de slides, fruto de suas andanças.

Em nosso programa, as aulas de Educação Artística tinham destaque especial, não só para o processo de libertação do menino, mas como instrumento de integração das aulas.

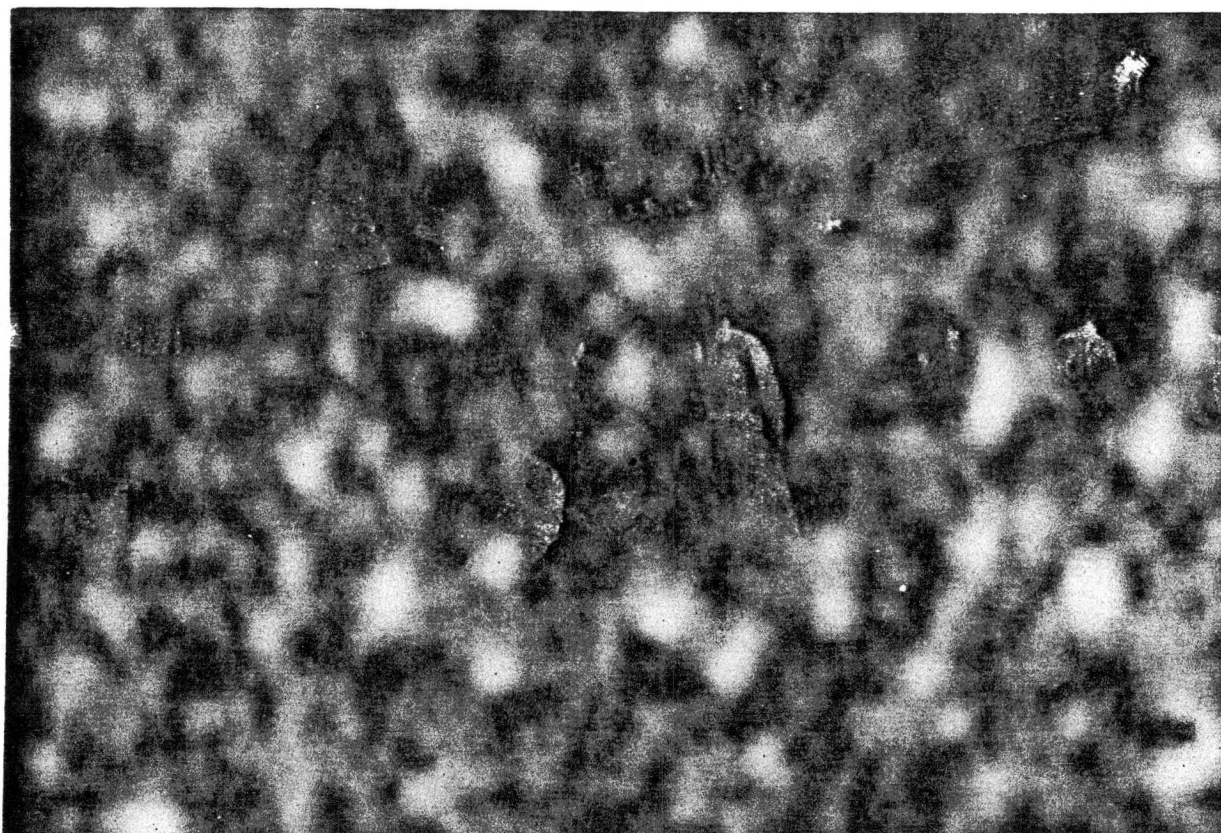
Aquele começo valeu por um curso de qualificação pessoal da escola, uma escola que o primeiro grupo de professoras jamais deixou que fosse abalada em seu prestígio junto à comunidade.

Foi assim que, quando os móveis chegaram, alunos, professores e servidores, ao arrumá-los, sabiam que eles representavam pouco para um programa que pretendia situar as crianças naquela cidade que nascia, que não era de nenhum de nós, mas que começávamos a conhecer, a entender e a amar.

Com orgulho, registro o nome das professoras:

- Maria Coeli Almeida (1ª série)
- Dinah (1ª série)
- Daise Clarice Pereira (2ª série)
- Olinda Rocha Lobo (3ª série)
- Cosete Ramos (4ª série)
- Benedita Araujo dos Santos (5ª série)
- Nélida Renê Gomes Willadino (Biblioteca)
- Elmira Hermano (Artes)
- Ivone Rodrigues Costa (Vice-Diretora)

Anna Bernardes da Silveira Rocha
Primeira Diretora da Escola de Aplicação - 1961



Alunos e Professores da Escola de Aplicação em 1961. Ao fundo o prédio da "Escolinha".

Com a mudança do Curso Normal da CASEB para o CEMEB (Centro de Ensino Médio - Elefante Branco), em 1962, decidiu-se instalar a Escola de Aplicação do Curso Normal no prédio, provisório, de madeira, perto do Elefante, onde, no ano anterior, funcionavam os Cursos Clássico e Científico da CASEB.

A Professora Anna Bernardes, em fevereiro de 1961, fora aprovada em Concurso Público, de títulos e provas, inclusive de aula prática, para o Curso Normal, e, em seguida, convidada para dirigir a Escola de Aplicação.

O corpo docente da Escola foi composto, inicialmente, por algumas normalistas, formandas do Curso Normal da CASEB. Como forma de "prêmio", por sua classificação no final do Curso Normal, foram convidadas as seguintes professorandas: 1º lugar - Cosete Ramos; 2º lugar - Maria Coeli Almeida e 3º lugar - Daise Clarice Pereira.

A seguir, a primeira colocada no Concurso Público para Professora de Escola-Classe, em 1961, Nélida Renê Gomes Willadino incorporou-se ao grupo inicial.

A outra parcela do corpo docente da Escola de Aplicação foi sendo recrutada por convite da própria Diretora da "Escolinha".

Cosete Ramos
Professora da Escola de Aplicação

Aprovada pela Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB), cheguei a Brasília em 1960 para juntar-me, aos demais professores recrutados nas diferentes regiões geográficas do País. Servi, inicialmente, como professora primária na Escola Classe da Vila Planalto, onde demonstrei aulas para as matérias teóricas do Curso Normal, até à organização da unidade escolar que seria criada para esse fim.

Iniciei, no ano seguinte, minha longa experiência em Administração Escolar, atuando como Vice-Diretora da Escola de Aplicação do Centro de Ensino Médio (CEMEB), alternando esta função que ocupei pelo período de seis anos, com a Diretora pelo período de um ano.

Na administração da Escola de Aplicação do CEMEB, participei da organização da vida da escola, criando, muitas vezes, oportunidades para que lá se desenvolvessem experiências pedagógicas da mais alta importância para a formação de novos professores que faziam daquela escola um laboratório vivo para a sua prática docente.

Ivone de Souza Rodrigues Costa
Vice-Diretora da Escola de Aplicação - 1961 e 1963 a 1967
Diretora da Escola de Aplicação - 1962



1962. Alunos da 4ª série primária rodeando as Professoras Cosete Ramos e Ivone Rodrigues.

Em junho de 1964, ao assumir a direção da Escola de Aplicação, procurei seguir a mesma linha de trabalho já existente, imprimindo, porém, uma nova dinâmica envolvendo-me em todas as atividades.

Era uma escola de madeira com poucas salas de aula, biblioteca, cantina e sala de direção, mas o ambiente era muito acolhedor.

Todos que trabalhavam nesta Escola tinham horário integral.

Os professores e orientadores pedagógicos eram jovens entusiastas da educação e em especial da Escolinha de madeira.

As salas de aula eram pequenas comportando poucos alunos, permitindo às crianças e professores um bom relacionamento e a realização de um trabalho eficiente.

Em 1967 a Escola de Aplicação passou a funcionar no Elefante Branco, pois, naquele local seria construído o prédio da ENB.

Em março de 1970 foi inaugurada a ENB, onde a Escola de Aplicação passou a funcionar nas duas primeiras alas de entrada do prédio. As salas de aula eram amplas com número limitado de alunos, uma vez que deveriam acolher também, as normalistas e seus professores durante as atividades pedagógicas.

Trabalhar na Escola de Aplicação, naquela época, era quase um prêmio; após convite da Diretora da Escola, a professora era entrevistada e requisitada ao Departamento do Ensino Elementar, o qual dava prioridade de atendimento, por se tratar de uma Escola de Formação de Professores.

Os professores requisitados permaneciam lotados em suas escolas de origem e recebiam gratificações em decorrência do trabalho diversificado e pelo horário integral.

Os orientadores pedagógicos eram professores das didáticas específicas do Curso Normal da ENB colocados à disposição da EA.

O relacionamento entre professores e orientadores transcorria num ambiente de camaradagem, respeito e confiança mútuas.

A administração da Escola de Aplicação era feita por professor da Escola Normal devidamente habilitado e a indicação para o referido cargo era de responsabilidade do Diretor da Escola Normal.

Tive muito êxito na administração da EA, pois, fui muito feliz na indicação das vices-diretoras que me auxiliaram. Eram dedicadas, competentes e dinâmicas. A secretaria da Escola estava sob sua responsabilidade com o auxílio de professores igualmente competentes.

Os funcionários encarregados da limpeza e da cantina eram da ENB, colocados à disposição da EA.

A EA sempre contou com uma equipe de Orientadores pedagógicos competentes que desenvolviam eficiente trabalho de orientação, acompanhamento e avaliação.

O atendimento às aulas práticas do Curso Normal era prioritário, podendo os professores e normalistas dela fazer uso para a aplicação e experimentação de métodos e processos que viriam contribuir para o enriquecimento da aprendizagem.

Em 1965, a Professora Ivonilde, especialista em Didática da Linguagem, introduziu um Plano de Alfabetização de crianças de 5 anos e meio a 6 anos cujo resultado foi satisfatório, uma vez que se fez um acompanhamento sistematizado até a criança vencer a 2a. série.

No que se refere à alfabetização sempre houve processos variados para dar a normalista vivência e domínio da aplicação dos vários métodos.

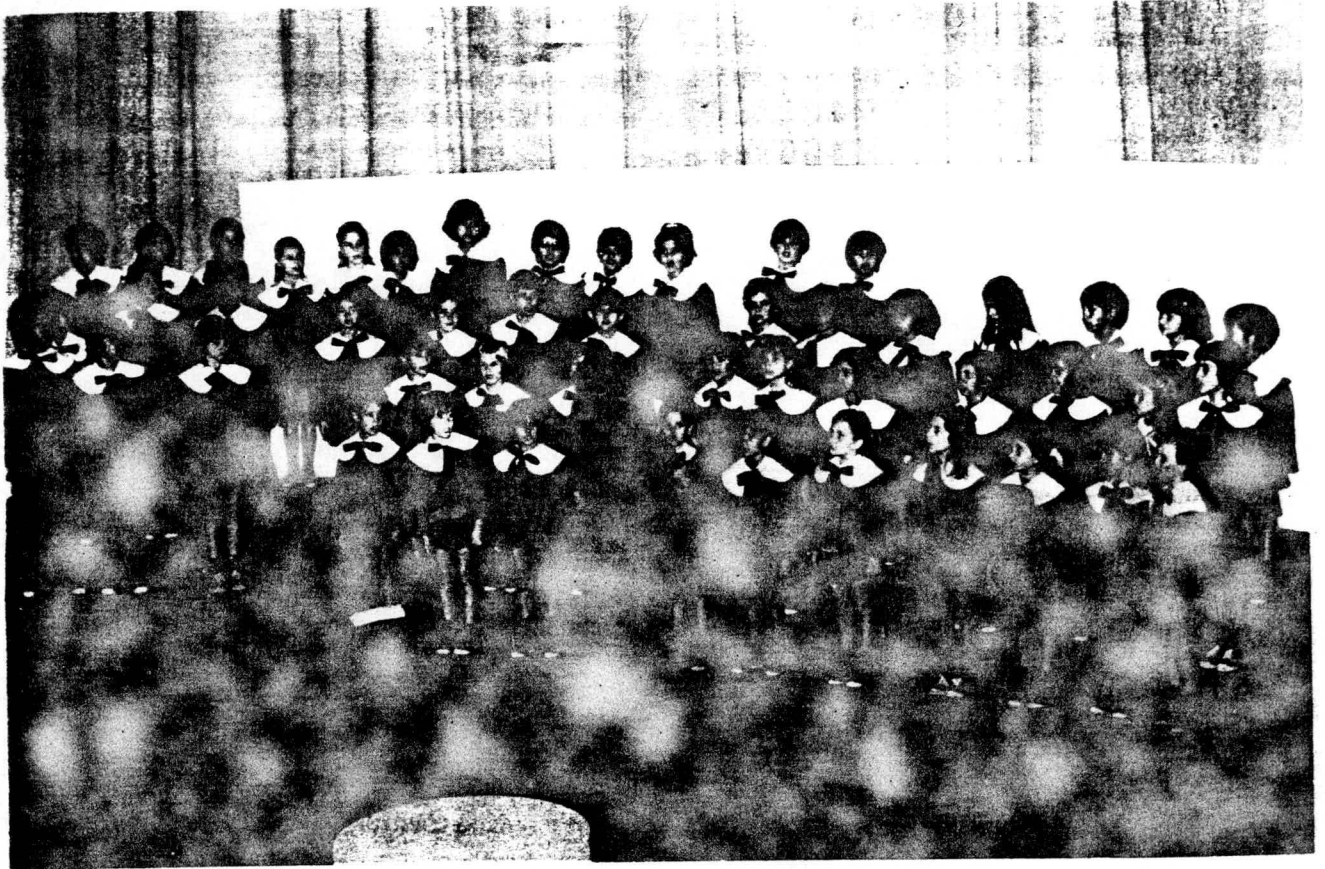
Os professores das Práticas Educativas procuravam através dessas atividades desenvolver na criança seu gosto pelas artes plásticas, musical e esportiva, a fim de integrá-la no meio sócio-cultural em que vivia. Organizou-se um Coral Infantil, cuja projeção trouxe muita alegria aos pais e autoridades educacionais. Este coral era conhecido por "Canarinhos da ENB".

Manter um ambiente de cordialidade, confiança e amizade sempre foi nosso empenho.

Estou convicta de que tudo o que fiz foi por amor a educação porque sempre acreditei na capacidade que possuímos de transformar os destinos da humanidade através da Arte de Educar.

Maria de Lourdes Lima Rocha
Diretora da Escola de Aplicação - 1964 a 1974





Coral da Escola de Aplicação, sob a regencia da Prof^a Mariléia Pompeo.

Desde o momento em que senti forte desejo de registrar minha passagem pela Escola de Aplicação, foi comovente para mim sentir que na tentativa de fazer o levantamento das experiências, fui levada a um reencontro com antigas sensações e emoções e era como se eu estivesse voltando ao centro de mim mesma.

As imagens se formando, encontrando-se e, em ondas vibratórias, envolvendo todas os meus corpos! ...

Formas ... cores ... sons ... cheiros ... e sabores ... tudo contribuindo para um envolvimento profundo e total: as crianças, o barraco de madeira, o chão e o cerrado ...

Brasília acabava de ser inaugurada. Professores de todos os Estados chegavam à Nova Capital, desejando criar um modelo de ensino. Na crença de serem concretizados valores sonhados, iniciamos um trabalho piloto de 1961 até 1976 na Escola de Aplicação de Brasília - local onde professorandas do Curso Normal observavam as aulas e iniciavam a prática de Magistério.

Passo aqui a relatar uma experiência única, pois não é todo dia que se cria uma nova capital num País !

Em maio de 1961, fui convidada pela Professora Anna Bernardes - 1^a Diretora da Escola de Aplicação - para ser a Professora de Artes da mesma, com liberdade e autonomia para realizar o trabalho dentro das minhas concepções filosóficas e base didática.

Eram, então, seis turmas de vinte e cinco crianças, de 1^a à 5^a séries do Curso Primário.

A sala do barraco de madeira, lá no fim do corredor, com banquinhos, carteiras e pia, foi logo batizada de "Sala de Artes" e para ali as crianças iam despejar suas emoções: alegrias, medo, tristeza, tensão, agressividade, angústia, suavidade, poesia ...

Às vezes, saímos para passear nas redondezas da "Escolinha". Naquela época o mato vinha até pertinho e era gostoso entrar por ele a dentro. Durante a caminhada, vinha o convite:

Tia Mirinha, vamos correr? E a gente corria ...

Depois brincávamos de ficar bem caladinhos para ouvir os sons ali existentes: o barulho do vento conversando com as árvores, as vozes dos bichinhos que nem sempre conseguíamos ver com os olhos e então alguém dizia: eles são invisíveis! E outra criança completava: deve ser fantasminha de bicho! ...

Apareciam as borboletas: umas sapecas, brincando de pique-esconde com a gente e outras tão distraídas que nem percebiam os vinte e cinco pares de olhos a observar suas cores, formas e movimentos.

De repente, bem perto, um pé-de-vento rodopiando, rodopiando, unindo folhas e terra num ritual sonoro, cinestésico e plástico que ia subindo, sumindo e chegava no céu!

E a gente conhecia o céu, pedaço por pedaço, desde o azul celeste até o rosa-choque, os desenhos criados pelas núvens que, como os das crianças, nunca se repetiam, o céu ensolarado e o céu nublado, e a lua que até de dia aparecia!

Quando voltávamos para a sala, uns desenhavam, outros pintavam, recortavam, faziam modelagem, etc.

Às vezes o material acabava e então saíamos à procura de uma folha maior. E ela estava ali mesmo, em frente ao barraco - o chão vermelho.

Alguns procuravam um graveto, outros desenhavam com o dedinho mesmo.

Como era lindo aquele chão coberto de casas, flores, gente, avião, navio, bola, passarinho, céu e sol, enfim tudo aquilo que vem de dentro da criança.

Parece que, ainda, escuto a voz de uma delas:

"Tia Mirinha, a Ritinha pisou no meu céu". E, antes que eu pudesse mediar, lá estava Marina com a sua varinha a despetalar as flores desenhadas por Ritinha e, misturado com tanta alegria, também vinha o choro.

Fazíamos, também, jogos dramáticos, fantoches, sombras-vivas, jograis e outras atividades. Quando a sala ficava pequena, pois "a casa da menina ficava muito longe do bosque", o mágico chão vermelho - a grande folha de papel - virava palco, com ipês amarelos e roxos e o mato cheiroso participando da imaginação infinita das crianças.

Tudo eram momentos de criação: a estória, personagens, figurinos, cenários, sonoplastia, "ensaios e apresentação".

Era assim: trabalhando com o Pensar e o Sentir das crianças, conhecendo-as, entendendo-as melhor, fortalecendo nossos elos, aprendendo a crescer junto com elas! ...

E a Escola cresceu! ...

Passou a funcionar em dois turnos e ganhei mais cinco turmas.

Ano entrava e ano saía e eu continuava a amar e a cumprir minha missão de Educar pela Arte!

Em 1967, a Escolinha de madeira foi derrubada. As árvores do cerrado foram cortadas. No local, foi construída a nova Escola Normal de Brasília e a gente só vê concreto e asfalto ... e nunca mais

o chão - terra

o chão - folha

o chão - palco

o chão - rio vermelho.

Durante a construção, a "Escolinha" passou a funcionar no Elefante Branco, um prédio grande, cinzento, frio ... Lá ficamos até final de 1969, com o total de 14 turmas.

Faltando a sala-ambiente, eu percorria o corredor longo, escuro e frio, levando em uma bandeja a Arte: tintas, pinceis, papéis ... estímulos para novos momentos de criatividade! ...

De 1961 a 1969 (nove anos) fui a única professora de Expressão Plástica e Cênica da "Escolinha".

Em 1970, a nova Escola Normal de Brasília foi inaugurada e o número de turmas da Escola de Aplicação aumentou para 20, num total de mais de 650 (seiscentos e cinquenta) alunos. Treinamos um grupo de professoras, regentes de classe e desse grupo 4 (quatro) professoras passaram a realizar o trabalho de Artes Plásticas com as 20 turmas, então existentes.

Para o referido treinamento convidamos os Professores Germano Galler, Myriam Gessy Otoni e Laís Aderne que deram valiosa contribuição didática.

Em 1973, retornei à Escola de Aplicação por convite da Diretora Maria de Lourdes Moura Lima Rocha que, interessada em dinamizar o Processo Pedagógico para melhor atendimento às necessidades dos alunos, encarregou-me de enriquecer as atividades de Literatura Infantil desenvolvidas na Biblioteca da Escola.

Mais um grande sonho se tornou realidade: a chance de retomar as atividades de artes cênicas (ainda não incluída na grade curricular) e de levá-las a todos os alunos, de 1ª a 6ª séries, mais ou menos 750 (setecentos e cinquenta) educandos.

Consegui, de Lourdes Moura, permissão para formar uma equipe. Havia carência de pessoal especializado e então fiz uma consulta às regentes de classe e quatro manifestaram desejo de trabalhar com crianças em atividades de Teatro: Alzira, Cláudia, Maria Amélia e Selene.

Muito pouca gente teve ou terá o nosso privilégio - o de preparar uma equipe como esta: sensível, entusiasmada, participante, estudiosa e criativa.

Optamos por um treinamento simultâneo ao trabalho com os alunos: cada aula era vivenciada pela equipe e em seguida aplicada aos alunos.

O trabalho cresceu. Os alunos cresceram, Todos crescemos ! E continuaremos a crescer, mesmo separados, porque nosso trabalho foi um experiência forte, integrada, profunda e repleta de vida e nada nem ninguém conseguirá bloquear esta fonte permanente de Energia.

Elmira Hermano Lima Rocha
Professora de Artes da Escola de Aplicação



Equipe de Professoras da Escola de Aplicação, em 1964. Da direita para a esquerda. 1ª fila: M^a Ângela Laboissière, Cosete Ramos, Regina Célia Martins, Myriam Almeida, Néliada Willadino. 2ª fila: Lindaura, Nilza, Lindomar, M^a de Lourdes Moura, Ivone Rodrigues, Cacidias. 3ª fila: Lúcia Monte e Elmira Hermano.

É difícil lembrar trinta anos passados, quando eu ainda não digeri acontecimentos dos últimos vinte anos.

1961. Poeira vermelha no planalto, no cerrado. Jânio Quadros no poder rejeitava a cidade recém nascida. Eu era jovem, bonita e idealista. Eu acreditava no meu País, como JK acreditava em Brasília, que construía.

Ser professora da Escola de Aplicação foi meu primeiro emprego. Ganhava vinte e cinco cruzeiros. Tinha orgulho de ser professora alfabetizadora, neste querido Brasil com milhões de analfabetos. De 1960 para 1961, pouca coisa mudou na minha vida. Continuava morando na casa de meus pais, acordava cedo para tomar o ônibus da Câmara dos Deputados e dentro dele era a maior amizade e bagunça. A M^a Angela estudava na CASEB, Mamãe, que era professora de música, Cláudio e Fernando ficavam no Elefante Branco, Ritinha com sete anos, e eu subíamos o barranco vermelho, atravessávamos no meio do capim, e íamos para a casa de madeira ao lado, que já se chamara Sibéria, por ser palco de ventos gelados. Todas as portas davam para o leste e havia um corredor comprido. Ritinha, minha irmã caçula, era uma das alunas do 1º ano.

Para dar aulas aos meus alunos, eu aprendi a dar aulas, aprimorei meus conhecimentos com a orientação pedagógica da Diretora da Escola de Aplicação, Anna Bernardes.

Naquele tempo, passamos muitas horas pensando no que esperávamos que os alunos fossem capazes de fazerem a adquirir na escola. Que conceitos? Que conhecimentos? Que generalizações?

De um documento que ainda guardo, amarelecido pelo tempo, pude retirar algumas idéias, que eram transmitidas por Anna Bernardes a todo o corpo docente da Escola de Aplicação.

- Conhecimentos, conceitos e generalizações:

- 1) A vida, os exercícios corporais, o asseio pessoal, a boa alimentação, o vestuário conservam nossa saúde.
- 2) Todas as pessoas têm necessidade de segurança, proteção e abrigo.
- 3) A ordem, a pontualidade e a assiduidade são fatores de progresso.
- 4) Todas as pessoas que convivem conosco merecem nosso carinho e respeito.
- 5) O meio físico em que vivemos precisa ser bem conhecido, para que possamos aproveitá-lo.
- 6) Os bens materiais e espirituais que possuímos, a nossa própria vida são dons de Deus.

- Atitudes

- 1) Amor, obediência, apreciação e respeito para com os pais, professores, serventes e demais componentes da comunidade.
- 2) Gosto pela cooperação, responsabilidade, atividades em grupo.
- 3) Respeito às diversas ocupações e profissões.
- 4) Respeito aos pertences alheios.
- 5) Zelo pelo bem comum.
- 6) Respeito à criança e aos sentimentos alheios.
- 7) Apreciação das boas maneiras e dos bons hábitos.

- Hábitos e habilidades

- 1) Praticar exercícios físicos, recreações.
- 2) Ouvir com atenção e esperar a vez de falar e agir.
- 3) Usar de maneira afetiva a atenção e a memória.
- 4) Usar o pensamento crítico para concluir e generalizar.
- 5) Falar claro e corretamente.
- 6) Procurar informações.
- 7) Transmitir idéias e relatar fatos, usando vocabulário rico e apropriado.
- 8) Expressar-se criativamente, através do desenho, da modelagem, da pintura, do corte, da colagem, da música, do canto, do ritmo e da dança.
- 9) Resolver pequenos problemas da vida diária.
- 10) Iniciar-se, gradativamente, na solução de problemas relativos ao tempo, distância, utilizando vocabulário quantitativo.

- 11) Expressar, de maneira original, os seus interesses, sentimentos e aptidões.
- 12) Conviver em grupo de maneira democrática.
- 13) Tomar iniciativas, assumir responsabilidades, gozar privilégios.
- 14) Enfrentar, com espírito sereno, possíveis fracassos pessoais e reconhecer sucessos e valores alheios.
- 15) Seguir recomendações, ordens.
- 16) Partilhar das idéias, experiências e pertences com os companheiros.

Anna Bernardes foi aquela mestra que me impressionou, olhando-me frente a frente, tal como eu era, com muito humanismo, que atraiu meu espírito e me chamou a assumir minha vocação.

Enquanto ela me orientava a como ensinar as crianças, era eu quem aprendia, curiosa, desperta para tudo que me rodeava. Andávamos pelo cerrado, recolhendo lagartas e esperando que as borboletas nascessem e voassem para o céu, tão logo se abria a caixa de papelão.

Fazíamos excursões, ouvíamos música clássica, enquanto pintávamos com a Professora de Artes, Mirinha Hermano.

Hoje eu me pergunto como estarão os meus alunos de então.

Ensinei-lhes a felicidade do descobrir, a busca do conhecimento, a expressar-se criativamente, o prazer de ouvir, de ver, de dar, de amar ...

Que saudades eu tenho de vocês: Ireninha, Alexandre, Ricardo, Fred, Armando, Lilian, Lucinha, Ritinha, Nehyta, Elana e todos os outros.

Maria Coeli de Almeida
Aluna do Curso Normal da CASEB
Professora da Escola de Aplicação



Equipe da Escola de Aplicação. Encerramento do ano letivo de 1964.

Escola de Aplicação – Diretoras

1961 - Anna Bernardes da Silveira Rocha
1962 - Ivone de Souza Rodrigues Costa
1963 - Itana Moraes
1963 - Ivonilde Faria Morrone
1964 - Maria Salete Albuquerque
1964 - Maria de Lourdes M. L. Rocha
1974

Em fevereiro de 1961, aprovada em 1º lugar para professor de escola-classe, em concurso público, realizado em Brasília, fui encaminhada para compor a primeira equipe de professores da Escola de Aplicação do Curso Normal, que se formava para implantar nova concepção de ensino primário no Distrito Federal.

Chegada à Escola, no momento de distribuição das classes para os professores regentes de 1ª a 5ª séries, fui alçada a uma categoria, até então, inexistente e que seria o fulcro das atividades de integração da proposta pedagógica a ser desenvolvida. A escolha para o desempenho dessa atividade recaiu sobre mim, por ter sido considerado a professora de melhor perfil profissional - formação acadêmica e experiência - para a realização dessa tarefa inovadora na 1ª escola primária em regime de horário integral e de demonstração de aulas para as futuras mestras em formação no Curso Normal. O trabalho consistia na implantação de atividades extra-classe de forma dinâmica, criativa, inovadora com objetivos e prioridades bem definidas, como a criação do hábito de leitura e o preparo dos alunos para ingressar no processo de alfabetização.

Criou-se, então, a Biblioteca, espaço idealizado para o desenvolvimento de atividades facilitadoras do processo pedagógico de aprendizagem. Equipada com livros, discos, revistas, material pedagógico, carteiras, mesas e bancos confortáveis o que tornava este espaço um ambiente acolhedor e propício ao trabalho. Dentro deste contexto, que ajudei a construir, teve início minha atuação na Escola de Aplicação onde procurei estimular o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de escolha e decisão que os levassem a viver com liberdade.

Os alunos da 2ª à 5ª série freqüentavam diariamente a Biblioteca para leitura livre ou orientada conforme a necessidade da programação em sala de aula. As crianças da 1ª série, também o faziam, mas com objetivo distinto: realizar exercícios de coordenação viso-motora, desenvolvimento da capacidade de expressão, estimulação cognitiva, compreensão e interpretação de seqüências lógicas, discriminação perceptiva, tudo isto, com vistas à prontidão para a alfabetização.

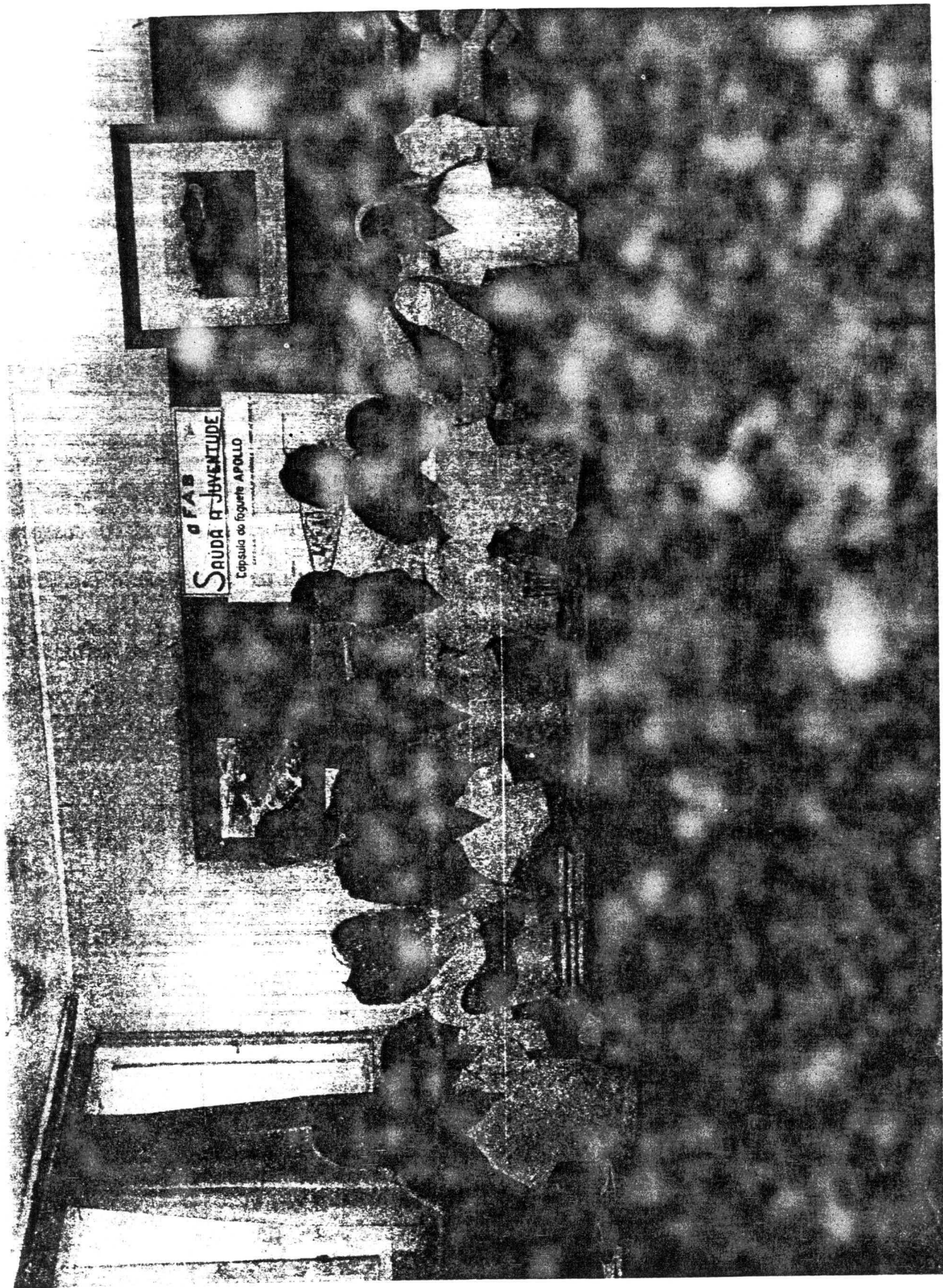
Além dessa programação diária os alunos dispunham de dois horários semanais de freqüência à Biblioteca para atividades diversidades de: pesquisa pedagógica, leitura, audição, interpretação de histórias, dramatização, teatro, bem como outras atividades criativas que surgissem no seu cotidiano escolar. A realização desse trabalho requeria escolha de livros e discos para os diversos níveis de conhecimento, bem como seleção e preparação de textos e material próprio para as tarefas escolares.

A implantação desse trabalho, dediquei os três primeiros anos de militância na Escola de Aplicação. Os resultados foram gratificantes.

Afastei-me da Escola por um ano e ao retornar assumi, juntamente com Maria Ângela Laboissière a regência da 5ª série. Ela cuidava das aulas de Português e Estudos Sociais, eu de Matemática e Ciências Naturais. A criação do Clube de Ciências, por sugestão dos próprios alunos, me traz recordações agradáveis de como procurávamos vencer o hiato entre vida e escola trazendo para dentro da sala de aula acontecimentos marcantes da comunidade que nos serviam de referência para levar à prática o aprendizado teórico.

Em meu último ano na Escola recebi uma turma para alfabetizar. Adotei, na sala de aula, a mesma abordagem do tempo da Biblioteca: desenvolvimento de atividades de sentir, pensar e fazer, função social dos conteúdos.

Nélida Renê Gomes Willadino
Professora da Escola de Aplicação



1º semestre de 1964. Alunos da 5ª série, Clube de Ciências. Atividade sobre a FAB. Da esquerda para a direita aparecem: a Professora Ângela Fabro, o coordenador da F. B., a Profe. sora Nélida Willadino e a Diretora da F. V. Maria Solente. Alunos em primeiro plano.

Discurso proferido, sob a forma de jogral, pelos alunos da primeira turma, os quais iniciaram e concluíram o Curso Primário na Escola de Aplicação (1965)

Meus Senhores, Minhas Senhoras, Caros Colegas

Hoje, ao invés de sentirmos alegria por terminar o curso primário e aptos a ingressar no ginásial, coisa estranha, hoje estamos tristes. Tristes porque perdemos algo de grande valor e perdemos mesmo.

Perdemos o direito de continuar em nossa querida Escola de Aplicação, de frequentar este ambiente que para nós era um segundo lar. Um lar em que nunca faltou carinho, amor e compreensão e que nos fez terminar esta primeira etapa com grande entusiasmo e amor pela vida

Não precisamos temer o futuro, pois adquirimos em nossa escola muitos conhecimentos e o maravilhoso exemplo de amor ao trabalho. Não vamos parar aqui. Temos muito que aprender.

Aos nossos queridos pais, que com carinho e dedicação sempre nos incentivaram a vencer. Muito obrigado Papai. Muito obrigado Mamãe.

Dona Cosete. Seu esforço não foi em vão pois levaremos conosco sua imagem que nos servirá de guia e estímulo. Quantas saudades sentiremos de suas aulas alegres e vivas. Gostaríamos de aproveitar sua companhia, sua competência, a sua autoridade a vida inteira se possível. Obrigado Professôra, muito obrigado.

Professor Eduardo. Levaremos na lembrança os nossos jogos, as nossas brigas, a alegria da competição vencida. Como o Senhor foi nosso amigo. Sempre nos defendendo dos castigos de D. Cosete.

Dona Lourdes. A senhora sempre foi tão maravilhosa na direção desta escolinha, pequena e modesta, mas incomparável no ensino e na ordem.

Dona Ana. Há 5 anos atrás, quando não sabíamos ler, nem escrever a Senhora nos recebeu e como nossa primeira Diretora, sem quadro-negro, sem giz e sem cadeira nos mostrou o que pode ser feito do nada.

Dona Ivone. A senhora nos acompanhou e auxiliou durante todo o curso.

Todos os professôres que tivemos: Dona Regina, Dona Mirinha, Dona Suzana que nos auxiliaram a vencer estes 5 anos tão importantes para nossas vidas.

Aos nossos bons serventes pelos lanches gostosos, por trazerem a nossa escola tão limpinha.

De cada um guardaremos um pouco.

A todos: obrigado, muito obrigado.

Alunos formados:

Francisco Coelho
M^ã Helena de Oliveira
Carmem Suzane
Cristina Rezende
Aldo Alberto Alves
Antonio Luiz
Sandra Maria
Nilo Mascarenhas Filho

Marcos D. Ferreira Pinto
Rogério Moacir Cunha
Paulo Roberto Silva
Regina Coeli Soares dos Santos
Márcia Maria
Marcos Gondim Lopes
Galdino
Abílio



Formatura do alunos da Escola de Aplicação em 1967.



Confraternização na Escola de Aplicação.

III - Escola Maternal e Jardim da Infância da Escola Normal de Brasília (1970/1990)

Das minhas experiências pedagógicas, esta foi, sem dúvida, a mais significativa.

Da elaboração do plano de funcionamento do Jardim, inaugurado em outubro de 1971, surgiu a necessidade de organizar uma equipe pedagógica formada por professores da ENB para, numa experiência pioneira, iniciar um trabalho de especialização em serviço, nas diversas áreas do conhecimento junto aos docentes que atuavam naquela Unidade e além disso, testar pela primeira vez uma administração escolar por equipe. Esta equipe denominada técnico-administrativa, tendo eleito como melhor forma de dinâmica docente, a globalização de atividades, criou Unidades Vivenciadas que consistiam no desenvolvimento de ações centradas em interesses determinados pelas próprias crianças. Assim elas construíam cidades, criavam animais, ampliavam as fronteiras da escola, vivenciando experiências nas fazendas, nos campos, nas quadras esportivas. Era uma escola em que se procurava não tolher a liberdade das crianças. Em todas as atividades ela se sentia capaz de expressar sua criatividade em qualquer espaço físico, utilizando os mais diversos e inesperados materiais. Expandiam-se em trabalhos individuais e coletivos fortalecendo o seu Eu e equilibrando-se nas suas relações com os Outros.

Dessa época surgiu a primeira galeria de artes infantil, com mostras de trabalhos dos pequenos artistas, amplamente visitada.

Na Música foi criado o primeiro coral do Jardim, tendo se apresentado em diversas ocasiões, culminando com uma performance no Teatro Nacional.

Expostos a uma gama de estimulações, os pequenos do Jardim, ao se acercarem do "Cantinho dos Livros", presente em todas as salas, começaram a manifestar interesse pelo aprendizado da leitura e da escrita. Viam as suas idéias sobre os desenhos registradas em letras por suas professoras, ditavam para elas histórias e notícias para o jornalzinho da sala e, logo, logo, se tornaram protagonistas de um primeiro pre-livro, para elas criado e que continha suas próprias aventuras. Daí para o domínio das primeiras etapas da alfabetização foi um passo natural, prazeroso, inevitável. Sem descuido de nenhuma das vivências pedagógicas consideradas imprescindíveis ao desenvolvimento harmonioso da criança daquela fase escolar, ela se adentrava no mundo das idéias bem conhecidas e elaboradas, deliciando-se com os nossos melhores poetas e escritores de literatura infantil.

A atenção da equipe técnico-administrativa se voltava com desmesurado cuidado para o campo da avaliação. Abriu-se o Jardim para a participação da comunidade e, com o apoio de psicólogos da UNB e da FEDF, criou-se uma ficha cumulativa, onde as professoras registravam, a cada bimestre, as modificações relevantes no comportamento de cada criança que também participava do processo através de um boletim de avaliação ilustrado. Por ele a criança se auto avaliava e podia saber a opinião de sua professora sobre o seu desempenho em todas as atividades.

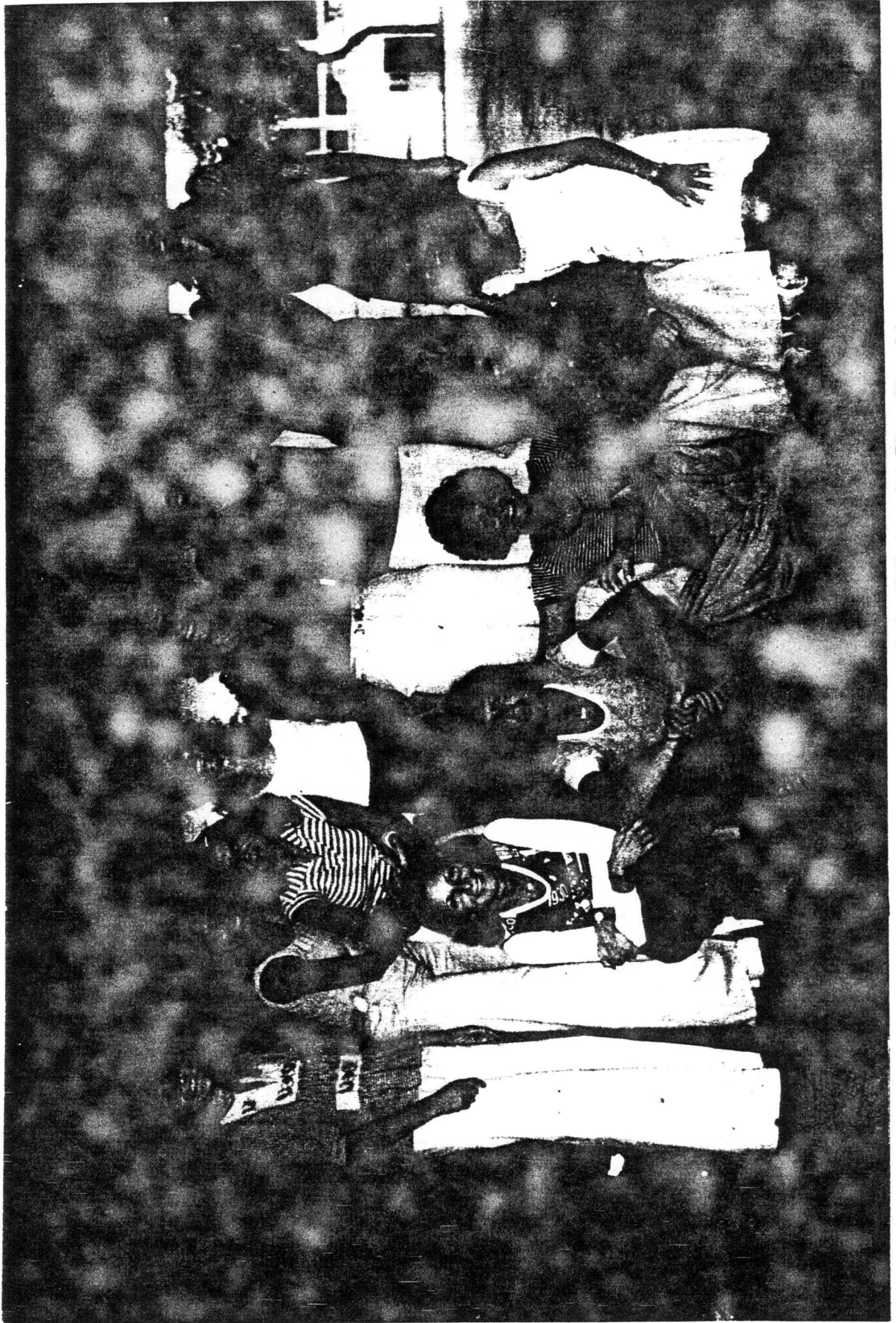
Outro ponto a destacar era a participação dos pais nesse processo. A cada bimestre, toda a equipe técnico-administrativa e professoras se reuniam com os pais para avaliação de procedimentos, coleta e exame de sugestões para implementação das dinâmicas docentes.

Cuidado especial também se dispensava à merenda escolar. O cardápio era feito ouvidas as preferências dos alunos, sempre que possível.

Inegavelmente, considerada, na época como experiência pedagógica modelo, o Jardim da ENB representou para mim a mais cara e inolvidável vivência profissional.

Ivone de Souza Rodrigues Costa
1ª Diretora da Escola Maternal e Jardim da Infância





1971. Inauguração do Jardim da Infância. Corpo docente. Da esquerda para a direita. 1ª fila (sentadas): Eliana, Therezinha, Neide, Sebastiana e Valdenise. 2ª fila (de pé): Eliane, Elizabeth, Regina, Lúzia, Olímpia, Célia, Emiliana e Ydê.

Notícia publicada no Correio Braziliense, de 19 de fevereiro de 1973.

Manchete: "Todo mundo quer seu filho no Jardim da ENB".

Os pais de Brasília disputam uma vaga para os filhos de 4 a 6 anos no Jardim de Infância da Escola Normal de Brasília. Por que? A acreditar no que eles próprios informam e no que se baseia a orientação dada à Escolinha, têm razão os pais de Brasília. A criança observa, age e produz o que quer. O professor observa, orienta, com discrição, e leva a criança a produzir o que ela quer.

Tão importante está ficando o Jardim da ENB que a professora Ivonilde, orientadora pedagógica do sistema oficial, e, autora de "Ataliba" acaba de escrever trabalho especial para a Escolinha - "Pluminha, Você e Eu". Neste, os personagens vestem a mesma fardinha, fato que encantou por demais, os pequeninos.

Vejam os que se oferece às crianças: formação espiritual. Não se trata de catecismo, de pregações. A professora sai pelos arredores, seguida de seu rebanho. Deixa as crianças à vontade. Prontifica-se para atender a todas, para responder a tudo. Elas querem saber quem fez a flor, a cor, a grama macia, a água fresquinha, as pedras, a terra, a poeira fininha, as folhas, as árvores, o céu, os peixinhos e todos os animais, papai, mamãe, os amigos. No retorno, sabem que tudo é obra de Deus. E ele fez também o amor, o amor por nós, o amor de nós e nos fez amar a flor, a cor, a grama macia, a água, a terra, as árvores, o céu, os animais, papai, mamãe, os amigos.

NO SETOR DE ARTES, não há aquela dolorosa experiência do "pequeno príncipe" a desenhar jibóia que os adultos não entendiam nem davam importância: "Gente grande é tão difícil de perceber as coisas!"

No Jardim, a criança pretende um diálogo, monologa, fantasia e exterioriza sua imaginação: "eu estou fazendo uma casinha..."; "eu vou por o telhado na sua casinha..."; "pode por o telhado na sua casinha..."; "pode por. Depois, eu vou fazer a dona da casa. Ela tem uma boneca. Uma boneca loira. Eu quero. Papai compra. Eu vou desenhar a minha boneca...".

Na mesinha forrada, há bastante argila para todos e todos aprenderem a usá-la. A professora se afasta e a criança torna-se livre para criar... bonecos, cobrinhas, flores, monumentos, xícaras, vasos, tudo que lhe vem à cabeça. O lápis cera é macio, macio. A criança fecha os olhos, imagina coisas, e, de repente, sabe o que fazer com os lápis macios, macios...

RECORTE E COLAGEM são fases novas. O menino se inicia, recortando o papel com os dedos. Mais tarde, põe-se ao seu alcance a tesoura e a cola. Individualmente ou em grupo, ela aos poucos, compõe e depois passa à colagem.

Experiência divertida é a PINTURA SOPRADA. Pulmão cheio de ar, gotas de tinta sobre o papel. Agora é só soprar. A tinta se esparrama, se entrelaça e surge o belo.



A caixa de brinquedos força a CONVERSA

O lápis-cera macio... dá para imaginar tanta coisa boa de fazer!



E chega a hora importante, a **PINTURA NO CAVALETE**, uma das técnicas prediletas da criança. Lidar com as tintas, misturá-las, manejar os pincéis... Quanta fascinação! O cavalete em si é uma novidade. De frente a ele, só, sem interferências, a criança é o artista, dominando os instrumentos de sua arte. Faz tudo sozinho. Sabe o que é preciso: "Limpar a tinta, ponto por ponto e pinta por pinta". Mesas sujas? Papéis no chão? Não se compreende arte associada à falta de limpeza. As crianças aprendem isto. E sabem guardar, nos lugares certos, o material usado.

A **MÚSICA** comporta infinidade de experiências. Os pequenos são introduzidos no mundo dos sons e do ritmo. O objetivo máximo é despertá-los para o amor pela Música. Há exercícios rítmicos: a criança marcha, bate palmas e se familiariza com a divisão rítmica. A coordenação motora e a atenção se desenvolvem.

Para os **VALORES MUSICAIS** recorre-se às dramatizações: o elefante anda pesadamente (semibreve); a girafa mais depressa do que o elefante. Ela não é tão pesada. (Mínima); o macaco nada mais depressa do que a girafa. Pudera, ele é mais leve! (seminima); o coelhinho ganha do macaco! Anda mais depressa do que ele. E levezinho o coelho (colcheia).

NA **BANDINHA RÍTMICA** é que a motivação é maior. Chocalhos, pandeiros, tambores, coquinhos, clavas, atabaques, sabumba, prato e triângulos começam a ser manejados pelos pequenos de 4 a 6 anos. Chegam à perfeição em pouco tempo. E aprendem sem o perceber, propriedades do som: timbre, duração, intensidade e altura.

O **CANTO** depende do repertório. Quando é bem selecionado, as crianças largam a voz, esquecem tudo e se divertem. Aprendem com a alegria de cantar, o controle da emissão de voz e o prazer de ouvir.

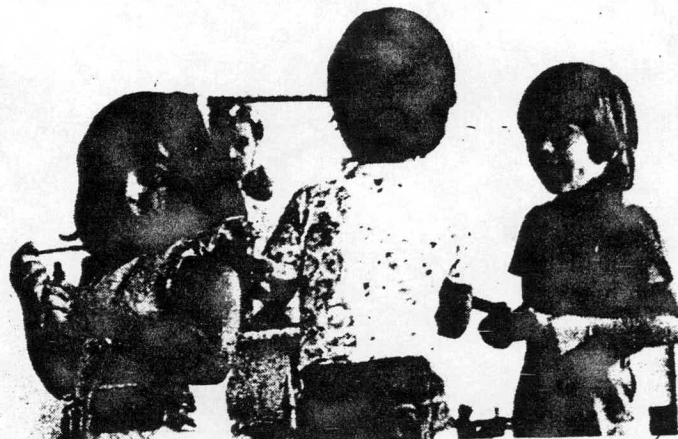
Exercícios simples como a movimentação dos dedinhos - o polegar tocando o mínimo,

anular, o médio, o indicador - contribuem para o desenvolvimento da **ATENÇÃO**. O brincar com os dedos é preparo para a escrita. A concentração sobre objetos vistos de perto é outro exercício. Vamos fazer colheres para as bonecas da sala. Uma continha vermelha, uma branca, uma azul...

Os encaixes favorecem a **PERCEPÇÃO VISUAL**. A criança parte da simples manipulação; a peça é colocada no azar para depois chegar aos lugares adequados.

A caixa de brinquedos pode dar origem à **CONVERSA**. Vamos conversar? Para que serve isto? De que é feito? Todos querem falar. A mestra procura ouvir mais que falar e presta atenção a quem necessita de um empurrãozinho.

No segundo período do Jardim, a curiosidade da criança volta-se para a escrita. Os símbolos gráficos a atraem. Chegou a hora da **LEITURA**. Ela "quer aprender a ler e a escrever". Mostra-se pronta para a nova atividade. E passa a manusear "Pluminha, Você e Eu" escrito especialmente para ela.



As crianças, em inteira liberdade, convivem e se divertem

Dai para a ALFABETIZAÇÃO é um nada. Seguem, de propósito, em ritmo lento, imposto pela organização curricular, em turmas de alunos de 5 anos e meio a 6. Foi assim que leram durante o ano passado: pré-livros, livros de leituras intermediárias, estórias suplementares e livros da biblioteca de classe.

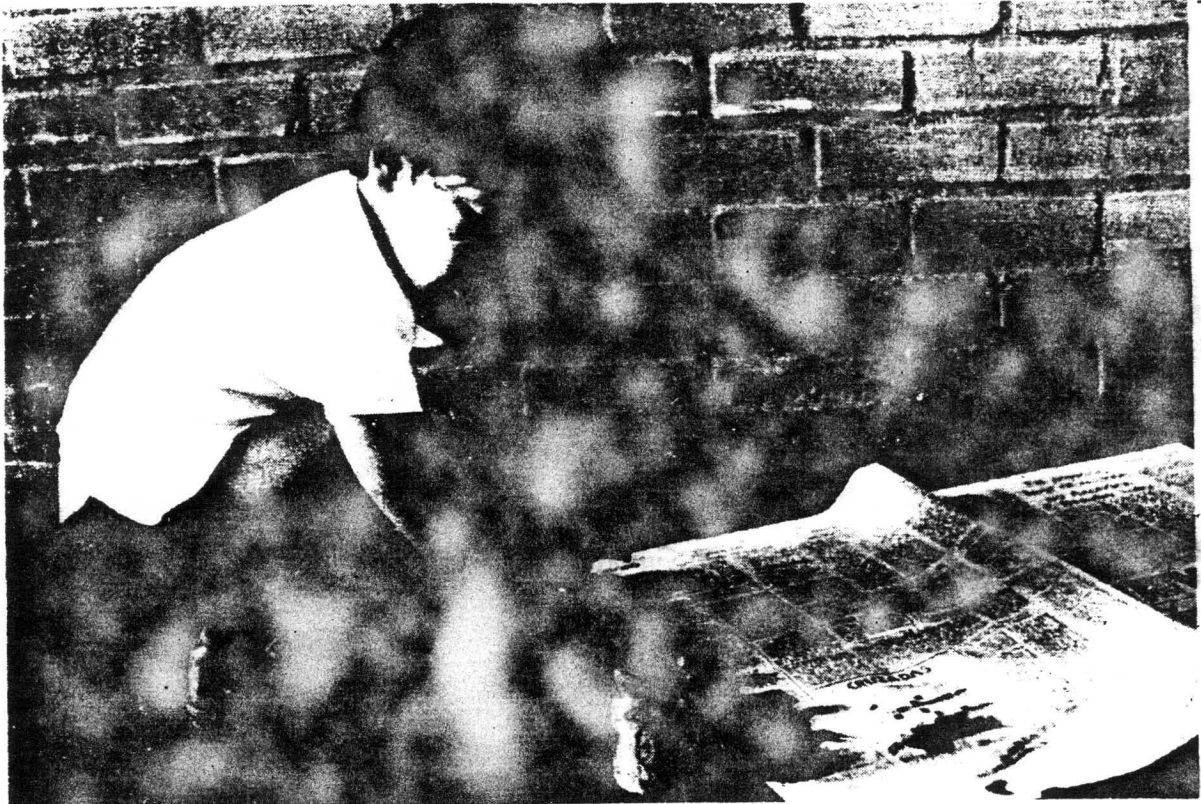
DA CONVERSA e da história contada, passam sem dificuldade para a LINGUAGEM ESCRITA. Quando ditam histórias, as meninas geralmente fazem assim, por exemplo: "O Menino e o Balanço. O menino está se balançando. O menino se sente como um pássaro voando. Ele se sente como uma folhinha soprada ao vento. Ele se sente na lua com as estrelas. Ele sente o vento soprando e... ele voando. Quando o balanço para, o menino se sente como se estivesse caindo da lua."

Acostumados a ditar estórias, passam, com tranquilidade, a escrevê-las, no mesmo estilo.

Nisto se resume o trabalho desenvolvido no Jardim de Infância da Escola Normal de Brasília que entra no segundo ano de funcionamento. Se continuar deste modo, estarão de parabéns não só o corpo docente, como também as profas. Ivone de Souza Rodrigues, diretora; Ivonilde Faria Morrone, orientadora pedagógica, e Angela Maria Alves da Silveira, orientadora pedagógica.



No jardim, as crianças já começam a demonstrar sua vocação



A criatividade é exercitada individualmente...



... e em conjunto

IV - Assessoria do Ensino Normal (1966/1970)

1 - O então Secretário de Educação e Cultura, Professor Cleantho Siqueira, desejava reorientar o Ensino Normal de Brasília, cujo curso funcionava, ainda, no Centro de Ensino Médio "Elefante Branco". Fomos buscar inspiração no Rio Grande do Sul onde uma equipe de professores de alto nível desenvolvia experiência inovadora. O Instituto de Educação "Flores da Cunha" assumira seis escolas da periferia de Porto Alegre e as normalistas constituíam o corpo docente, revezando-se a cada seis meses, quando se encerrava seu período de estágio. Toda a orientação era oferecida pelo conjunto dos professores dos Instituto e os resultados eram promissores.

O contato com a experiência gaúcha veio reforçar a base em que se havia organizado o Ensino Normal de Brasília. A estreita relação teoria-prática, com as normalistas construindo ou reconstruindo o saber pedagógico a partir da realidade, era a marca que se buscava alcançar. O entusiasmo era crescente.

2 - Mas, nem tudo significou flores, especialmente a partir de 1964, com a desconfiança, o medo, a insegurança instalados no seio dos professores. As notícias sobre prisões, demissões, as ameaças rondavam os trabalhos na Escola. Acorde-me, agora, a lembrança de minha inquietação pelo destino de uma Professora de Português que insistia em oferecer textos de Graciliano Ramos para estudo, em suas aulas. Tudo podia acontecer, a partir daí.

Sem dúvida, as repercussões da pressão do Governo, então, sobre os docentes, quebravam, de forma dramática, um ritmo e um ideal de trabalho já bastante afetado pela crescente insatisfação e convulsão em que se debatia a Sociedade Brasileira, a partir de 1962.

Muitos professores de envergadura se foram perdendo, na torrente dos fatos políticos que agitaram e paralisaram o País, nas décadas de 60 e 70. O Curso Normal continuava, num esforço invejável de superação, mas com seu vigor bastante comprometido. Dos que restavam dos primeiros anos de 1960, era flagrante a busca de uma união que seria a peça de resistência, alimentada pela lembrança dos primeiros momentos da Educação, em que os professores lavavam as salas, carregavam carteiras e se davam as mãos, vencendo as dificuldades iniciais, tão diferentes...

3 - O Assessor de Ensino Normal devia dar aulas e eu assumira a cadeira de Didática. O apoio maior de texto era, então, o livro de Onofre de Arruda Penteadado, uma didática filosófica que trazia a discussão mais ou menos profunda do problema educacional.

Lembro-me do pedido de uma mãe de aluna, feito no corredor do "Elefante Branco". Um colega, professora de escol, desaparecida precocemente em acidente aéreo, Nehyta Ramos: - "Anna, faça de minha filha uma grande professora! Você pode fazer isto!" Não, não pude! De qualquer modo, a aluna é respeitada profissional da área médica. Afinal, não diferem profundamente as naturezas da educação e da saúde... é o consolo que ficou, acrescido da visão de tantos ex-alunos que hoje ocupam postos de liderança na área da educação.

4 - As relações entre o Curso Normal e a Escola Primária eram, então, muito acentuadas. E parecia natural que o Assessor de Ensino Normal integrasse uma Comissão que, sob a presidência da Coordenação de Educação Primária, fixasse os critérios para a seleção de professores primários no Distrito Federal. O fato parece sem importância, mas só aparentemente. É que a tendência predominante na Comissão admitia que professores leigos, ou sem formação profissional específica em nível de 2º grau, pudessem prestar concurso para ingresso na carreira de magistério. O argumento invocado sustentava a existência de auto-didatas de porte; e que o concurso evitaria a presença dos não preparados. Fui intransigente na defesa de um sistema de ensino que, no Brasil, pudesse afirmar a titulação da totalidade de seu quadro docente. Os salários do magistério, então, atraíam professores de todo o País. Era mais racional que o concurso selecionasse os melhores entre os titulados.

Vitoriosa a proposta, estou certa que a presença do Curso Normal, na discussão, preservou condições para o ensino de Brasília, ainda hoje excepcionais no País.

5 - O grupo de alunos integrantes do Curso Normal era bastante heterogêneo. Recebíamos, anualmente, um grande número de transferências de alunos provindos de numerosos Estados brasileiros. O Curso Normal devia qualificar professores para um sistema de ensino "sui generis", por duas fortes razões. A primeira que repetia a situação do próprio Curso Normal. As crianças da Escola Primária eram, também, oriundas de diferentes Estados e culturas e se encontravam, com suas famílias, na maioria dos casos, em sofrido processo de adaptação a uma cidade que ensaiava seus primeiros passos e que não oferecia as facilidades e a estabilidade das cidades de origem. A segunda razão estava na novidade da proposta educacional para Brasília. Mestre Anísio Teixeira, que fora influenciado pelas idéias de John Dewey, nos EEUU, e implantara a Escola Parque da Bahia, programara para Brasília, também, uma escola primária de tempo integral. Era intenção que, nas entre-quadras se instalasse uma Escola-Parque, de modo a atender quatro superquadras cujas Escolas-Classe seriam subsidiárias da Escola-Parque. Na Escola-Classe os alunos estudariam, basicamente, Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Físicas e Naturais e, na Escola-Parque, desenvolveriam atividades socializantes, recreativas, esportivas, artísticas e de trabalho. Os turnos se revezariam, passando o aluno quatro horas na Escola-Classe e quatro na Escola-Parque, onde se organizavam clubes e ainda se preparavam os trabalhos de casa oriundos da Escola-Classe.

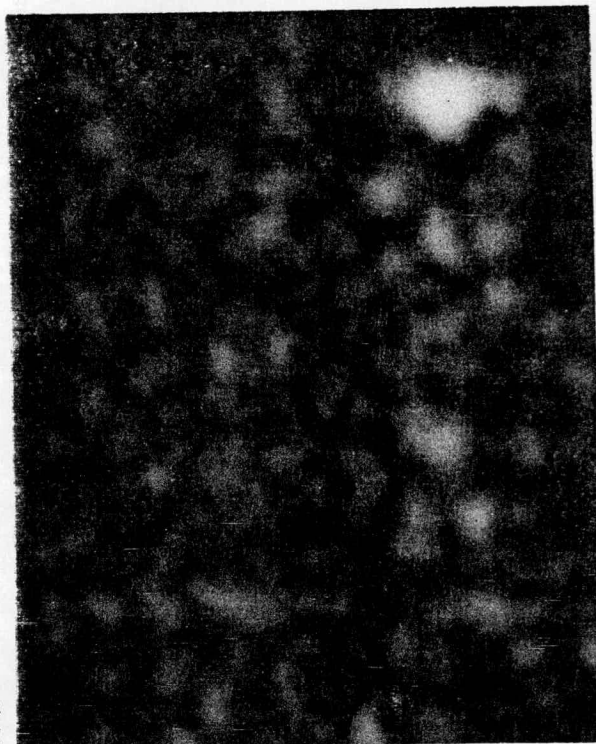
Como é de prever-se, a Escola-Parque não seria de fácil manutenção, de modo que, do projeto, constava um auditório e cinema, assim como uma lavanderia que a Escola exploraria junto à comunidade.

O primeiro conjunto educacional estava em funcionamento e se tornava necessário que professores e alunos aprendessem juntos, no Curso Normal, a trabalhar aquela proposta.

O trabalho no Curso Normal contava, então, com um indicador positivo: o salário do professor primário que, a par da qualidade do curso, atraía candidatos de bom nível acadêmico para a profissão de magistério. De sorte que as relações intelectuais entre professores e alunos ganhavam maior intimidade e a discussão da proposta educacional para as crianças era motivo de orgulho de todos nós.

Mas, não se pode afirmar que a Escola propusesse trabalho fácil. Especialmente porque o crescimento muito rápido, do Distrito Federal, pôs logo, à mostra a convivência com duas realidades educacionais: a do Plano Piloto de Brasília, com a presença da Escola-Parque, e a das Cidades Satélites que passaram a oferecer o ensino convencional do País - aulas de tempo parcial, numa escola única.

Ainda hoje, fico pensando que a população das Satélites de Brasília por certo teria exigido tratamento equânime na educação de seus filhos, se as condições político-administrativas do País fossem outras. Então, o ensino do Distrito Federal ganharia dimensão qualitativa mais acentuada. Mas isto ainda pode acontecer. Por que não ?



É importante ressaltar que, em 1966, fora criada na Secretaria de Educação / Fundação Educacional do Distrito Federal / Coordenação de Educação Média a Assessoria de Ensino Normal composta, então, por Anna Bernardes da Silveira Rocha (Chefe) e duas Assessoras: Prof^ª Maria do Socorro Jordão Emerenciano e eu.

Realizamos muitas atividades, entre elas o 1º Seminário de Professores do Ensino Normal, de 2 a 4 de julho de 1966. Participamos do 1º Congresso Brasileiro do Ensino Normal, de 11 a 16 de julho do mesmo ano, com o trabalho "Formação do Professor para o Ensino Primário / Prática de Ensino nas Escolas Normais Oficiais do D.F."

Enviávamos documentos específicos para os professores a que denominávamos "Comunicado".

Em 1967, assumi a Chefia da Assessoria do Ensino Normal, que ocupei até 1968, quando fui substituída pela minha Assessora Técnica, Prof^ª Consuelo de Menezes Garcia.

Realizávamos encontros envolvendo os cursos normais de Taguatinga e Planaltina. Elaboramos o primeiro Caderno para comunicação aos professores de ocorrências significativas no nosso ramo de atividades.

A existência da Assessoria do Ensino Normal na estrutura central da Secretaria de Educação muito colaborou para o melhoria qualitativa do **ensino normal**.



Daisy Collet de Araújo Lima
Assessora-Chefe da AEN (1967 / 1968)

Reviver o já experienciado. Sentir novamente o vivificante impulso de formular soluções para antigos problemas. Participar de momentos de encontro fecundo entre idéias, nem sempre uníssonas, em cujo entrelaço se destacam, inicialmente apenas um vislumbre, aos poucos tomando forma, a inspiração criadora, a ação sintetizadora a dar forma e sentido ao insinuado nas diferenciadas e múltiplas contribuições e o sentimento de apaziguamento em face de um renascer após tão aflitos momentos de urgência e de ansiedade

na busca de um sentido, não definido, não delineado ainda, não concebido e não percebido, não de todo identificado. Foi isto que me ocorreu, em frações de segundos, ao ouvir o convite para escrever sobre o Curso de Magistério, em nível de segundo grau, em Brasília.

Assim se foram apresentando, em minha mente e meus sentimentos, aqueles momentos tão intensamente vividos aqui, em Brasília, quando na década de sessenta, constituíamos - Cosete, Ana Maria, Sigrid, Renilda e eu a, então apelidada, Equipe da AEN (Assessoria do Ensino Normal).

Éramos assoberbadas por problemas bastante semelhantes aos vivenciados ainda hoje - como prover a tão distintas alunas, provenientes de todos os cantos deste imenso torrão, uma formação docente capaz de transformá-las, de sua condição de diferenciação no linguajar, nos hábitos de vida e mesmo na compreensão dos ensinamentos recebidos, em professoras capazes de atuar no ensino elementar com efetividade e criativamente? Queríamos àquela época aliar proficiência docente a extensibilidade de atuação - por que não? Professoras capazes de se portarem à altura de um ensino elementar demandante de maior tempo de escolaridade (de quatro para seis anos) em um mundo cada vez menor em termos de comunicação, tanto de novos conhecimentos científicos como de novos conceitos de sabedoria, decorrentes do alargamento dos conhecimentos disponíveis para a massa da população mundial. Seria permitido deixar de fora quem quer que fosse nessa comunhão de benefícios provenientes desse imenso acervo de conquistas humanas? Essas eram as questões postas ante aquela pequena equipe.

Tivemos dias fantásticos em termos de compreensão, de cooperação e de ajustamentos, mas também de desencontros, de discussões e de acirramentos. Tudo ficou para trás quando as idéias foram tomando corpo e nossa proposta de currículo para o Ensino Normal se foi delineando. A necessidade de professoras primárias se fazia tão premente que se criaram outros cursos, além dos de Taguatinga e Plano Piloto. Surgiram os cursos de Sobradinho, Planaltina e Gama. Uma luta paralela foi a de manutenção do curso normal noturno.

Nesta tarefa tivemos o suporte decisivo e firme do Dr. Ivan Luz, então Secretário de Educação do GDF. De nosso estimado colega Prof. Eduardo Jobim, Diretor do Ensino Médio, que não mediu esforços e colaboração nos difíceis momentos do encaminhamento da proposta ao referendo do Conselho de Educação do Distrito Federal. Do Conselho de Educação do Distrito Federal recebemos um imenso crédito de confiança ao nos autorizarem a levar o projeto avante, em caráter permanente.

Tivemos ainda a nos auxiliarem o pessoal de apoio da Secretaria de Educação, nas pessoas de Sheila, do Dalmo e de todo o serviço de mimeografia e recursos audiovisuais.

Os professores de todos os cursos normais corresponderam ao que deles se esperava - trabalhamos juntos para definir programações adequadas aos reclamos do novo currículo e às necessidades dos alunos (chegamos a ter uns três rapazes entre o alunado).

A todos estendo os mais sinceros sentimentos de gratidão, pela vivência em comum de momentos de tão alta significância profissional.

Foi uma época de muita atividade mas de muitos desafios.

- Os testes e exercícios para melhorar a compreensão de leitura. Lembram-se? Corríamos aos depósitos de revistas para buscar exemplares antigos, de forma a aproveitar algumas reportagens na elaboração de fichas e acompanhamento do progresso feitos pelas alunas.

- E o Clube da Sopa? Oferecíamos uma sopa às alunas sócias do clube, no curso noturno, para que, melhor alimentadas, tivessem melhor desempenho de aprendizagem. Deu certo - lembro-me que até monografias escreveram.

Hoje quando se fala em mobilização para erradicar o analfabetismo neste País, me ponho a pensar - as soluções não aparecem a curto prazo. Muito trabalho e pesquisa é necessário para o encontro de soluções de caráter duradouro. Bons professores é um caminho. Se aquela proposta de ensino para a formação de um professor primário mais completo tivesse sido mantida pelo CFE (Conselho Federal de Educação), será que estaríamos a braços com problemas dessa ordem, agora?

Por que para os cursos técnicos foi permitida uma duração de até quatro anos, enquanto a formação do professor foi mantida nos mesmos três anos de épocas anteriores? A um professor melhor qualificado sempre corresponderá um melhor salário. Uma escola da qual os alunos se orgulhem é também condição para efetividade do ensino ministrado. E esta nossa Escola Normal de Brasília se constitui num orgulho para todos nós.

Consuelo de Menezes Garcia

Assessora-Chefe do Ensino Normal / CEM / SEC (1968 a 1970)



Seminário do Ensino Normal, aparecendo a Prof^a Cosete Ramos, Consuelo de Menezes Garcia e Iatir Eirado.

AEN - Abril de 1968 a 1970

Equipe da Assessoria do Ensino Normal / Coordenação de Educação Média / Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Distrito Federal.

Consuelo de Menezes Garcia
Assessora-Chefe

Sigrid Hedwig Low
Supervisora

Ana M^a Barros
Assessora-Técnica

Renilda da Silva Neves
Supervisora

Cosete Ramos
Assessora-Técnica

A seguir, procura-se destacar alguns eventos realizados, na época, pela Assessoria do Ensino Normal.

● A) III SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL DO DF (2 a 6 de dezembro de 1968)

– Comissão Coordenadora
Ana Maria Barros
Cosete Ramos
Sigrid Hedwig Low

– Autoridades presentes na Sessão Inaugural
Prof^o Ivan Luz (Secretário de Educação e Cultura GDF)
Prof^a Clélia Capanema (Presidente do CEDF)
Prof^a Anna Bernardes da Silveira Rocha (Coordenadora de Educação Média)
Prof^a Consuelo de Menezes Garcia (Assessora-Chefe da AEN)
Prof^o César Gonçalves (Diretor do CEMEB)

– Participantes (100 profissionais entre Professores dos Cursos Normais Oficiais do DF, Assistentes de Cursos Normais e Diretores das Escolas de Aplicação)

– Tema Central: “estabelecimento de um sistema único de avaliação discente a ser adotado por todos os Cursos Normais Oficiais do DF, a partir de 1969”.

– Relação dos Cursos Normais Oficiais do DF

Curso Normal do CEMEB (Centro de Ensino Médio Elefante Branco - Plano Piloto)

Curso Normal do CEMAB (Centro de Ensino Médio Ave Branca - Planaltina)

Curso Normal do Colégio de Planaltina

Curso Normal do Colégio de Sobradinho

Curso Normal do Colégio do Gama

– Local do Seminário: CEMEB

● B) I SEMANA DA NORMALISTA (17 a 22 novembro 1969)

– Atividades desenvolvidas

Concerto sinfônico (Regente Maestro Levino Alcântara)

Exposição de Trabalhos de Alunos dos Cursos Normais Oficiais do DF

Sessões de Cinema

Ruas de Recreio (Sobradinho e Planaltina)

Competição de natação

Manhã esportiva

Festival (encerramento)

– Comissão Coordenadora

Cosete Ramos

M^a do Carmo Cordeiro

Elmira Hermano

Josepha Stival

José Estevão Gonçalves

Juarez Gonçalves de Góes

Eillen Guedes de Paiva e Melo

Ailema Bianchetti

– Concursos efetivados

Melhor cartaz alusivo à Semana da Normalista (vencedora Aluna Terezinha Francisco do Curso Normal do Colégio de Planaltina)

Concurso de Redação: Tema “Toda Conquista da Humanidade Oculta Um Professor”

Trabalho de Prosa (Vencedora Aluna Maria Lucile Vaz do Curso Normal do Colégio de Planaltina)

Trabalho em Verso (Vencedora M^a Virgínia da Silva Martins do Curso Normal do Colégio de Sobradinho)

● C) IV SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL DO D.F. (4 a 8 de agosto de 1969)

– Comissão Coordenadora

Consuelo de Menezes Garcia

Cosete Ramos

Sigrid Hedwig Low

- Autoridades presentes na Sessão Inaugural
 - Prof^o Ivan Luz (Secretário de Educação e Cultura GDF)
 - Prof^a Clélia Capanema (Presidente do CEDF)
 - Prof^o Eduardo Jobim (Coordenador de Educação Média)
 - Prof^a Stella dos Cherubins Guimarães Trois (Coordenadora do Curso de Direção da Escola Elementar)
- Palestras pronunciadas / Comunicações apresentadas
 - “O Conselho de Educação do DF face a Nova Estrutura do Ensino Normal” Clélia de Freitas Capanema
 - “Nova Estrutura do Ensino Normal do DF” - Consuelo de Menezes Garcia (Assessora-Chefe AEN)
 - “Técnicas e formas de Avaliação” - Prof^o Miguel Godeardo Baquero
 - “Uma experiência de avaliação em conteúdo” - Prof^o José Luiz Peron
 - “Coleta de dados e desenvolvimento do senso de observação” - Prof^o Hugo Veronese
 - “Conselhos de Grupo” - Prof^a M^a Nazareth de Moura Veronese
- Participantes (205 profissionais entre Professores dos Cursos Normais Oficiais, Assistentes de Cursos Normais e Diretores das Escolas de Aplicação)
- Temas centrais: “Nova estrutura dos Cursos Normais Oficiais do DF e Novo Sistema de Avaliação Discente - uma experiência”
- Local do Seminário: UnB - Anfiteatro nº 10
- D) V SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL OFICIAL DO DF (23 a 27 de fevereiro de 1970)
 - Comissão Organizadora
 - Cosete Ramos
 - Ana Maria Barros
 - Renilda da Silva Neves
 - Autoridades presentes na Sessão Inaugural
 - Cel. Jarbas Passarinho (Ministro da Educação e Cultura)
 - Dr. Hélio Prates da Silveira (Governador do DF)
 - Prof^o Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros (Secretário de Educação e Cultura GDF)
 - Prof^o Henrique Teixeira Tamm (Coordenador de Educação Média)
 - Autoridades presentes na Sessão de Encerramento
 - Dr. Hélio Prates da Silveira (Governador do DF)
 - Dom José Newton de Almeida Baptista (Arcebispo de Brasília)
 - Secretários do GDF de Governo: de Saúde, de Educação e Cultura; Viação e Obras; de Serviços Públicos e Segurança Pública.
 - Prof^a Consuelo de Menezes Garcia (Assessora-Chefe da AEN)
 - Participantes: (215 profissionais entre Professores dos Cursos Normais Oficiais, Assistentes dos Cursos Normais e Diretores e Professoras das Escolas de Aplicação)
 - Temas centrais / responsáveis:
 - Estudo da Programação por Disciplina
 - Avaliação de Conteúdo por Disciplina - Daisy Collet de Araújo Lima
 - Avaliação Formativa - M^a do Socorro Jordão Emerenciano
 - Nova Estrutura dos Cursos Normais
 - Técnicas Didáticas - Cosete Ramos
 - Relacionamento Escola Normal e Escola de Aplicação - Renilda Neves
 - Unidades de Trabalho / Centros de Interesse - Terezinha de Jesus Paiva
 - Local do Seminário: Escola Normal de Brasília

- E) I SEMINÁRIO DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES DOS CURSOS NORMAIS OFICIAIS DO DF (1º semestre 1969)
 - Palestras proferidas:
 - “A Professora Primária do DF” - Anna Bernardes de Silveira Rocha - Coordenadora da Educação Primária / SEC
 - “O Magistério” - Daisy Collet de Araújo Lima e Renilda da Silva Neves
 - A nova Estrutura dos Cursos Normais” - Consuelo de Menezes Garcia
 - “O Novo Sistema de Avaliação” - Cosete Ramos e Ana M^a Barros
- F) PÁSCOA DA NORMALISTA (1969)
 - Confraternização de toda a equipe docente e discente do Cursos Normais Oficiais do DF
- G) I SEMINÁRIO DE DIRETORES E SECRETÁRIOS DE ESTABELECIMENTOS OFICIAIS QUE MANTÊM CURSOS NORMAIS (1969)

Objetivo: fornecer informações relacionadas à nova Regulamentação do Ensino Normal Oficial do DF
- H) II SEMINÁRIO DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES DOS CURSOS NORMAIS OFICIAIS (4 de março de 1970)
- D) CONFRATERNIZAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DOS CURSOS NORMAIS OFICIAIS (1970)
 - I Confraternização - 4 de abril
 - II Confraternização 13 de maio
 - III Confraternização - 5 de junho
 - IV Confraternização - 19 de agosto
 - V Confraternização - 12 de outubro
- J) II SEMANA DA NORMALISTA (11 a 16 de outubro 1970)



Cena do Seminário de Ensino Normal

Manchetes de jornais da época:

III SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL DO DF

– *Correio Braziliense*

1/12/68 "Em decate sistema para aprimorar ensino médio"

4/12/68 "III Seminário do Ensino Médio estuda propostas"

7/12/68 "Normal conclui reunião"

14/12/68 "Ensino Normal adotará novos critérios em 69"

– *Última Hora*

3/12/68 "Seminário de ensino vê novas avaliações"

● B) I SEMANA DA NORMALISTA

– *Correio Braziliense*

18/10/69 "Normalista festeja semana"

11/11/69 "Concerto vai abrir Semana da Normalista"

16/11/69 "Normalista festeja semana"

23/11/69 "Planaltina vence concurso"

19/11/69 "Normalistas expõem trabalho funcional"

● C) IV SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL DO DF

– *Correio Braziliense*

4/7/69 "Seminário de Ensino Normal será em agosto"

3/7/69 "Ensino Normal em seminário"

5/8/69 "Em pauta reestrutura para o ensino normal"

6/8/69 "Professores do Normal avaliam experiências"

7/8/69 "Seminário debate formas de avaliação"

8/8/69 "Seminário do Normal termina"

– *Distrito Federal*

5/8/69 "Curso Normal tem seminário"

6/8/69 "Professores do Normal estudam Técnicas"

● D) V SEMINÁRIO DE PROFESSORES DO ENSINO NORMAL DO DF

– *Correio Braziliense*

20/2/70 "Ensino Normal tem seminário"

24/2/70 "Professores do Normal reunidos"

3/3/70 "Normal finda Seminário"

A maior realização da Equipe da Assessoria do Ensino Normal, envolvendo todos os professores do Ensino Normal e respectivas Escolas de Aplicação, no período 1968/1969, foi a **total reformulação** dos Cursos Normais Oficiais do DF.

O documento "Normas Regimentais para o Curso Normal Oficial" foi:

- 1) Aprovado pela Câmara de Ensino Médio do CEDF (Conselho de Educação do DF) em 8 de outubro de 1969.
- 2) Ratificado pelo Plenário do CEDF em 13 de outubro de 1969.
- 3) Homologado pelo Exmo. Sr. Secretário da Educação e Cultura, Dr. Ivan Luz, em 23 de outubro de 1969.

Do referido documento foram extraídas as características básicas do novo sistema.

- Regime semestral.
- Total de horas-aula do Curso: 3664
- Prazo, mínimo e máximo, para conclusão do Curso:
 - Diurno - 7 semestres letivos/10 semestres letivos
 - Noturno - 9 semestres letivos/12 semestres letivos
- Total de horas-aulas semanais: 34
- Total de disciplinas ou faixas de disciplinas:36
- Cada disciplina ou faixa de disciplina(disciplinas que aparecem em mais de um semestre) só podem ser cursadas desde que obedecidos os pré-requisitos.
- Regime de recuperação para os alunos não aprovados integral ou parcialmente(Grupos de Treinamento) no Exame de Classificação para ingresso.
- Oferecimento de Cursos Optativos.
- Direito do aluno trancar sua matrícula integral ou parcialmente.
- Preferência: 25 alunos por turma (máximo: 30).
- Sistema de Avaliação de caráter duplo:
 - Menção de conteúdo por disciplina, atribuída pelo professor da matéria.
 - Menção de Formação, única, atribuída pelo Conselho de Grupo.
- Avaliação expressa em menções graduadas:
 - CMS - condição muita satisfatória (aprovação)
 - CS - condição satisfatória (aprovação)
 - CPS - condição pouco satisfatória (reprovação)
 - CNE - condição não evidenciada (reprovação)
- Em cada semestre, o aluno recebe duas menções de conteúdo e duas de formação, atribuídas bimestralmente, sendo a última cumulativa e final.
- Direito do aluno entrar com recurso quanto a sua avaliação.
- Um Professor-Orientador para cada grupo de alunos (20 alunos) por semestre.
- Conselho de Grupo para avaliação funcionando semanalmente pelo menos por 2 horas.
- Último semestre do Curso destinado apenas para Prática de Ensino (tendo todas as outras disciplinas como pré-requisito).
- Mesmo nº de horas semanais e atividades programadas para Prática de Ensino para os Cursos Diurno e Noturno.
- Avaliação dos alunos de Prática de Ensino envolvendo todos os professores de Prática, Didáticas Especiais e Psicologia, ajudados pela Diretora e Professores da Escola-Classe da Rede Oficial de Ensino Primário no DF onde foi desenvolvida a regência, reunidos em Conselho de Grupo.
- Anexa a cada Curso Normal haveria uma Escola de Aplicação, onde seriam ministrados cursos de nível primário e pré-primário, funcionando como campo de orientação, experimentação pedagógica, de demonstração e prática de ensino.

A seguir, apresenta-se a grade curricular dos Cursos Normais do DF.

DISCIPLINAS	Nº DE FAIXAS	TOTAL DE HORAS-AULAS
Português	6	480 h
Matemática	2	160 h
Estudos Sociais	1	200 h
Filosofia	2	128 h
Ciências Naturais Aplicadas à Educação	1	200 h
Estatística Aplicada à Educação	1	048 h
Sociologia Aplicada à Educação	1	064 h
Psicologia	3	320 h
Introdução à Educação	1	064 h
Didática Geral	1	112 h
Didática dos Estudos Sociais	1	128 h
Didática da Linguagem	1	200 h
Didática da Matemática	1	200 h
Didática das Ciências Naturais	1	128 h
Didática da Educação Musical	1	048 h
Didática da Educação Estética	1	048 h
Didática da Educação Física, Recreação e Jogos	1	064 h
Administração Escolar	1	080 h
Currículo e Supervisão	1	128 h
Recreação e Jogos na Escola Elementar	2	128 h
Educação Estética	2	096 h
Educação Musical	2	096 h
História e Filosofia da Educação	1	064 h
Prática de Ensino	1	480 h
TOTAL DE CRÉDITOS E HORAS	36	3664 h

Cosete Ramos
Assessora-Técnica da AEN

Neste período (1968 a 1969), eis a relação dos Assistentes dos Cursos Normais Oficiais do DF e Diretores das Escolas de Aplicação.

ESTABELECIMENTO	ASSISTENTE CURSO NORMAL	PERÍODO
CEMEB (Diurno)	M ^a da Conceição de Freitas Murat Gebaili	1968 / 1969
CEMEB (Noturno)	Dulce Guimarães	1968 / 1969
CEMAB (Noturno)	Dorothea Phelomena Ferreira Chaves	1968 / 1969
CEMAB (Noturno)	Américo Jorge Vieira de Freitas	1969
COLÉGIO DE PLANALTINA	Helena Maria Carneiro de Abreu	1968 / 1969
COLÉGIO DE SOBRADINHO	Ana Maria Aimoré Bonin Iatir da Costa Eirado	1968 1969
COLÉGIO DO GAMA	Omar Paulo Machado M ^a Gladis Moreira Barreto	1968 1968 / 1969

ESTABELECIMENTO	DIRETORA ESCOLA APLICAÇÃO	PERÍODO
CEMEB	M ^a de Lourdes Moura Lima Rocha	1968 / 1969
CEMAB	M ^a Salete Albuquerque	1968 / 1969

V - Curso de Magistério em Brasília: 30 Anos Depois

- Escola Normal de Brasília Hoje (1990)

Para se pensar na Escola Normal de Brasília hoje, é preciso remontar-se ao seu projeto inicial, de 30 anos atrás. A Escola Normal de Brasília foi concebida com a pretensão de ser um modelo para a formação dos professores do Distrito Federal, na busca do melhor nível de ensino e educação para as escolas de 1º Grau.

Tudo foi previsto: instalações físicas modelares, laboratórios dotados de instrumental de primeira qualidade, previsão de creche para os filhos dos funcionários e alunos, auditório amplo e arejado, cantinas até certo ponto sofisticadas, salas de repouso, etc. Um Estabelecimento de Ensino no padrão igual ou superior aos dos países ricos.

O produto deveria ser da melhor qualidade, tendo em vista, sobretudo, as condições privilegiadas que lhe foram concedidas: recursos materiais e humanos selecionados, currículo esmerado, duração em nível quase universitário.

Beleza pura, nos seus ideais. Apenas foi esquecido que, padrões de povo desenvolvido não podem manter-se numa realidade de terceiro mundo. Aos poucos foram sendo eliminados os privilégios, para entrar-se na realidade dura, vivida por todo o sistema brasileiro de ensino. Os sonhos foram muito altos para uma instituição que tem sua autonomia de vôo limitada pelas condições de um país que não pode se sustentar sobre a veleidade e sobre a euforia do propalado “milagre brasileiro”.

Hoje a realidade é bem outra. Sumiram-se os privilégios, veio a necessidade de manutenção das instalações, outros currículos e programas vieram, até mesmo em função da dinâmica da educação e da vida.

Infelizmente continuamos, postados à sombra do “muro das lamentações”: dirigentes queixam-se dos professores, professores reclamam da política que vem do alto, choramos sobre o nível dos alunos que vêm do primeiro grau, este nos responde que eles são o produto dos professores que para lá enviamos. E continua indefinidamente o eterno círculo vicioso do filhote de cão que procura morder o próprio rabo.

Sabemos que todas as medidas, internas e externas, aplicadas ao Curso de Preparação para o Magistério, são geradas pelas melhores intenções e pelo desejo de acertar, mas sabemos também que se faz necessária uma parada para a reflexão, a partir, sobretudo, do nível de insatisfação dos alunos.

Já que um dia se optou por um ensino essencialmente profissionalizante, convém fundamentar-se uma proposta curricular que realmente atenda às implicações contidas nesta opção. A partir das necessidades do 1º grau, verifique-se o que é essencial a um profissional de ensino daquele grau, escoimando-se a grade curricular de tudo aquilo que, embora sendo bom e necessário, pode ser remetido a outra instância, ou mesmo ser englobado no conteúdo programático de disciplinas essenciais.

O que, enfim, não pode acontecer é que, teimando em equívocos injustificáveis, nem estejamos “adestrando” nossos alunos para o vestibular à Universidade, nem tão pouco os estejamos “formando” para a vida profissional.

Apesar dos pesares, entretanto, podemos afirmar que a Escola Normal, ainda hoje, tem aquele mínimo necessário para fazer jus à sua proposta inicial: ser um modelo de ensino para a formação de professores para o 1º grau.

Atualmente adotamos a seguinte grade curricular, com os alunos frequentando a Escola em tempo integral, isto é, pela manhã e pela tarde.

CURSO: HABILITAÇÃO ESPECÍFICA DE 2º GRAU
 PARA O EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO EM NÍVEL DE 1º GRAU
 ANEXO AO PARECER Nº 093/90 - CEDF

Componentes Curriculares	Carga Horária Semanal			Duração em Horas	
	1ª	2ª	3ª	P/ Comp. Curric.	Por Parte Parte
- Português	6	5	5	576	
- Matemática	5	4	4	468	
- Língua Estrangeira Moderna	1	-	-	36	
- Física	2	2	-	144	
- Química	2	2	-	144	
- Biologia/Programas de Saúde	2	2	2	216	
- História	2	2	-	144	
- Geografia	2	2	-	144	
- Educação Moral e Cívica	-	-	1	36	
- Organização Social e Política do Brasil	-	-	1	36	
- Educação Física	2	3	3	288	
- Educação Artística	2	2	-	144	
- Ensino Religioso	-	-	1	36	2.412
- Fundamentos da Educação					
. Psicologia da Educação	2	2	2	216	
. Sociologia da Educação	2	-	-	72	
. História da Educação	-	2	-	72	
. Filosofia da Educação	-	-	2	72	
- Didática					
. Didática Geral	2	2	-	144	
. Didática da Linguagem	-	3	3	216	
. Didática da Matemática	-	3	3	216	
. Didática da Iniciação às Ciências	-	-	2	72	
. Didática da Integração Social	-	-	2	72	
- Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau	-	-	2	72	
- Prática de Ensino/Estágio	2	2	6	360	1.584
- Estudo Orientado	10	7	6	828	828
TOTAL GERAL	44	45	45	4.824	4.824

Júlio C. Horta Barbosa
 Diretor da ENB - 1990

A Direção atual da Escola Normal de Brasília, apesar de dificuldades sem conta em todas as áreas, vem procurando adotar um filosofia humanística no trato dos recursos humanos de que dispõe. Através de uma política de valorização do professor e de uma gestão co-participativa tem buscado o consenso e a adesão de todos para o desenvolvimento de uma gestão democrática.

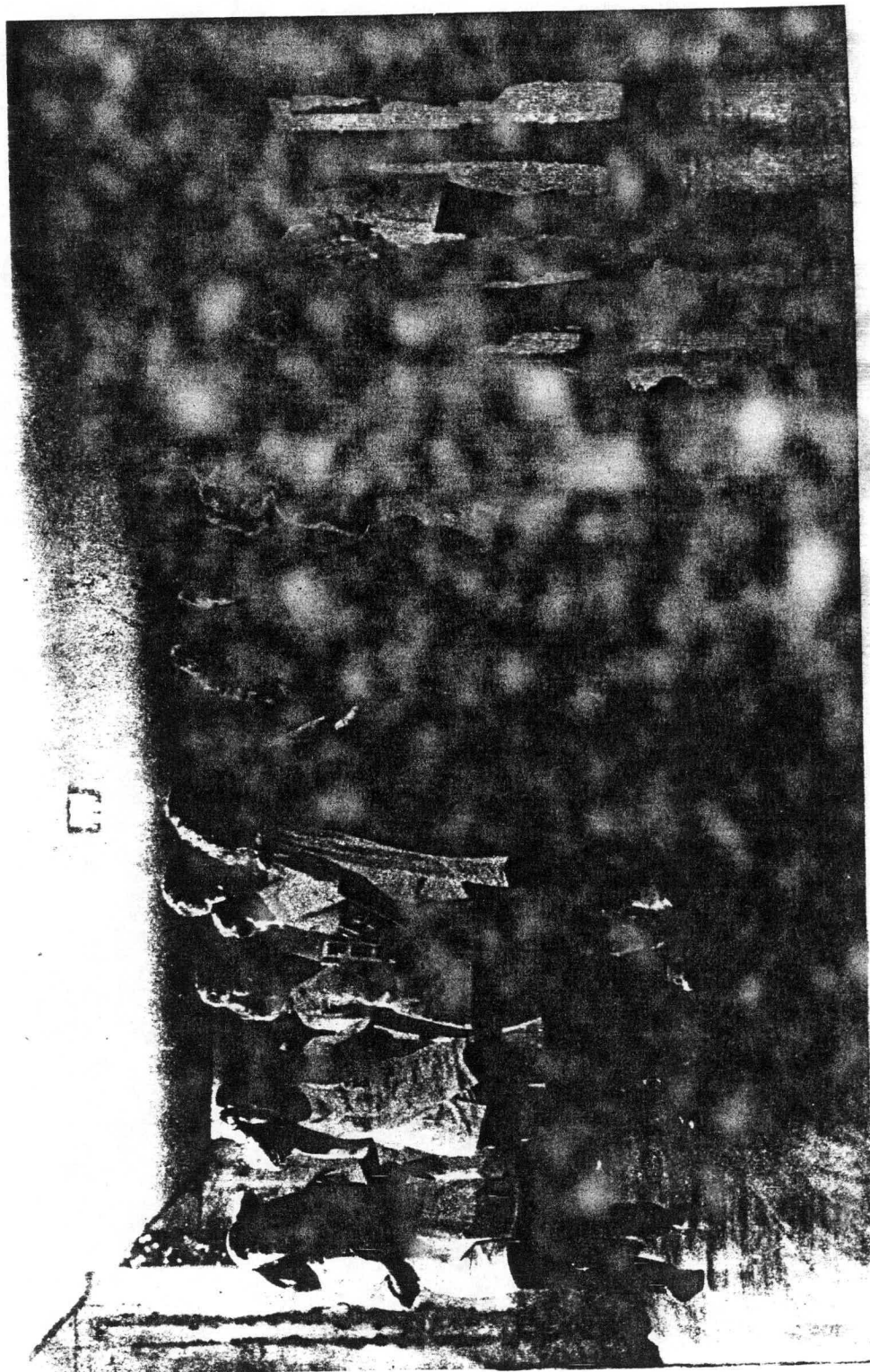
O primeiro passo para este objetivo foi certamente a eleição do diretor, pelos próprios professores, funcionários, alunos e pais. O apoio da comunidade tem sido buscado através da existência e funcionamento da Associação de Pais, Alunos e Mestres, com reuniões pedagógicas, comemorações de eventos significativos, tais como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Professor, da Normalista etc; ou realizações como Feira do Livro, Feira de Ciências, Gincana sobre o Meio Ambiente, Visitas a Museus e pontos históricos /turísticos, concursos de Redação e Artes e até campeonatos desportivos.

A Equipe Docente tem a preocupação visível de trabalhar com objetivos definidos de busca do desenvolvimento integral do aluno na vivência de uma pedagogia da existência: desenvolver-se não para si, mas em função da transformação do ambiente. Aspectos intelectuais, culturais, afetivos só têm sentido na medida em que possa existir uma volta para o outro. Ninguém, nem professor nem aluno, é uma ilha.

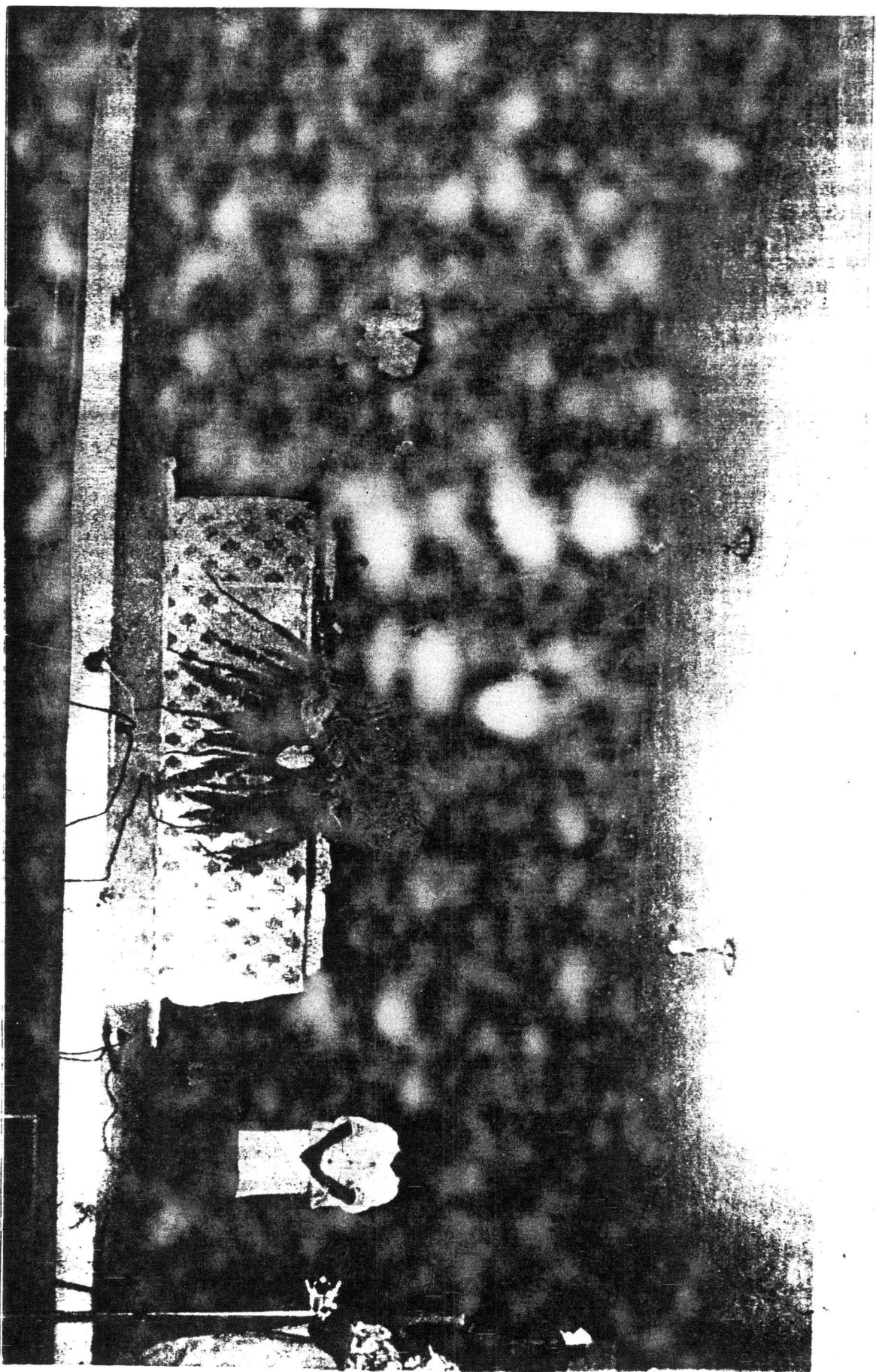
É esta a filosofia que a atual Direção da Escola Normal de Brasília vem procurando imprimir à sua ação administrativa.



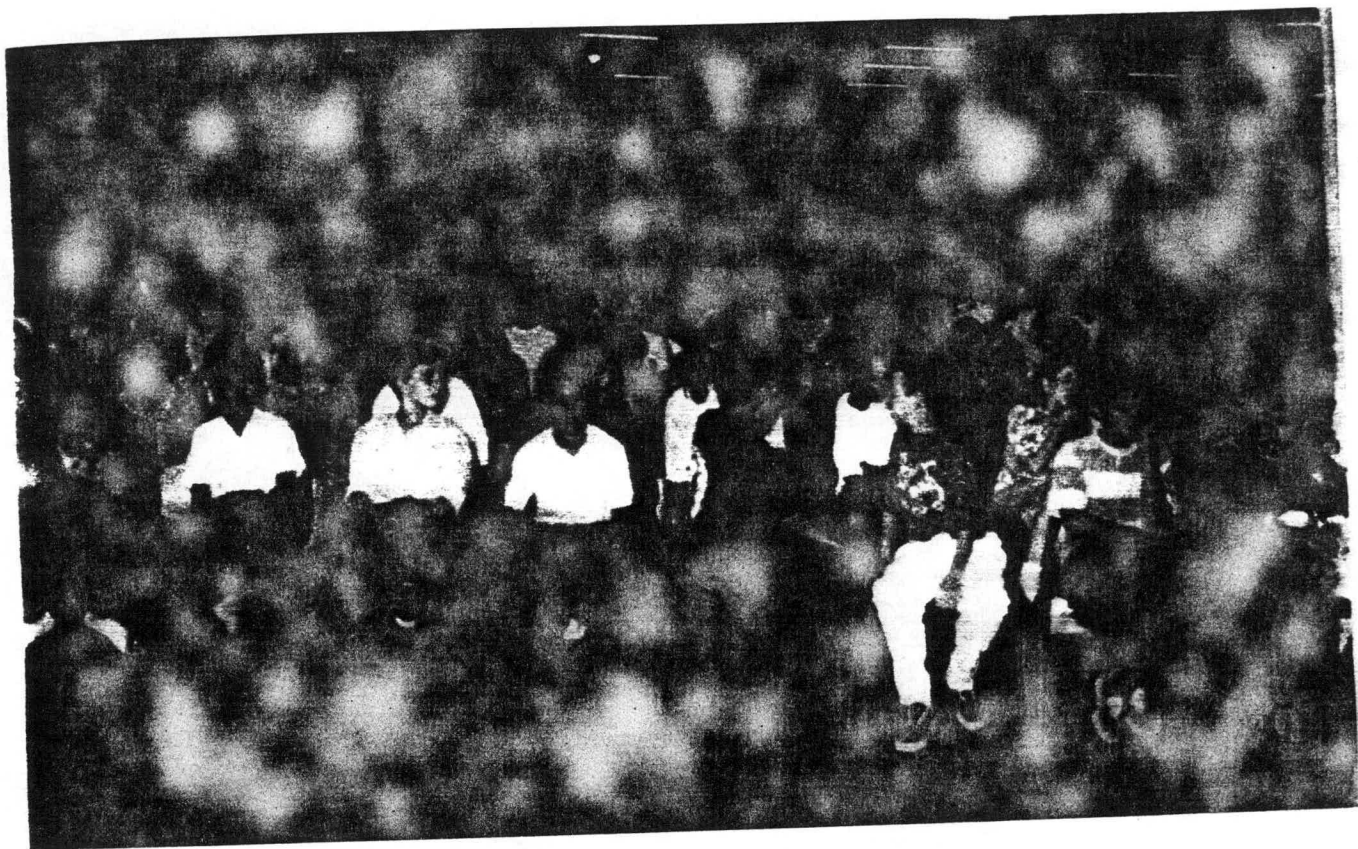
Júlio C. Horta Barbosa Neto
Diretor da ENB - 1990



Alunas de 1990 do Curso de Magistério da Escola Normal de Brasília.



Formatura dos Alunos da Escola de Aplicação em 1989. Aparecem na mesa, da esquerda para a direita: Eloisa Antunes, Maria Célia Lima, Kufrance Pereira, Ceny Penido, Elizete Gonçalves, Jane Gonçalves, Francisco de Castro, Edleuza Botelho, Júlio Horta, Cátia Lúcia, Myriam W. Santos, Maria Graças Fortes e Arlete Dias.



Cena da formatura dos alunos da Escola de Aplicação em 1989.

A Escola de Aplicação objetiva servir de laboratório de prática de ensino às professorandas. A responsabilidade é grande, exigindo constantes mudanças, reciclagens e estudo por parte do corpo docente a fim de oferecer o que de mais avançado existe na prática de ensinar.

Com esta visão mutável do campo educacional e conscientes de que não existe escola futurista capaz de formar profissionais para, pelo menos uma década, procuramos criar e recriar, executar e avaliar constantemente, buscando mostrar ao futuro profissional do ensino que nada é fechado e acabado e que a educação deve caminhar paralela à mutação social.

Compreendemos que educar é um processo de construção onde o educando e o educador devem ser agentes. A prática docente não se limita à repetição de informações, mas também na valorização da troca de experiências entre os educandos, num processo de interação entre professor, aluno e conhecimento científico.

O intercâmbio, hoje, entre o Curso de Magistério e o 1º Grau, tem sido uma constante, tanto a nível de sala de aula, em observações e prática, como, e principalmente, em participações informais de troca de idéias em planejamento e elaboração de instrumentos de avaliação.

Nos eventos da Escola nota-se claramente o entrosamento dos diversos níveis, com a normalista vivenciando com a criança as experiências de excursões a museus, festas de culminância de temas como Ecologia, Pátria, Primavera, Pais, Mães, Trânsito, etc.

A Escola de Aplicação também tem contribuído para irradiar sua prática às outras Escolas de 1º Grau, levando seu material de ensino-aprendizagem e suas técnicas trazidas pelo corpo de professores-orientadores às salas de aula.

Edleuza Novais Botelho
Diretora da Escola de Aplicação da ENB - 1990



1990. Alunos da Escola de Aplicação da ENB.

A história do Jardim de Infância da ENB se confunde com a de seus professores. História de luta, de amor, de dedicação, alegria e esperança! Esperança de transformar a escola num grande laboratório, onde todas as idéias tivessem espaço para se concretizarem, brincando seriamente, numa convivência de muita compreensão e amor com as crianças.

O Jardim de Infância da ENB tem como princípios:

- favorecer consentâneas oportunidades ao aluno de pensar, expressando valores, sentimentos e aspirações próprias da idade pré-escolar em que se encontra;
- instrumentalizar ludicamente as crianças;
- repensar constantemente a prática pedagógica, de acordo com as novas teorias supervenientes (Emília Ferreiro, Piaget etc);
- idealizar materiais didáticos;
- formular propostas voltadas para uma escola ativa e dinâmica, estimulando assim a construção da inteligência das crianças.

O Jardim da Infância da ENB mantém atentamente os olhos voltados para a formação de futuros professores. Todo o seu corpo docente prima por favorecer o melhor, o mais eficiente e eficaz entrosamento com as normalistas, inclusive e principalmente abrindo-lhes as salas de aula para que possam vivenciar o dia-a-dia de suas atividades educacionais.

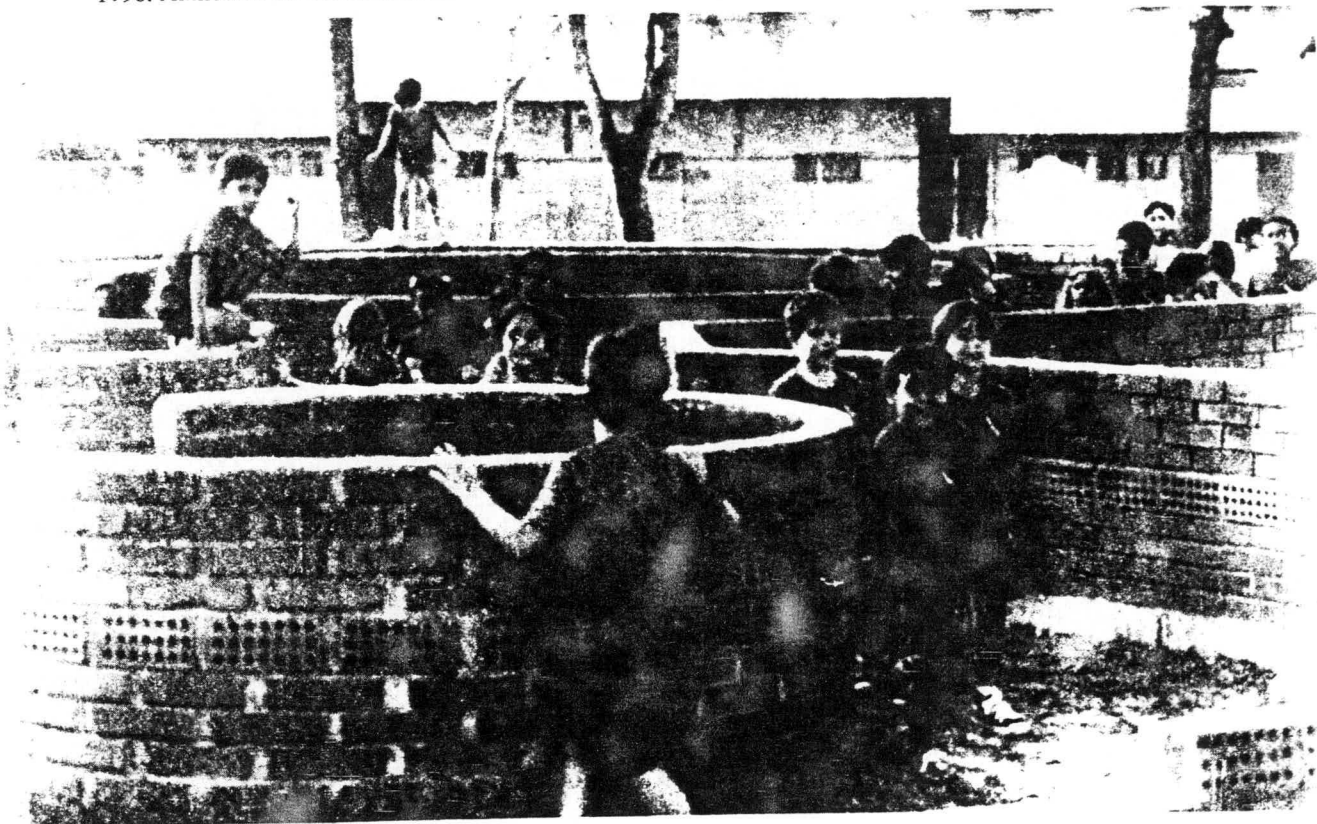
Há, com efeito, crença no aproveitamento maior do futuro professor, se a ele fossem proporcionados, momentos livres para que espontaneamente, sem preocupação de notas, se dedique a uma monitoria de sua escolha, permitindo-se-lhe assim um contacto periódico, mais descontraído e proveitoso com as crianças.

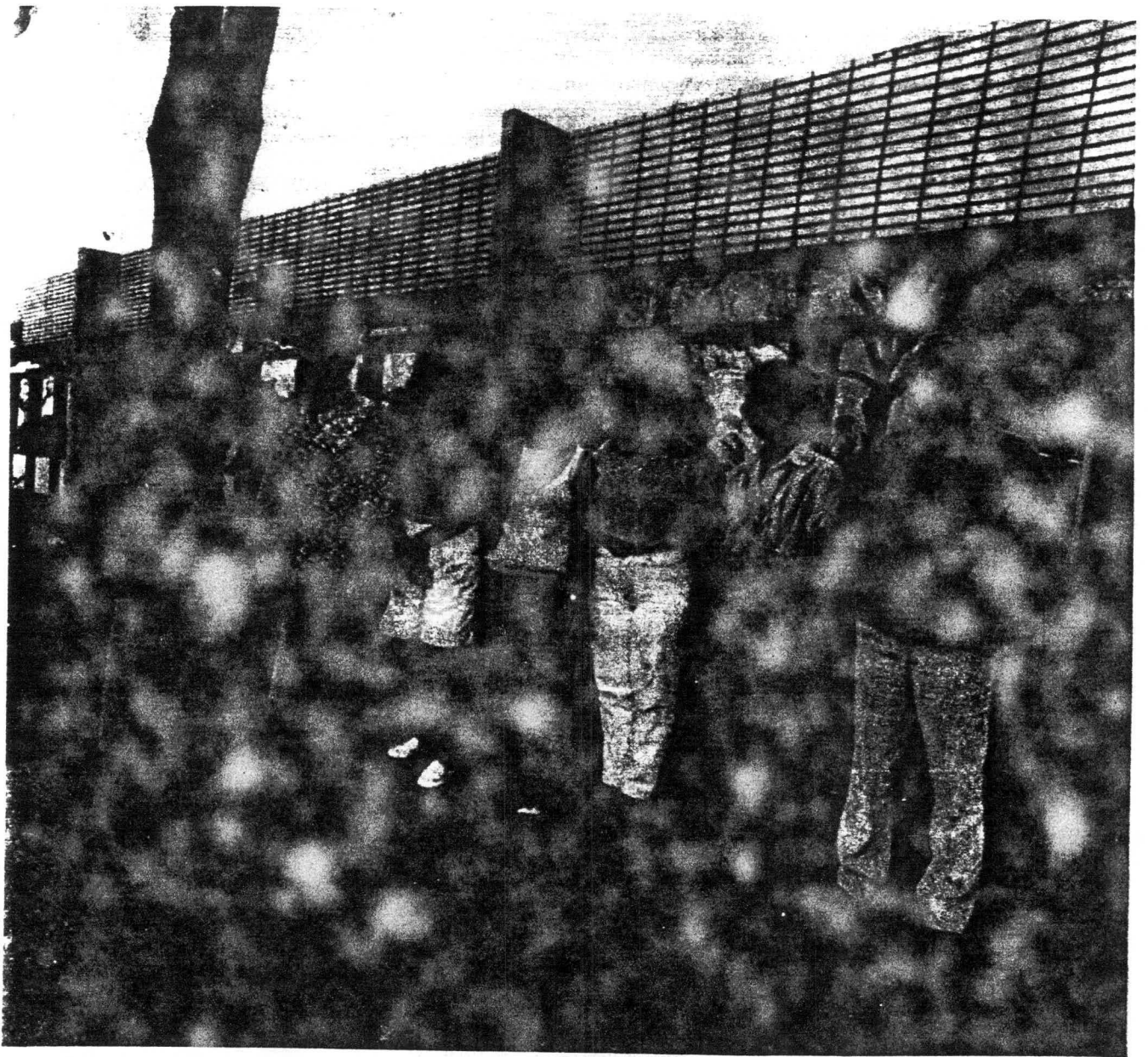
Não se pode falar do Jardim de Infância sem ressaltar uma figura muito importante para o bom andamento de suas atividades: a família. Foram os pais, durante muitos anos, aliados e colaboradores icansáveis do Jardim da Infância. Isso não mais ocorre com a mesma intensidade, porque a escola está mais aberta a outras comunidades, o que bem ressoa; mas, em decorrência disso talvez, não se cria um elo afetivo, não há comprometimento maior dos pais. E o Jardim da Infância se ressentido do literal afastamento dos pais, que são tão importantes para seu trabalho e para a vida de seus alunos. Sozinhos, os professores se vêm contingenciados a envidar esforço constante na busca da educação da criança. Urge, pois, o retorno ao equilíbrio de forças entre pais, mestres e responsáveis pela educação em nossa escola.

Mercê de sua direção, o Jardim da Infância da ENB, em sua linha filosófica, porfiará por manter a melhor e mais correta orientação de desempenho educacional, como um exemplo digno de respeito e de amor à criança.

Sebastiana Coelho de Andrade Silva
Diretora do Jardim da Infância da ENB - 1990

1990. Alunos do Jardim da Infância da ENB





Equipe de Direção na frente da ENB. Da esquerda para a direita: **Júlio C. Horta Barbosa Neto**, **Edleuza N. Botelho**, Yara da Graça Gomes, Maria de Lourdes M. Cunha, Cátia Lúcia C. de Oliveira, Cecília Borges e Mário Rubem Cerqueira.

V - Curso de Magistério em Brasília: 30 Anos Depois
- Programa das Comemorações



30 ANOS DO CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA 1960 • 1990

Data: **10 de outubro de 1990**
Horário: **08:30 às 17:00 horas**
Local: **Escola Normal de Brasília**

Período (1960) Curso Normal da CASEB - Brasília
Histórico (1961 / 1969) Curso Normal do CEMEB - Brasília
Envolvido (1970) Escola Normal de Brasília

COMISSÃO ORGANIZADORA

Equipe Atual da ENB

Cecília Siqueira Borges
Edleuza Novaes Botelho
Julio Horta Barbosa
Maria de Lourdes M. Cunha
Yara da Graça Gomes

Professores de 1960 / 1990

Daisy Collet de Araújo Lima
Germano Galler
Ivaniza da Rocha Arraes
Maria de Lourdes M. L. Rocha
Myriam Gessy Ottoni Guedes

Alunas do Curso de Magistério - 1960 / 1990

Cosete Ramos
Maria Coeli Almeida
Nelcy Alarcão
Walkiria Dunquei Pereira

EVENTOS PROGRAMADOS

Evento 1 - 08:30 às 09:00 horas

"Hasteando nossas bandeiras"

Do Brasil Governador Wanderley Vallim da Silva
De Brasília Secretária Malva Queiroz Oliveira
Da ENB Professor Júlio Horta Barbosa

Evento 2 - 09:00 às 09:30 horas

"Prá começo de conversa"

- Palavras de nossas Autoridades
- Palavras de Alunos do Curso de Magistério de Brasília
 - Boas Vindas de uma Normalista de 1990
ALESSANDRA FREIRE CAMPOS
 - Saudação de uma Normalista de 1960
COSETE RAMOS
- Palavras dos Professores do Curso de Magistério de Brasília
 - Boas Vindas de um Professor de 1990
MARIA ANGÉLICA MARACI
 - Saudação de um Professor de 1960
DAISY COLLET DE ARAUJO LIMA

Evento 3 - 09:30 às 10:30 horas

"Revivendo o Curso de Magistério em Brasília - 1960 / 1970"

- Painel
 - Coordenador: Júlio Horta Barbosa
 - Painelistas: Anna Bernardes da Silva Rocha
Consuelo de Menezes Garcia Lima
Germano Galler
Stella dos Cherubins Guimarães Trois

CAFEZINHO - 10:30 às 11:00 HORAS

Evento 4 - 11:00 às 12:00 horas

"Homenageando algumas personalidades"

- Descerrando placas comemorativas com nomes de Dirigentes e Professores que se destacaram no Curso de Magistério em Brasília
 - * Anna Bernardes da Silveira Rocha
 - * Felizardo Cardoso da Silva Neto
 - * Germano Galler
 - * Ivone Rodrigues
 - * Maria Conceição de F. M. Gebaili
 - * Maria de Lourdes Moura Lima Rocha
 - * Stella dos Cherubins Guimarães Trois
- Inaugurando a Galeria de Retratos dos Ex-Diretores da Escola Normal de Brasília

Evento 5 - 12:00 às 14:30 horas

"Congratamento em torno da mesa"

- Almoço comunitário
- Local: Auditório da ENB

Evento 6 - 14:30 às 16:30 horas

"O passado contribuindo para a construção do futuro"

- MESA REDONDA (A)

Tema: O curso de Magistério em Brasília - Ontem, Hoje e Amanhã

- Membros (1960/1970)**
- Daisy Collet de Araújo Lima
 - Dorália Duarte Galessio
 - Júlia Passarinho
 - Maria Alice Guimarães
 - Maria Conceição Gebaili
 - Myriam Gessy Ottoni Guedes

- Membros (1990)**
- Débora Dalla Barba
 - Ester Terezinha Capelli Gomes
 - Isidoro Pires de Souza
 - Jeny Maria Gottas Dourado
 - Yara da Graça Gomes

- MESA REDONDA (B)

Tema: A Escola de Aplicação - Ontem, hoje e amanhã

- Membros (1960/1970)**
- Cosete Ramos
 - Ivone Rodrigues
 - João Gilberto Maia de Souza (Joca)
 - Maria Coeli de Almeida
 - Maria de Lourdes Lima Rocha

- Membros (1990)**
- Edleuza Novaes Botelho
 - Maria de Lourdes M. Cunha
 - Sebastiana Andrade Silva
 - Stefania Petra da Mota Campos
 - Vera Lúcia Oliveira dos Santos

Evento 7 - 16:30 às 17:00 horas

Distribuição da Publicação "30 ANOS DO CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA" - Edição Histórica

Mensagem: Cosete Ramos

VI - Anexos

CURSO DE MAGISTÉRIO EM BRASÍLIA
CURSO NORMAL DA CASEB (1960)
COORDENADORA: MARIA GENY FERREIRA DA SILVA

PROFESSORES

Abigail Pereira Nunes
Aci Nigri
Araberg Pessoa de Luna
Clélia de Freitas Capanema
Daisy Collet de Araújo Lima
Eduardo Jobim
Julimar Nunes Leal
Maria Conceição de Freitas
Maria de Lourdes Moura
Miriam Gessy Ottoni F. da Cunha
Naná Gomes de Lyra

ALUNAS DO CURSO NORMAL DA CASEB (1960)

1º ANO

Benigna Maria Marques de Freitas
Cristina Maria de Araújo Moreno
Cristina de Alencar Moreira
Cristina Feitoza
Cristina Leolita Dias Souto
Elcy Esteves de Faria
Dulce da Silva Gomes
Eleusa Luciana do Carmo
Eleusa Vaz
Eloiza Helena Rodrigues da Cunha XX
Helenita Amélia Gonçalves Caiado
Gladys Henriette Novaes Ferreira
Ilis do Rosário Guimarães
Irene de Souza
X Josélija Aires Cavalcante
Kilda Lopes da Silva
Leida da Silva Cunha
Lúcia Maria do Monte X X
Magda Pinho França de Almeida
Maria Alice da Silva Guimarães
Maria da Conceição Cintra
Maria Dalva Alves Santos
Maria Emília Ribeiro
Maria Lúcia de O. Magalhães
Maria Mota Gomes
Marieta Soares
Nair Pacheco de Oliveira
Neli Bustamante
Nilcéa Gouvêa
Rosete Martins Ramos X
Sandra Elizabeth Martins Soares
Walce Moreira Mattos X
Viema Buherer Leal
Maria Stela Passos Munis
Eloisa Caiado
Iris de Maria Ferreira
Márcia Luci Ordiz da Câmara
Maria Tereza Lode

2º ANO

Ednei Vaz
Elsa K. Bastos
Lilian Regina de Carvalho
Lúcia Maria Azevedo Fonseca
Maria Helena Guimarães
Maria Ida Marques de Sousa
Maria José Rodrigues da Cunha X X
Maria Luiza de Oliveira
Nelly Maria Vieira
Neuza Tokarski
Neuza Zapponi
Rosemary Halm de Menezes
Sônia Alves de Faria
Vera Barra X X
Vera Lúcia Salles de Paula
Vilma Cavalcante
Zélia Maria Guerra Cadin

3º ANO

Aparecida Castilho
Cosete Martins Ramos X X
Daise Clarice Pereira
Irene Alves Oliveira
Maria Coeli de Almeida
Maria Isabel Nardelli Pinto
Lenice Camilo
Neide Ataíde da Silveira
Mirian Azevedo

ESCOLA NORMAL DE BRASÍLIA (1990)
DIRETOR DA ENB: JULIO C. HORTA BARBOSA NETO
EQUIPE DO CURSO NORMAL
ENCARREGADO: Yara das Graças Gomes
APOIOS: Maria Inês Raposo de Vasconcelos
Priscila Maria Gatti

PROFESSORES:

Alcione Áurea Araújo Cruvinel
Alzira Inácia Paulista Barbosa
Amélia Martins Ramos
Ana Maria de Araújo
Auxiliadora Pereira Borges
Daisy Maria Alves Rocha
Débora Ferreira Passos Cúgola
Delécia da Silva André
Diana Marcia da Motta Campos
Diana Sarmento Cardoso de Oliveira
Edite Rosa Vigário Sampaio
Edmayre Gemide Lima Jesus
Edvaldo Ponciano dos Santos
Eloisa Elena Queiroz Antunes
Ester Terezinha Capeli Gomes

Floripes da Cunha Pereira
Gersina Martins de Almeida Macedo
Gilda dos Reis Gomes
Hercília G. S. da Silva
Ilca Vicentina Teixeira
Inês de Amorim Cardoso
Inez Rosa Morais de Assis
Inhancy Soares Cantanhede
Isidoro Pires de Souza
Jake Honório do Carmo
Joacy Oliveira Machado
José Caetano da Silva
José Domingos Piva
José Fabiano Pereira Lima
Leila Alves de Oliveira
Leila Aparecida Esteves Cabral
Leonora de Abreu Benvenuto
Linaldo José Malveira
Lourdes Nazaré Mendes de Andrade
Lúcia Baumgarten Filomeno
Lúcia Helena de Araújo Lobo
Luizette Martins de Britto
Luzia Noleto Brettas
Márcia Cardoso
Maria Alice Pereira Lobo
Maria Angélica Machado Maraci
Maria do Carmo Reis
Maria Christina Carvalho do Carmo
Maria Delzuite R. Nolasco de Assis
Maria Eunice Zerbini Leão Borges
Maria Gilzette da Trindade de Souza
Maria das Graças Martins Garcia
Maria das Graças Negry Maciel
Maria Inês Raposo de Vasconcelos
Maria de Lourdes Borges

Maria de Lourdes M. Lima Rocha
Maria de Lourdes da Silva Cataldo
Maria Luiza Morici Bisinotto
Maria Malfa
Maria Salete Albuquerque Camargo
Marta Conceição Campos Gomes
Myrtes Cardoso
Nadir Nunes de Magalhães
Noelze Miranda Brasileiro
Orlandia de Oliveira
Osimar de Carvalho Lyra Quaresma
Paula Ermita Cruz Lopes
Rafael Caetano de Freitas
Roberval Marques do Amaral
Rosa Maria de Amorim
Silvia Daher Naves
Sonia Maria Izaias Silva
Vera Lúcia Mendonça Taveira
Vera Maria Freitas
Virginia da Rosa Moreira
Ydê Afonso
Zayée Ferreira Goulart Gonzaga
Zulmira Lino Gomes

EQUIPE DO JARDIM DE INFÂNCIA
ENCARREGADO: Maria de Lourdes Monção Cunha
APOIOS: Aparecida Benedita de Oliveira
Lêda Terezinha Pimenta Ribeiro

PROFESSORES:

Amélia da Penha de Assis Gaspar
Cláudia de Fátima Ribeiro
Cleonice Valim Gonçalves Dias
Dalva Ismênia Nazaré
Édila Gomes Pereira
Emiliana Godoi Cardoso
Luzia Edi Mendes
Magda Maria Gravina
Mari Léa Coelho Pompeo de Campos
Maria de Lourdes Alvim Gomes
Maria Pompéia A. Gomes Fernandes
Marly Teixeira Castello Branco
Nárrima Luiza Fabres Flores
Nina Cláudia Assunção Mello
Olímpia Alves Pinheiro Tannure
Rita de Cássia Pinho Novak da Rosa
Rosane de Castro D. da Silva
Sebastiana Coelho de Andrade Silva
Vilma da Costa Santos

EQUIPE DA ESCOLA DE APLICAÇÃO
ENCARREGADO: Edleuza Novais Botelho
APOIOS: Leda Maria de Almeida
Vera Saraiva Carneiro da Silva

PROFESSORES:

Ana Cristina Rosa Soter da Silveira
Arlete de Oliveira Dias
Célia Regina de Mattos Ferreira Leandre
Elizete Gonçalves Braz dos Santos
Elza Cândida da Silva André
Eurlene Carvalho de Sousa Barros
Geni Martha Penido da Silva
Gerald Gorete de Mendes do Nascimento
Helena Taveira Neiva
Heloisa Satiko Iamada
Ione da Consolação Pinto Silva
Keifrance Ferreira Pôrto Pereira
Lafde Colmanette e Souza
Lara Botelho Neiva
Layreana Memória Cardoso
Márcia de Sousa Gonçalves
Márcio Luiz Da Rós
Maria Aparecida Piza Santana
Maria Aparecida da Silva Jales
Maria Augusta Silveira Passos
Maria Célia Lima
Maria Cristina da Conceição
Maria das Graças Dias Fortes
Maria das Graças Ferreira Silva

Maria Helena da Silva
Maria José Pereira de Magalhães
Marilene de Oliveira Rocha
Marly Ferreira Guterres
Miryam Waleska Martins Santos
Neusa Aparecida de Toledo Araújo
Neusa Maria Nora Andrade
Neusa Maria Soares
Osmária M. da Silva
Paula Zanon
Rosa Haruco Iwata
Rosângela Valente Veloso
Rosimeire Silva Marques
Rute Batista da Glória Pereira
Sociedade Arnoud Sampaio Pedrosa
Sonia Soeli Lourenço
Sueli Maria Borges
Vera Lúcia Oliveira dos Santos
Vilda do Carmo Dias
Violeta Yamaguchi
Walmira Maria Farias Aroso
Yêda Palmeira de Barros

EQUIPE DO ENSINO SUPLETIVO

ENCARREGADO: Mario Rubem Ferreira de Cerqueira
PROFESSORES: Cezar Gomes do Nascimento
Vera Lúcia de Azevedo P. Cunha

PROFESSORES:

Alzirina Rezende
Denise Caldas Barcelar de Oliveira
Eliane Benedita da Silva
Enio Tonietto
Felizarda Ferreira da Silva de Freitas
Floriano Catarinense Peixoto
Genebaldo Freire Dias
Helena Barra
Ilca Vicentina Teixeira
Inez Rosa Morais de Assis
Joacy Oliveira Machado
José Domingos Piva
José Farias de Oliveira
Mara Denise Lopes Dias
Maria Aparecida Peixoto Souto
Maria Deuzuite Ribeiro Nolasco de Assis
Maria de Lourdes Di Sant'Anna
Maria de Lourdes Rodrigues Maia
Maria Salette Moita Vianna
Marilda Tranquillini Nery
Mércia Luci Tonezan Nunes
Névio Campos Salgado
Ovídio de Souza Souto
Paula Ermita Cruz Lopes
Releytan Lago Caribé
Renato Ferreira Guimarães
Ricardo Sant'Anna de Moraes
Sáber Abreu

APOIOS DA DIREÇÃO DA ENB

PEDAGÓGICO: Cecília de Fátima P. S. Borges
ADMINISTRATIVO: Célia Rios Carneiro
MERENDA ESCOLAR: Neide Santos

EQUIPE ADMINISTRATIVA AUXILIAR À EDUCAÇÃO

ENCARREGADO: Cátia Lúcia Costa de Oliveira
SECRETÁRIA: Jane Gonçalves de Lima

Alderina Pereira da Rocha
Almerina de Lima Lins
Ana de Almeida Otoni
Ana Cleyde C. Lopes
Ana Crystyna R. Lessa
Angela Agnela Trindade
Antonia Araújo da Silva
Antonia Maria da Silva
Claudia Santos de Lima
Denilsa da Silva Ferreira
Doris Carvelo Xavier
Francisco Pereira de Sousa
Gonçala Pereira de Sousa
Haroldo Saraiva Carneiro
Hélio da Rocha Bomfim
Inês Batista da Silva
Iracly Abadia de Faria
José Cesário Costa
José de Ribamar Pereira
Josefina Maria da Hora
Juarez Pereira
Lourdes Maria de Jesus
Maria Auxiliadora da Silva Nuvem
Maria Barbosa de Oliveira
Maria do Carmo P. de França
Maria de Fátima Barbosa
Maria Francisca de Souza Moreira
Maria das Graças Galeno Silva
Maria de Jesus Gomes
Maria Júlia Paz da Costa
Maria Lica Nogueira
Maria Madalena da Silva Costa
Maria Ofrásia
Maria Rosário Lopes Melo Cerqueira
Nair Matias
Nilza Rodrigues de O. Carvalho
Pedro Cordeiro de Araújo
Pedro Santos
Raimundo Alves de Lima
Raimundo Ferreira Barros
Regina Célia da Silva
Regina Fátima da Silva
Sandra Raquel de Almeida
Severino Ramos dos Santos
Valmira Ribeiro da Hora
Vanilde Ferreira de Mello
Wilmas Tadeu Roriz de Farias

EQUIPE DA BIBLIOTECA

COORDENADORA: Maria Gema Freitas

Francisca Saraiva Motta
Maria Auxiliadora Passos do Carmo
Maria Denise Alves de Lima
Sílvia Maria Tarapanoff
Wagner de Deus Passos

ALUNAS DO CURSO NORMAL (ENB - 1990)

1ª SÉRIE "A"

Adriana Lins Ribas
Adriana Santos de Oliveira
Ana Carla Frota Menezes
Ana Claudia Alves de Ribeiro
Ana Luiza Gomes de Sousa
Ana Gabriela Vaz dos Santos
Ana Lúcia Silva de Souza
Andrea Cristina Rocha Ribeiro
Andrea Poley de souza
Carla Helena Moreno dos Santos Rose
Daiane Conceição Mauro Neves Dórea
Débora da C. Badaró
Flávia Regina Gonçalves Ribeiro
Gesi Lara Fonseca Teles
Gerusa Jaske
Josefa Almeida de Carvalho
Lana Cristina Madureira Lopes
Maria Aparecida Pereira Leal
Monica Francisca da Silva
Nadja Rejane C. Regis
Thais Olivieri de Almeida
Roseane Macedo de Almeida
Ramon Nunes Ribeiro
Viviane Araújo Passos
Paula Regina Rosa da Silva
Adriana de Araújo Ferreira

1ª SÉRIE "B"

Adriana Gonçalves Silva
Alda Amélia Franco Verlindo
Alexandra Paiva de Souza
Andréa Cordeiro de Moura
Ângela Maria da Conceição Silva
Auxiliadora Lemos Pereira de Souza
Bianca de Paula Silveira
Daniela Lima Cajueiro
Dulce Santos Pinheiro
Fernanda Saldanha
Flávia Maria Couto Rocha Mello
Hulda Maria da Silva
Yara Castello B. da Silva
Iolanda Maria Torres Rodrigues
Janaina Inácio da Silva
Juliana de Cássia Gomes
Lídia Conceição Dias Silva

Luciane Juliana de Mendonça
Marta Dourado Rodrigues
Michelle de Oliveira Santos
Norma Regina Gonçalves
Paula Regina Rosa da Silva
Renata Ribeiro D'Arrochela Lobo
Rita de Cássia Vieira do Nascimento
Rosine F. Ramos
Sandra M. C. Mariano
Sayuri Joselita Grace P. Shinoda
Sheila Martins Basile
Tatiane Alecrim de Sousa
Valéria Marinho da Costa

1ª SÉRIE "C"

Adriana Pereira de Araújo
Alexandra Álvares Caetano
Ana Carolina Silveira
Ana Paula Alves de Oliveira
Ana Paula Gomes Martins
Andréa Laboissière Vasconcelos
Antônia Rosilene Alves Lima Andrade
Cátia Regis de Sousa Lacerda
Daniela Roquete Furtado
Danielle Cunha Carneiro de Lima
Elaine Silva Oliveira de Andrade
Elizabeth Ferreira Gomes do Monte
Érica Cristine Silva
Evangeline da Justa Vieira
Fabiana Barros de Araújo
Gracielle Meireles de Assis
Helaine Gonçalves da Silva
Maria das Graças Gomes Martins
Maria Leide Lima da Silva
Nolita Almeida Cortizo
Renata Fortaleza Cunha
Soraya Laboissière Villela
Suênia Kátia Silva Cirilo
Sylvier Moraes de Oliveira
Vânia Ferreira de Farias
Virgínia Ferreira Mello

1ª SÉRIE "D"

Adriana Viegas Mendes
Alexandra Pereira da Silva
Ana Daniela Feitosa
Ana Lúcia da Silveira Soares
André Luiz Malta Satirio
Andréa de Sousa Garcia
Andreia Vargas do Espírito Santo
Claudia Eliza Silveira
Cristiane de Aquino Santos
Cristiane Vieira de Queiroz
Elaine Cristina da Silva
Fabiana Kutchenski
Fernanda Antunes dos Reis
Francisleide de Lucena Barbosa
Irani Moura da Frota Ferreira

Irene Lúcia Marques
Luzia Helena de Melo
Maisei Pereira
Maria Dantas da Costa Neta
Maria de Fátima Vieira de Sousa
Maria Lúcia M. de Oliveira
Marla Cristina de Leles Pereira
Mierly Gonçalves Teodoro
Otilia Nures Vieira de Queiroz
Renata Cristina Elias
Rosilene Albuquerque da Silva
Vanessa Rodrigues Martins
Viviane Martins de Souza

SÉRIE "E"

...na Medeiros Brum
...ana Santana de Andrade
Ana Cristina De Castro
Ana Helena Gigliotti de Luna Freire
Ana Paula Bastos Aranha Reis
Andréa Cristina de Queiroz
Angélica Acácia Ayres Angola
Beatriz de Sousa Griesinger
Carla Cristina de Oliveira Campos
Cintia Souza e Silva
Érica Ribeiro Lobão de Castro
Fábio da Silva Nascimento
Flávia Jarfala de Oliveira Gomes
...cieloide Silva de Brito
...o Nascimento
...ves Mohammad
...me Nunes Lacerda Batista
Marcia Correa da Silva
Marcia Neide Cardoso
Roseluanda Vinagreiro de Aquino
Walbéia Santos da Silva
Valdecina Moreira Sales
Hildene Pereira Guimarães
Fernanda Borges da Silveira
Magna Antonia S. Cordeiro
Eleni Panagiotidon Pedrosa

1ª SÉRIE "F"

Adailza Amélia da Silva
Adriana Cristina Wanderley Silva
Adriana Ferreira Gomes
Claudia Moreira Pinheiro Carvalho
Danielle Maria Gomes Palhares
Deise Cristine de L. Messias
Elenita Martins de Oliveira
Fernanda Jubé Sanches
Fernanda Neves Dib
Gerciane Gomes de Oliveira
Gescivânia Cabral Leite
Janaina de Moura Osório
Juliana Pereira de Souza
Katilen Machado Vicente

Keille de Azevedo Roriz
Keler Ferreira Tiussi
Klévia de Oliveira Leal Fernandes
Léa Azevedo Bittencourt
Lilian Randolpho Silva
Lindalva Tiussi
Lucelia Romeiro da Silva
Margarete Cunha de Lucena
Maria de Fátima Alves Tavares
Maria Perpétua Pereira
Simone Rocha de Queiroz
Vanessa Gomes Stona

1ª SÉRIE "G"

Adriana Fidélis Bernardo
Alice Rocha Barboza
Ana Cecília e Silva Pereira
Ana Cristina de Oliveira Cardoso
Ana Cristina Oliveira Ramos
Ana Paula S. B. de Lima Santos
Andréa de Sousa
Angélica Medeiros Barbosa
Claudia Ricardo da S. Farias Ferro
Danyella Stefany Aparecida de Assis
Hedineide Rodrigues Machado
Eliza Almeida Araújo Bastos
Eunice Mendes do Espírito Santo
Flávia Rocerta Soares Dias
Karla Regina Santos Freire
Maria Cristina Lima Cunha
Maria Ester Bezerra de Sousa
Nadja Meyre Mariano de Amorim
Renata de Souza Lima
Sandra Marcia dos Santos
Sheila Silva
Vanessa da Silva Freire
Verônica Conceição da S. Oliveira
Clarice de Lourdes Carlos Durães

2ª SÉRIE "A"

Adriana de Andrade Amorim
Alessandra Alves da Silva
Alessandra Doniak
Alessandra Salomão de S. Alves
Aline Altoé Duar
Ana Cristina de Freitas Souza
Carla de Almeida Cordeiro
Carla Sena dos Santos
Cláudia Moura Foly
Cleide Alves Ribeiro
Denise Alves Bezerra
Eliane Fátima Ramos Lima
Fabiola Nunes de Sá
Flávia Lopes Oliveira
Flávia de Oliveira Reis
Gisele Regiani R. Nogueira
Jeanne Santos Aragão
Júnia Elizabeth Rocha Mendes

Kelen Livia Santana Bastos
Luciane Cabral dos Santos
Marcia Tranquillini Nery
Milca Araújo Moraes
Mônica Andreia Amorim Silva
Ozilene da Costa Andrade
Raquel Lima da Costa
Rosângela Rodrigues Villa Real
Soraia Nery de Oliveira
Vanda Cristina da Silveira Soares
Vanessa Hiolanda de Castro Elias
Vania Pereira Frony
Patrícia Kapassi

2ª SÉRIE "B"

Ana Catharina de Souza Vieira
Ana Cláudia Pereira de Barros
Ana Paula Luli Teixeira
Ana Rosa Moraes Melo
Andréa Pastana Cabral
Adriana Borges de Lemos
Cláudia Alves da Silva
Daniela Tarsitano
Danielle Cristina Alves
Eliane Aparecida Carneiro
Eliane de Castro Silva
Fabiana Ferreira dos S. Carvalho
Francisco de Castro Silva
Hailton Antunes da Silva
Helenice Paes Landim
Jaqueline Lopes Moreira Lima
Larissa Albuquerque Florêncio
Lais de Mello Popolo
Liliane Cristine da Cruz
Lucinete Rodrigues Bezerra
Máira Vicente Braga Marinho
Marcleides Araujo Lima
Márcia Maria Felipe
Márcia Lemes da Silva
Maria Inez da Silva
Patrícia Rodrigues Martins
Renata Amaral de Carvalho
Sandra Cavalcante dos Santos
Suelaine Aparecida S. Neves
Sumaia Santos Dias
Suyenne Figueiredo B. de Menezes
Vagner Luiz da Costa Melo
Valéria Moreira Neves dos Santos
Vânia Maria de Carvalho
Vanuza da Silva Oliveira

2ª SÉRIE "C"

Adilza dos Santos Cerqueira
Ana Cristina Barbosa
Ana Maria Rodrigues Costa
Ana Paula Rosa Garcia
Andréia Correa de Souza

Bárbara Cecília de Paula Soares
Cleide Aparecida da Silva
Cleide Renata Sobral de Lima
Cleulene Portugal dos Santos
Denise Pereira Lima
Elma Alcântara Arcanio
Érica Cristina da Cunha Henrique
Gisela Ricarte Schneider
Gláucia Xavier Cirilo de Sá
Heloisa de Fátima L. de Freitas
Jane dos Santos Pires
Luciana dos Santos Barcelos
Mabel Pereira do Nascimento
Márcia Helena da Silva
Maria Renata da Silva Pereira
Marlize Mourais Furtado
Melissa de Lurdes Dutra da Silva
Mônica Azevedo de Souza
Mônica Vieira de Proença
Regina Célia Teles Monteiro
Renata Souza de Andrade
Úrsula Keila de M. Siqueira
Zomara Célia Araujo de Assis
Selene Reis dos Santos

2a. SÉRIE "D"

Alessandra Pereira da Silva
Ana Cristina da Silveira Rosa
Ana Paula Iolovitch
Ana Lúcia Soares Bento
Carmen Roriz Torrin
Cíntia Palmeira Meschick
Cleide Renata Sobral de Lima
Cristiane Franco Ferreira
Daniela Wetzel Gastal
Edileusa Calixto Daher
Eliana Camilo Pinheiro
Elizabeth Chaves Santos
Elisabete Fátima Alves
Flávia Carneiro Alvarenga
Georgina da Silva Pinto
Izabela Luisa Oliveira
Jaciléa dos Santos Araújo
Janaita Pacheco Vieira
Joana D'Arc Soares da Nóbrega
Kelly Cristina Valadares de Pinto
Margarida Aquino da Conceição
Maria Elivância Machado
Patrícia Angélica Soares da Nóbrega
Renata Rodrigues Costa
Rosemary Barros Pereira
Renata Lopes Costa
Rosilene de Araújo Borges
Sirleuza de Jesus
Telma Sales Batista
Terezinha da Silva Barbosa
Valéria Nascimento Miranda

2a. SÉRIE "E"

Ana Carla Alves Cardoso
Ana Marta Cintia Ribeiro
Arlinda Virginia R. Moraes
Bárbara Cristiane Amorim da Rocha
Beatriz da Costa Pessoa
Cátia Régila dos Santos Bonfim
Christianne Moreira Ribeiro
Cristina Maria Cosme Gonçalves
Daniela Nunes Faria
Gilca Martins de Moraes
Helen Vieira Rodrigues
Mar Torres Reis
Márcia de Oliveira
Jaqueline Bastos Barcelos
Assiana Ramalho Formiga
Kalena Deusa Ribeiro Lima
Kárem Cristine Pereira Martin
Kelly Josiane M. de Souza
Lélia Augusta Estrela
Lúcia Tolentino Caetano
Márcia da Silva Santos
Maria Márcia Barroso
Patrícia Filgueiras dos Santos
Raquel Vieira dos Santos
Regina Celia Flores Silveira
Rosemeire Marques da Silva
Franciane Scoto da Silva

SÉRIE "A"

Adriana Scárdua
Alana Roberta Grassio
Alessandra Andrade R. Marques
Alessandra de Sene Trindade
Aline Andrade e Andrade
Berenice Rodrigues de Souza
Carolina Angélica Moreira Sanchez
Carolina de Oliveira Lopes
Cláudia Adjuto de Araújo
Cláudia Fernandes Caetano
Debora Dalla Barba
Eloisa Elena V. de Lima
Eusilene Belmira Rodrigues
Fabiane Reis
Fabiana Silveira Luzardo
Gláucia Jalles Lana
Hélen Castanho Mendes
Iracilda Rodrigues de Souza
Jaqueline da Rocha Fonseca
Janaina Graça Rodrigues de Medeiros
Jane Mendes Gudim Ferreira
Luciana Marques dos Santos
Luciane Maria da Silva Machado
Luciane da Silva Alves de Carvalho
Marcia Muniz Raimundo dos Santos
Marisa Moreira Assis
Mary Araujo Ferreira

Patrícia Ribeiro da Silva
Rosângela Alves Pereira
Simone Chaves Ros
Telma Ferreira da Conceição
Valdevância Alves da Silva
Zenaide de Medeiros
Zuyla Guimarães Lopes

3ª SÉRIE "B"

Aline Barboza Machado
Andréa Aparecida Tocantins Riga
Andréa Donzeli de Lima
Cristiane Menezes Cruvinel Borges
Elizângela Lima Ferreira
Fabiola Lima de Melo Ferreira
Flávia Braga Ávila
Flávia Telles Moreira
Gercina Almeida dos Santos
Izabel Araujo de Lima
Janaína de Noronha Lima
Kelly Alzira Turial da Silva
Lana Cristina Fernandes Nascimento
Larissa Queiroz Medeiros de Oliveira
Lianne Carvalho de Oliveira
Luciana Barbosa de Assis
Luciana Meyre Gomes da Silva
Maria da Soledade Aires dos Santos
Maria de Fátima de Oliveira Coêlho
Maria Rosana de Matos Silveira
Maristela Fleming Magalhães
Marluce da Silva
Mílana Pimenta
Patrícia Loriato Nazareth
Rosimeire Ferreira
Silvana Leal Barbosa
Simone Aranda Teixeira
Valéria Martins da Costa
Vanessa Fernandes V. Freire
Zildete Maria de Sousa
Geisa Morgado de Oliveira

3ª SÉRIE "C"

Adriana Bezerra
Adriana Oliveira dos Santos
Alessandra Freire M. Campos
Algea Cristina Silva de Almeida
Ana Carla C. Meurer
Andréa Giocondo
Andréa Guedes Capucho
Angélica Maria Alves
Carlos Renato da Silva Vital
Claudene Aguiar de Araujo
Cristina Darlem M. Tavares
Cristina de Carvalho
Daniela Pereira de Castro Vieira
Daniel Dutra Oliveira
Eliane Sueli da Silva
Gladys M. Leite

Jailton Mouta Cruz Sousa
Josinete Magalhães Cavalcanti Gonçalves
Kátia Maria Araújo Monte
Lauriana Maria de Siqueira
Leila Ferreira Muniz
Luciana Chaves Araújo
Luciana Rodrigues Rocha
Maria das Graças de Sousa
Maria das Graças M. de Paula
Maria das Mercês Ramos de Araújo
Michele Cristiane Nogueira Barbosa
Nancy Oliveira Faria
Patrícia Maria da S. Vital
Priscylla Adriana Gebrim Silva Domingues
Regina Gonçalves Albiero
Sandra Maria Antunes de Oliveira
Shuly Marina Ferreira de Sousa
Valdinete Soares da Silva

3ª SÉRIE "D"

Adriana Pereira
Alessandra Santos Ludgero
Ana Claudine Santana Santoro
Ana Paula Zavarese

Bagda Cristina da Silva
Clelyane Tavares de Lucena
Cristiane Mendes Carvalho
Diana Silva Souto
Edna Gonçalves Mendes
Elisângela de Oliveira Lima
Flávia Regina Sacramento Porcidônio
Glenda Marly Aranha dos Reis
Glória de Fátima V. Teixeira
Jane de Sousa Dias
Kelvia B. de O. Leal Fernandes
Letícia Costa Rovo
Lisiane Pereira Teixeira
Luciana Inácio Dantas
Marcia Batista Brito
Patrícia de Gouvêa
Patrícia de Magalhães Pessoa
Renata Berita Aguiar
Rita de Cássia Ferreira da Silva
Rúbia Carla dos Santos Lopes
Sandra Maria da Rocha Carvalho
Simone Angélica Alves
Vera Lúcia Ribeiro
Verônica de Oliveira Machado
Virgínia Maria Eugênia Mendes
Viviane Kerry Tomáz de Carvalho
